

Perdão total no casamento

*Um livro para quem
deseja uma união
duradoura e feliz*

MAURÍCIO ZÁGARI



MAURÍCIO ZÁGARI

PERDÃO TOTAL NO CASAMENTO

UM LIVRO PARA QUEM DESEJA
UMA UNIÃO DURADOURA E FELIZ

MC
mundocristão
São Paulo

Mídias Sociais

 curta

 siga

 confira

 assista

 acesse

Copyright © 2017 por Maurício Zágari Publicado por Editora Mundo Cristão

Os textos de referência bíblica foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (NVI), da Biblica, Inc., salvo indicação específica. Eventuais destaques nos textos bíblicos e citações em geral referem-se a grifos do autor.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Equipe MC: Daniel Faria Heda Lopes

Natália Custódio

Revisão: Josemar de Souza Pinto *Diagramação e e-book:* Felipe

Marques Capa: Souto Crescimento de Marca

Z23p

Zágari, Maurício

Perdão total no casamento [recurso eletrônico] : um livro para quem deseja uma união duradoura e feliz / Maurício Zágari. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2017.

recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web ISBN 978-85-433-0207-2 (recurso eletrônico)

1. Casamento - Aspectos religiosos - Cristianismo. 2. Pessoas casadas - Aconselhamento. 3. Livros eletrônicos. I. Título.

15-19780

CDD:
231
CDU:
27-14

Categoria: Casamento

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por: Editora Mundo Cristão

Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP
04810-020

Telefone: (11) 2127-4147

www.mundocristao.com.br

1ª edição eletrônica: abril de 2017

Sumário

Agradecimentos

Prefácio

Uma palavra inicial

Dá certo!

1. O que você precisa saber sobre perdão
2. Perdoar e se arrepender no casamento
3. Os principais erros que você pode cometer no casamento
4. Amando do jeito certo

Palavras finais

Perdão total no casamento: além da teoria

Sobre o autor

Agradecimentos

A Deus, que me estendeu e continua estendendo perdão total todos os dias, apesar de mim.

À minha esposa, Alessandra, sem quem este livro não poderia ser escrito, por me exercitar diariamente na disciplina do perdão — pelo muito que me perdoa e pelo tanto que me faz perdoar.

Ao bispo Miguel Uchôa, da Paróquia Anglicana do Espírito Santo (PAES), de Recife (PE), pelo convite para palestrar no Momento A2 sobre o perdão total no casamento. Sem que soubéssemos, brotava ali a semente desta obra.

A Mark Carpenter, em cujo coração nasceu a ideia deste livro.

Ao editor Daniel Faria, por tornar este livro muito mais útil e abençoador para os leitores por meio de sua competentíssima edição.

A Luciano e Adriana Costa, por compartilharem sua história de arrependimento e perdão sem pedir para ocultar sua identidade. Com esse gesto corajoso diante de uma sociedade que ainda não compreende plenamente o que significa perdoar, vocês mostraram que entendem que o perdão total faz tudo novo no casamento e apaga sem deixar vestígios a culpa pelos erros. E, no perdão, não há espaço para vergonha.

Aos pastores Cláudio Tupinambá, Luciano Costa e Marcelo Vidal, amigos e irmãos, por terem lido os originais deste livro e contribuído com valiosas críticas e observações.

A você, leitor, a razão de este livro existir. Que as realidades que ele apresenta o ajudem a viver feliz e em paz no seu casamento.

Prefácio

Não é bom que o homem esteja só, mas também não é fácil permanecer bem casado. O pecado fez uma bagunça no maravilhoso plano original de Deus. Não existe casamento perfeito, eu sei, mas é possível viver um casamento feliz, graças à graça bendita de Deus. Por isso, para manter o casamento agradável e abundante precisamos estar em constante aprendizado.

Temos uma enorme facilidade de “aprender para o outro”, dizendo coisas como “Quem precisa ouvir isso é meu marido”, ou “Ah, isso serve para a minha esposa”. Ou seja, em vez de sermos cônjuges agradáveis e imitadores de Cristo, nos tornamos exigentes e críticos. Precisamos aprender para nós mesmos e desenvolver um novo caráter, cujo modelo seja o nosso Senhor, que nunca pecou e é um ótimo marido de sua Igreja.

Os homens são, normalmente, mais preguiçosos na manutenção de seus relacionamentos, pois dedicam suas principais energias à realização de projetos. O fato, porém, é que tanto as mulheres, mais propensas às relações interpessoais, como os guerreiros desajeitados precisam conhecer o que a Bíblia ensina a respeito do projeto do casamento. Se Deus idealizou a família, ele sabe como fazê-la funcionar bem ou como consertá-la em caso de defeito.

Por isso é que a Bíblia está repleta de instruções sobre como a família deve viver e apresenta princípios poderosos que trarão o céu para dentro do lar. Esse trabalho de extrair das Escrituras Sagradas as tão necessárias instruções é realizado com maestria e competência ímpar por Maurício Zágari, que não somente explica, mas materializa um pouco de seus vários anos de casamento com Alessandra.

O autor entende do assunto, se esmera por vivê-lo, reconhece com transparência suas falhas e se tornou um modelo de homem, marido, sacerdote, professor e pastor para sua casa. Ele tem coragem ao nos confrontar cirurgicamente, sem deixar de ser um otimista bíblico, que crê no poder e na graça de Deus. Veja o que ele escreve: “A boa notícia é que é totalmente possível [ter um casamento feliz]! Viver sem errar é impossível, mas aprender com os erros e evitar repeti-los no futuro é uma atitude viável e que está ao seu alcance”. Sim, você pode!

Não precisamos mais viver o caos do pecado. Jesus nos reconectou com Deus, e este livro é sobre casamento, sobre prevenção e cura. Ele conta com a provisão divina e quem o lê com mente atenta, coração aberto e em dependência do Criador tem grandes chances de viver o perdão total, tão desejado e necessário para um casamento que glorifique a Deus, agrade os cônjuges e produza filhos semelhantes a Jesus.

Boa leitura!

PR. JOSUÉ GONÇALVES

Escritor, conferencista e pastor do ministério Família Debaixo da
Graça (SP)

Uma palavra inicial

Casar é maravilhoso! Quem não deseja encontrar aquela pessoa especial com quem constituir família, dividir alegrias e tristezas, dar e receber amor, enfim, viver o sonho da vida conjugal? Aquele certo alguém, cuja presença trará felicidade e realização afetiva e emocional até que a morte os separe? É maravilhoso viver a possibilidade de ter um amor para chamar de seu, que se preocupe com você de forma dedicada e seja capaz de dar a vida em seu lugar.

Por fim, você encontra o candidato perfeito, o príncipe com que tanto sonhou, a princesa perfumada e deslumbrante por quem ansiava. Namoro, noivado e... afinal, chega o dia! A noiva, de branco. O noivo, com mãos trêmulas no altar. A festa, os convidados, lindas canções de amor, a promessa de amar eternamente, na saúde e na

doença. Lágrimas de alegria e emoção. Sorrisos. O sonho se realizou! Enfim sós...

Mas, assim que acaba a lua de mel, começa a vida real. Contas a pagar. Filhos chorando. Reformas na casa. Prestações. Correria. Cansaço. Dinheiro curto. Falta de tempo. O cano que estoura. A goteira no telhado. Estresse. Rotina. Irritação. O sonho dourado mostra um ângulo que, se não for bem trabalhado, pode gerar muitos problemas: a realidade nem sempre será linda e perfumada. O marido não é de ferro. A esposa é humana. Ambos têm defeitos. E, se algo não for feito, dentro de algum tempo virão as brigas, os desentendimentos, as discordâncias, que revelam a fragilidade de unir duas pessoas diferentes em uma só carne. O casal são dois e um ao mesmo tempo, e essa matemática muitas vezes não fecha. E aí, o que fazer?

Muitos casais, que um dia viveram o sonho do “e foram felizes para sempre”, começam a se dar conta de que essa frase é tão irreal como as fadas dos

contos. A realidade é bem diferente. E, se marido e mulher não se precaverem para evitar cometer erros de relacionamento nem trabalharem para consertar os danos causados pelos erros que conseguiram furar a blindagem, o resultado será infelicidade ou divórcio. Há como evitar isso? Sim, há. E é sobre isso que pretendo tratar neste livro.

Recebo com frequência assombrosa em meu *blog*, o *Apenas* (apenas1.wordpress.com), comentários de cônjuges em crise. O *post* mais comentado da história do *blog* se intitula “Casei errado. E agora?”. São centenas de relatos de rasgar o coração, homens e mulheres que abraçaram o sonho da vida a dois, mas acabaram ingressando num relacionamento conturbado e hoje vivem infelizes, abatidos, deprimidos, quando não divorciados. Vejo pessoas atravessando os mais variados tipos de problemas entre as quatro paredes do lar, que vão da infidelidade ao desrespeito, das ofensas à indiferença, da agressão física à agressão do

silêncio. Existe uma gama enorme de problemas conjugais, questões que afligem milhares e milhares de pessoas de todas as idades e classes sociais, todos os dias, em milhões de lares.

Muitos homens e mulheres em aflição me procuram pelo *Apenas* ou pelo Facebook em busca de conselho, consolo, uma palavra amiga ou apenas para desabafar. Uma parcela assustadora deles vive sua tristeza em silêncio, sem coragem ou condições de buscar ajuda, com histórias que me fazem chorar por eles. Essa procura aumentou enormemente depois que a editora Mundo Cristão lançou, em 2014, *Perdão total: um livro para quem não se perdoa e para quem não consegue perdoar*. Pessoas que leram a obra começaram a me escrever, me abordar em eventos e me procurar pelas redes sociais — aos montes. Relatos e mais relatos de vidas desconjuntadas, relacionamentos abalados, crises conjugais, lágrimas e lamentos passaram a se avolumar diante de meus olhos. O fato é que tenho

visto com espantosa frequência a palavra *infelicidade* ligada a *casamento*, quando não deveria ser assim.

Pouco a pouco, isso começou a me incomodar de forma crescente, por ver tantas pessoas em crise e ser capaz de fazer tão pouco para ajudá-las. É muito difícil prestar auxílio por meio da Internet, à distância, ainda mais sendo casos tão complexos, marcados por anos de erros e feridas profundas. Por isso, sempre peço a quem me procura pelo *blog* ou pelas redes sociais que busque um sacerdote ou um terapeuta familiar, para que tenha orientação e acompanhamento de perto, com calma e atenção — a proximidade e a dedicação necessárias que a Internet não permite ter. Eu não “presto aconselhamento” a ninguém *on-line*; seria uma gigantesca irresponsabilidade. Se você ler este livro e desejar me procurar para aconselhamento, por favor, não faça isso: procure alguém próximo, que possa auxiliá-lo com presença e tempo.

Dentro dessa realidade, fui tomado pela forte convicção de que tinha de fazer o que estivesse ao meu alcance para ajudar esses maridos e esposas entristecidos, cumprindo, assim, a vontade de Deus, como explicitado na Bíblia: “Alegram-se com os que se alegram; chorem com os que choram” (Rm 12.15). Mas eu não sabia o que poderia fazer. Eu refletia e orava, tentando imaginar como estender a mão a essas almas preciosas, sedentas por alento e orientação.

Foi quando recebi um convite do bispo Miguel Uchôa, líder da Paróquia Anglicana do Espírito Santo (PAES), em Recife (PE). Ele tinha lido *Perdão total* e decidiu iniciar diversas atividades em sua igreja com base no livro, como uma série de pregações e debates em pequenos grupos. Por isso, pediu-me que fosse pregar na PAES e, também, palestrar em um evento para casais, promovido pela igreja, em um hotel da cidade. O tema sugerido: *Perdão total no casamento*. Aceitei o convite e, tempos

depois, lá estava eu diante de quatrocentas pessoas para falar sobre a questão. Embora eu seja um teólogo cristão, uma grande quantidade dos duzentos casais presentes era de pessoas ateias ou seguidoras de outras religiões. Mesmo assim, segundo relatos que me foram passados, a palestra parece ter causado um impacto significativo nos presentes. Conversando com muitos deles ao fim da preleção, pude constatar como o tema é necessário e urgente. Também ficou claro para mim como os ensinamentos bíblicos podem contribuir para a vida conjugal de gente de todas as crenças religiosas.

Mas a coisa não parou por aí. Logo na semana seguinte ao evento, a gerente editorial da Mundo Cristão, Silvia Justino, me procurou com uma proposta: a editora gostaria que eu escrevesse um novo livro. O tema seria... *Perdão total no casamento!* Meu queixo caiu. Quando ela me perguntou se eu aceitaria, só consegui sorrir, pois vi nisso uma confirmação inequívoca de que eu deveria, de fato,

me dedicar a escrever sobre o assunto. Foi quando me voltei para a Bíblia e, ao pesquisar com profundidade o assunto, vi que as Escrituras Sagradas do cristianismo apresentam muitas respostas para os problemas do casamento, respostas contundentes e repletas de esperança e paz. Por isso, tudo o que abordo neste livro tem por base os sólidos e eficientes ensinamentos da fé cristã, válidos em qualquer época e em qualquer contexto social.

Não tenho o desejo de me apresentar como um supermarido, um homem perfeito, conhecedor de fórmulas mágicas ou mirabolantes para tornar feliz um casamento — isso seria propaganda enganosa, e acredito que a transparência, a sinceridade e o esforço são vitais para tudo o que fazemos. Meu casamento é bastante “de carne e osso”, com erros e acertos, problemas e atritos, altos e baixos, bons e maus momentos, como todo relacionamento conjugal. Minha família não é a do comercial de margarina. E eu me vejo como um marido bastante

normal, humano, que erra bastante, mas faz de tudo para extrair lições dos erros na tentativa de não repeti-los — porque o erro tem um potencial pedagógico enorme quando nos dispomos a aprender com ele.

Ao longo de meus anos de casado, cometi muitas falhas com minha esposa, e vice-versa, o que me levou a ter uma visão bastante realista e bem pouco idealizada da vida matrimonial. Por isso, o que proponho neste livro não são ideais inatingíveis, muito pelo contrário: são soluções reais para pessoas reais que vivem casamentos reais. Como você. Como o seu casamento. Não apresento “receitas milagrosas para o sucesso” ou “sete passos [impossíveis de cumprir] para a felicidade conjugal”, mas, sim, caminhos bem pé no chão para ajudar você a alcançar a paz e a consequente felicidade no seu lar.

Este livro não foi escrito para agradar nem para dizer o que você quer ouvir, mas para orientá-lo de

forma responsável e auxiliá-lo dentro da realidade da vida. Existe uma enorme necessidade da parte dos cônjuges que desejam acertar em seu casamento de se esforçar, se dedicar, se empenhar, renunciar e vivenciar boas doses de arrependimento e perdão — como pretendo mostrar nas páginas a seguir.

A boa notícia é que é totalmente possível! Viver sem errar é impossível, mas aprender com os erros e evitar repeti-los no futuro é uma atitude viável e que está ao seu alcance. Qualquer pessoa é totalmente capaz de ver restaurado o seu casamento em crise, de ver, das ruínas, o castelo ser refeito. Não é fácil, mas, se você tiver a disposição de viver de forma concreta o amor conforme apresentado na Bíblia, tenho plena confiança de que conseguirá ser feliz na vida a dois. Tenho visto isso ocorrer na prática. Portanto, quero compartilhar com você o caminho que vejo funcionar, para ajudá-lo a evitar novos erros no casamento ou a refazer um matrimônio que esteja em crise.

Este livro se divide em quatro capítulos. No primeiro, faço uma apreciação sobre pontos fundamentais para o entendimento do que é o verdadeiro perdão bíblico e esclareço dúvidas comuns sobre o assunto. No segundo, apresento o que acredito ser o caminho para prevenir problemas conjugais e reconstruir relacionamentos em crise: *arrependimento* e *perdão*. No terceiro, destrincho os principais tipos de erros que marido e mulher podem cometer na vida conjugal, erros esses que classifico em três grupos: *ações*, *omissões* e *inversões*. E, no quarto, analiso as características do amor verdadeiro e sua importância para a manutenção do casamento, com destaque para as três colunas que acredito serem o sustentáculo do amor conforme Deus o idealizou: *razão*, *sentimento* e *atitudes*. Acredito que essa é uma seção importante, em especial para quem ainda não se casou, a fim de que venha a ingressar futuramente em um matrimônio compreendendo exatamente e sem romantismos ou

idealismos irreais o que é o amor que deve nos levar ao altar.

Ao final de cada um dos quatro capítulos, faço o resumo daquela seção e, em seguida, proponho perguntas para reflexão pessoal ou em grupo. A ideia dessas perguntas é ajudar você a identificar áreas de sua vida a dois em que esteja falhando ou errando, para que consiga promover as mudanças necessárias. Ou, se você é solteiro, a refletir sobre questões-chave da escolha do cônjuge e do casamento e se preparar antecipadamente para subir mais bem estruturado ao altar.

Por fim, para mostrar que o que proponho neste livro tem aplicação prática e de fato funciona, incluí o relato de um casal que trilhou um caminho de erros até o ponto em que a relação ficou tão abalada e esfarelada que um dos cônjuges cometeu adultério. Com isso, o casamento seguiu abismo abaixo. A história de Luciano e Adriana serve como um exemplo perfeito do que abordo neste livro. A

ideia é que, ao ler o relato desse casal, você veja como os conceitos apresentados ao longo das próximas páginas têm aplicação real no dia a dia da vida a dois.

Perdão total no casamento foi escrito com um duplo objetivo: prevenção e restauração. Como forma de prevenção, para alertar acerca de erros e problemas que podem corroer os pilares sobre os quais se sustenta a vida conjugal e que, se você não se antecipar, podem começar a ser cometidos no processo de escolha do futuro cônjuge, antes mesmo de subir ao altar. Nesse sentido, é uma leitura para pessoas já casadas, mas também para quem está se preparando para subir ao altar e deseja entrar nessa incrível aventura a dois procurando evitar erros desde o início. E, como proposta de restauração, para mostrar como um casal pode superar as crises e erguer relacionamentos em ruínas, fazendo do matrimônio uma jornada bem-sucedida.

Meu desejo é que a leitura das próximas páginas seja muito proveitosa para a sua vida conjugal e que os conceitos aqui apresentados contribuam para apontar caminhos que já se comprovaram eficientes na manutenção e na restauração de casamentos. Sem fórmulas mágicas, sem falsas promessas, mas com base em conceitos milenares contidos na Bíblia e em experiências bastante realistas e práticas.

Você quer viver a felicidade no seu casamento? Então este livro é para você.

Dá certo!

As engrenagens que Deus criou para que um casamento seja bem-sucedido são absolutamente perfeitas. O problema é que nós, maridos e esposas, não somos perfeitos. Somos seres humanos que falham, erram e, por vezes, sentem vontade de apertar o pescoço do cônjuge ou de sair correndo. Mas é justamente — e principalmente — nessas horas que precisamos pôr em prática o que este livro ensina. acredite: o que você lerá nas próximas páginas dá certo. Falo com propriedade: funciona, pois vivo o que meu marido propõe nesta obra em meu próprio casamento. Afinal, nem escritores nem suas esposas são perfeitos! Na verdade, ninguém é. E é exatamente por isso que precisamos aprender como viver um casamento feliz apesar de nossas imperfeições.

Este livro mostra como a sua vida conjugal pode ser exitosa, mesmo que você esteja vivendo a pior das crises. Não pense, porém, que encontrará nas páginas a seguir uma receita mágica de bolo. Isso não existe. Não basta jogar os ingredientes dentro da panela e tudo dará certo. Não! Marido e mulher precisam se esforçar, gastar tempo batendo a massa e, só assim, com dedicação e esforço, é possível fazer com que a mistura funcione e resulte em uma bela iguaria. Se, no entanto, formos negligentes durante o processo de preparo, o bolo vai solar.

E se, por uma infelicidade, isso acontecer? O que fazer? Há solução? Sim, há.

Perdão total no casamento mostra de maneira muito prática, clara e objetiva como você pode evitar que o bolo estrague e, caso a massa já tenha desandado, como fazer para recuperar o que solou e transformar um bolo rachado, desmontado e feio em uma guloseima deliciosa e prazerosa de se ver, saborear e desfrutar.

Num mundo onde o individualismo e o egoísmo suplantaram o amor verdadeiro, os ensinamentos bíblicos para o casamento tornaram-se irrelevantes aos olhos de muitos. Esse é o maior dos erros que um cônjuge pode cometer! Se você percebe que está vivendo segundo um modelo de casamento egocêntrico e desvinculado dos valores milenares da Bíblia, precisa parar, aprender e pôr em prática o que a Palavra de Deus nos ensina.

A dinâmica do nosso dia a dia nos leva, muitas vezes, a focar mais os problemas, a execução de tarefas e as questões secundárias da vida em família, deixando de lado o principal. Mas nada pode ofuscar o amor que nos uniu a nosso cônjuge. Reconhecer os próprios erros e arrepender-se não é fácil. Perdoar, muito menos. Pois arrependimento e perdão exigem renúncia e humildade — exigem *esforço*. Mas é o certo a fazer. E é o que traz resultados. Por meio do amor verdadeiro, tenha certeza: é possível.

Analise-se. Se o seu casamento vai bem, aprenda como evitar erros prejudiciais ao relacionamento. Mas, se o seu matrimônio está ruindo e você não sabe mais o que fazer, entenda que é possível reconstruí-lo! Siga o que este livro ensina e você trilhará um caminho de felicidade e plenitude na vida a dois.

Espero que a leitura desta obra faça você perceber que, se nos guiarmos pelos ensinamentos certos, as coisas serão muito mais simples e fáceis do que parecem. E você fará a diferença no seu lar e no seu casamento, abrindo a porta para a tão sonhada felicidade!

ALESSANDRA TUPINAMBÁ

Esposa do autor, com quem é casada desde 1999

O que você precisa saber sobre perdão

O perdão é um catalisador
que cria a ambiência
necessária para uma nova
partida, para um reinício.

MARTIN LUTHER KING JR.

Desde que *Perdão total: um livro para quem não se perdoa e para quem não consegue perdoar* foi lançado, tenho sido convidado para pregar e palestrar em muitos lugares sobre o assunto. Isso me permitiu ter contato com grande quantidade de homens e mulheres nos corredores desses eventos ou durante sessões de perguntas e respostas. Nessas ocasiões, percebo com muita clareza que há numerosas dúvidas sobre o real significado de perdoar. Todos sabemos que precisamos fazê-lo, mas poucos compreendemos com exatidão em que consiste o perdão e quais são suas implicações espirituais e práticas.

Curiosamente, os questionamentos são sempre muito parecidos. Não importa se estou em Manaus, São Paulo ou Campina Grande; num ambiente eclesialístico ou não; numa igreja batista, pentecostal ou presbiteriana; num auditório com uma dúzia de pessoas ou com milhares. Em todos os âmbitos, fica claro que existe uma enorme sede por

esclarecimentos e aprofundamentos em questões elementares: “Perdoar é esquecer?”, “Se eu perdoar alguém, terei de voltar a conviver com ele?”, “Só devo perdoar quem me pede perdão?”, “Se minha esposa segue cometendo os mesmos erros, preciso continuar perdoando?”, “Não sinto vontade de perdoar meu marido, o que devo fazer?” e muitas perguntas semelhantes.

Neste capítulo, desejo responder aos questionamentos mais importantes e frequentes sobre a prática do perdão. Meu objetivo aqui é tratar do conceito maior do perdão, para que você compreenda melhor seu real significado, entenda como se perdoa na prática, perceba a que esse ato está atrelado, enxergue os limites e tenha contato com outras questões que precisam estar claras a fim de que possamos, no segundo capítulo, tratar especificamente do perdão no casamento.

O que significa perdoar

O Reino dos céus é como um rei que desejava acertar contas com seus servos. Quando começou o acerto, foi trazido à sua presença um que lhe devia uma enorme quantidade de prata. Como não tinha condições de pagar, o senhor ordenou que ele, sua mulher, seus filhos e tudo o que ele possuía fossem vendidos para pagar a dívida. O servo prostrou-se diante dele e lhe implorou: “Tem paciência comigo, e eu te pagarei tudo”. O senhor daquele servo teve compaixão dele, cancelou a dívida e o deixou ir.

MATEUS 18.23-27

Certa vez, ofendi minha esposa. Errei feio. Não foi uma coisa bonita. Ao ofendê-la, contraí com ela uma dívida moral. Tornei-me seu devedor. E, acredite, dívidas morais são muito mais difíceis de serem pagas do que as financeiras. Quando me dei conta do que havia feito, percebi que não conseguiria pagá-la nem com todo o dinheiro do mundo. Arrepentido, pedi perdão e ela me perdoou. Com aquele gesto, Alessandra cancelou a dívida que eu tinha com ela.

A melhor forma de entender o perdão é como o *cancelamento de uma dívida*. Quando alguém erra com você, ele se torna seu devedor. Há uma dívida moral a ser paga. Se você perdoa essa pessoa, está dizendo a ela: “Você não me deve mais absolutamente nada”. Perdoar é estender clemência a alguém que precisaria cumprir uma pena, é um indulto, um ato pelo qual a pessoa é desobrigada a cumprir o que era de seu dever ou obrigação. Passou-se a borracha. Acabou. *Livre!*

Jesus explicou claramente o real significado de perdão na história conhecida como “parábola do credor incompassivo”. No relato, um servo devia uma fortuna ao seu senhor, e não era pouca coisa. Qualquer ofensa ou erro que cometemos tem um custo altíssimo. E o homem não tinha condições de pagar aquilo, assim como nós também não temos como pagar ofensas que cometemos. A única forma de essa dívida ser satisfeita? “O senhor daquele servo [...] cancelou a dívida e o deixou ir.”

Cada erro que alguém comete contra você é um tanto a mais que ele lhe deve. Muitos erros somados configuram uma dívida enorme. Uma empresa que se afunda em dívidas daqui a pouco não terá nada a fazer a não ser pedir falência e fechar as portas. A mesma coisa ocorre com os erros cometidos na vida conjugal: se forem cometidos sem que se faça nada a respeito, em pouco tempo o tamanho da dívida acumulada será tão grande que o casamento irá à falência. Erodido. Carcomido.

A saída para lidar com essa dívida impagável?
Perdoá-la.

O mais lindo no perdão é que o ato de perdoar leva à solidificação do amor. Se a pessoa erra por ter falhado na sua demonstração do amor em atitudes, por exemplo, o perdão desse erro a levará a se desenvolver no mesmo amor, como Jesus demonstrou ao conversar com um homem chamado Simão. Ele disse:

“Dois homens deviam a certo credor. Um lhe devia quinhentos denários e o outro, cinquenta. Nenhum dos dois tinha com que lhe pagar, por isso perdoou a dívida a ambos. Qual deles o amará mais?” Simão respondeu: “Suponho que aquele a quem foi perdoada a dívida maior”. “Você julgou bem”, disse Jesus. [...] “Mas aquele a quem pouco foi perdoado, pouco ama”.

Lucas 7.41-43,47

Perdão é isto: conceder indulto a alguém que lhe deve muito, numa atitude motivada pelo amor e que promove e replica esse mesmo amor.

Perdoar é amar

Um dos mestres da lei aproximou-se e os ouviu discutindo. Notando que Jesus lhes dera uma boa resposta, perguntou-lhe: “De todos os mandamentos, qual é o mais importante?” Respondeu Jesus: “O mais importante é este: ‘Ouça, ó Israel, o Senhor, o nosso Deus, o Senhor é o único Senhor. Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todo o seu entendimento e de todas as suas forças’. O segundo é este: ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’. Não existe mandamento maior do que estes”.

MARCOS 12.28-31

O Burj Khalifa, construído em Dubai, nos Emirados Árabes, é atualmente o maior prédio do mundo, com 828 metros de altura. Para manter em pé um arranha-céu dessa envergadura, é preciso construir com muito cuidado a estrutura responsável por sua sustentação: os alicerces. Mais de 45 mil metros cúbicos de concreto foram usados nesses fundamentos, o que representa mais de 110 mil toneladas. Feitos de concreto e aço, os alicerces são um conjunto de 192 estacas enterradas mais de

50 metros abaixo do nível do chão. Os engenheiros dedicaram muita atenção aos fundamentos, pois sabem que, se eles não estiverem perfeitos, o edifício simplesmente desmoronará.

O evangelho de Jesus Cristo também tem um alicerce: o amor. Sem ele, tudo o mais vem abaixo. Primeiro, o amor por Deus. Segundo, o amor pelo próximo. Assim, amar o próximo como a si mesmo é uma norma básica da fé. “O amor deve ser sincero. [...] Dediquem-se uns aos outros com amor fraternal. Prefiram dar honra aos outros mais do que a si próprios” (Rm 12.9-10).

Tenho consciência de que isso soa bastante estranho aos ouvidos de muitos, já que vivemos numa civilização e numa época — a chamada era pós-moderna — em que o “eu” tornou-se o centro do universo. Mas esse pensamento não se encaixa nos ensinamentos de Deus. O apóstolo Paulo deixa claro: “Ninguém deve buscar o seu próprio bem, mas sim o dos outros” (1Co 10.24).

Faça um teste: na esmagadora maioria das vezes em que você perguntar a alguém qual é o contrário de *amor*, a resposta será *ódio*. Mas não é. O oposto de *amor* é *egoísmo*. E recusar-se a perdoar é pôr o ego acima da vontade de Deus. Com isso, as portas para a ação do mal são escancaradas: “Se vocês perdoam a alguém, eu também perdoo; e aquilo que perdoei, se é que havia alguma coisa para perdoar, perdoei na presença de Cristo, por amor a vocês, a fim de que Satanás não tivesse vantagem sobre nós; pois não ignoramos as suas intenções” (2Co 2.10-11).

É absolutamente impossível alguém dizer que ama outra pessoa, mas recusar-se a lhe estender perdão. Perdoar é amar o próximo e a Deus; não perdoar é tentar implodir tudo aquilo que Jesus construiu na terra.

Como se perdoa na prática

Livrem-se de toda amargura, indignação e ira, gritaria e calúnia, bem como de toda maldade. Sejam bondosos e compassivos uns para com os outros, perdoadando-se mutuamente, assim como Deus os perdoou em Cristo.

EFÉSIOS 4.31-32

É interessante observar que os verbos usados neste texto estão no imperativo, ou seja, são ordens. *Livrem-se. Sejam.* Não são sugestões, dicas, opções ou conselhos. Poderíamos abordar os diversos ângulos do que Paulo diz, mas vamos nos concentrar na questão do perdão. Como se perdoa? É preciso sentir algo? Tenho de ir até a pessoa conversar? É necessário esperar o pedido de perdão? Afinal, de que maneira se perdoa na prática?

A Bíblia responde: “*assim como Deus os perdoou em Cristo*”. E como foi exatamente que Deus nos perdoou em Cristo? A resposta vem em seguida:

“Portanto, sejam imitadores de Deus, como filhos amados, e *vivam em amor*, como também Cristo nos amou e *se entregou por nós* como oferta e sacrifício de aroma agradável a Deus” (Ef 5.1-2).

Vemos que há dois aspectos fundamentais na prática do perdão: 1) amor; 2) sacrifício pessoal. O amor verdadeiro é demonstrado por atitudes, por isso devemos agir em favor de quem estamos perdando, fazendo-lhe o bem, abrindo mão da vingança, procedendo de fato como se age com alguém que teve sua dívida conosco cancelada. Isso sempre exigirá amor como motivação e sacrifício como prática. Quem perdoa sempre precisa se sacrificar mais do que quem é perdoado.

Orar em favor da pessoa perdoada é um excelente exercício de perdão. Mesmo que você não se lembre dessa pessoa com carinho, ainda que haja sentimentos negativos em seu coração por ela, você não deve esperar mudanças no que sente; deve agir para que haja mudanças! Ore por ela. Peça a

Deus que lhe faça o bem. E seja totalmente transparente na sua oração. Você pode dizer ao Senhor algo como: “Pai, perdoa essa pessoa. Eu não sinto desejo algum de perdoá-la, ainda carrego sentimentos confusos sobre o que ela fez, e minha vontade é não perdoar. Mas sei o que é o certo e desejo me ver livre do veneno da falta de perdão, com todo o ressentimento que ele carrega. Por isso, decido perdoá-la e cancelo toda dívida que ela tinha comigo. Peço que apagues de tua memória qualquer dívida dela comigo ou contigo referente ao que ela fez e que a abençoes em tudo o que ela fizer. Amém”.

A partir daí, o ideal é que tudo volte a ser como antes. Evidentemente, há algumas situações em que isso não é possível, como, por exemplo, um marido que agride fisicamente. Perdoar não significa se expor a novas situações que ponham em risco sua integridade física. Ou uma esposa que o traiu com seu melhor amigo: você não é obrigado a voltar a

conviver com esse amigo, o que seria constrangedor.

O ideal é que tudo volte a ser como antes do erro cometido. Mas, se isso não for possível, faz parte do processo de perdão proceder algumas mudanças em nome da paz ou da prevenção de possíveis futuros problemas.

Perdão não depende de merecimento

Quando chegaram ao lugar chamado Caveira, ali o crucificaram com os criminosos, um à sua direita e o outro à sua esquerda. Jesus disse: “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo”. [...] O povo ficou observando, e as autoridades o ridicularizavam. “Salvou os outros”, diziam; “salve-se a si mesmo, se é o Cristo de Deus, o Escolhido.” Os soldados, aproximando-se, também zombavam dele. Oferecendo-lhe vinagre, diziam: “Se você é o rei dos judeus, salve-se a si mesmo”.

LUCAS 23.33-37

Fico comovido toda vez que leio essa passagem da Bíblia. Jesus é injustamente preso, torturado, açoitado, esbofeteado, xingado, menosprezado, acusado, ridicularizado e crucificado para morrer em lenta agonia. Ali, ao pé da cruz, escarnecendo dele, estavam os responsáveis por sua morte: o povo, as autoridades judaicas e os soldados romanos. Injustos. Assassinos. Mentirosos. Maus. *Culpados*.

Aqueles homens estavam ali para desfrutar cada segundo do espetáculo do sacrifício do justo.

Repare que absolutamente nenhum deles pede perdão a Jesus. E, também, nenhum deles merece ser perdoado. É impossível mensurar a dívida de cada um daqueles homens. Mas, de repente:

“Pai, perdoa-lhes...”.

Em outras palavras: “Pai, cancela toda e qualquer dívida que cada um deles contraiu comigo ou contigo por causa dos erros que cometeu”. Com aquelas poucas palavras, o moribundo apaga tudo. *Tudo!* Acabou. Passou. Fim.

O exemplo de Jesus é extraordinariamente revelador. Entenda que você não perdoará quem o ofendeu por merecimento dele. Tampouco deve deixar de estender perdão pelo fato de o ofensor não ter tomado a iniciativa de vir até você. O que precisa nos motivar a perdoar é a *misericórdia* — isto é, dar ao outro aquilo que ele *não* merece, e não o que ele merece.

Por trás de tudo isso está um conceito fundamental do evangelho de Jesus Cristo: *graça*.

Graça significa receber (ou dar) algo sem merecimento.

Jesus morreu pela humanidade sem que ninguém merecesse ser perdoado de seus pecados. “Não há nenhum justo, nem um sequer” (Rm 3.10), revela o apóstolo Paulo. Mas, assim como Deus nos perdoou por graça, devemos perdoar os erros de quem nos fez mal pela mesma razão. O que Cristo fez sempre deve ser o nosso exemplo, o modelo a ser seguido:

Portanto, como povo escolhido de Deus, santo e amado, revistam-se de profunda compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência. Suportem-se uns aos outros e perdoem as queixas que tiverem uns contra os outros. *Perdoem como o Senhor lhes perdoou*. Acima de tudo, porém, revistam-se do amor, que é o elo perfeito.

Colossenses 3.12-14

Se você tiver qualquer dúvida com relação ao perdão, mire-se no exemplo de Jesus. Leia suas

palavras e observe suas atitudes, pois elas demonstram seu amor. Ao fazer isso, você conseguirá perdoar quem o ofendeu como Cristo perdoou seus executores. Mais do que isso: conseguirá perdoar como o Senhor perdoou *voce*.

Graça: a motivação do perdão

O Senhor nosso Deus é misericordioso e perdoador, apesar de termos sido rebeldes.

DANIEL 9.9

Ouvimos tanto falar de *graça*, mas muitos de nós não entendem toda a profundidade desse conceito. Graça é Deus estendendo a mão para resgatar quem não merece. A graça perdoa o pecador mediante a fé em Cristo como Senhor de sua vida e Salvador de sua alma. Nada tem a ver com méritos pessoais de quem é perdoado (Ef 2.8-9).

Graça é o Pai amando tanto o pecador que envia o Filho para se esvaziar de sua glória celestial, tornar-se carne como um de nós e dar a vida em resgate de muitos. E aquele que foi justificado e regenerado naturalmente passa a confessá-lo e,

assim, ganha o direito, como filho adotivo, de viver a eternidade na presença do Todo-poderoso.

Isso mostra que graça é algo que independe de quem somos ou do que fazemos. Depende de quem é Deus e do que ele faz. Depende de Deus falar ao nosso coração que somos pecadores, que precisamos nos submeter à justiça e que, se não o fizermos, haverá juízo.

A graça é como a locomotiva que move as ações de Deus. Seu combustível é o amor do Senhor. E, enganchado à locomotiva da graça, vem o vagão da misericórdia divina. Os dicionários definem *misericórdia* como “compaixão solícita pela desgraça alheia”, “comiseração”, “piedade”, “perdão”. Isso necessariamente se materializa na forma de um segundo vagão: o perdão. Assim: Graça > Misericórdia > Perdão.

O profeta Isaías fez questão de afirmar: “volte-se para o nosso Deus, pois ele dá de bom grado o seu perdão” (Is 55.7). Deus exerce sua sabedoria como

demonstração de todos os vagões que, juntos, formam o trem da natureza divina: pureza, paz, amabilidade, compreensão, misericórdia, bons frutos, imparcialidade e sinceridade, entre outros (Tg 3.17). Você imagina um trem composto de todas essas qualidades sendo conduzido por alguém que tenha sede de sangue e punição ou por alguém que tem prazer infinito em perdoar?

Sabendo que a motivação do perdão é a graça de quem perdoa, e não os méritos de quem precisa ser perdoado, pergunto: se Deus nos perdoa sem que mereçamos, por que não podemos fazer o mesmo com quem nos fez mal? Por que ficamos esperando eterna e amargamente ele fazer algo que o torne “digno” do nosso perdão? Se o nosso perdão está condicionado a algo que o ofensor deve fazer para tornar-se digno de ser perdoado, nos distanciamos do amor e do exemplo de Deus, que perdoa por graça, e não por merecimento.

Façamos como Deus faz: perdoemos não porque quem nos feriu posteriormente fez algo para merecer nosso perdão. Não, nada disso. Perdoemos porque decidimos agir como Deus age: estendendo perdão pela graça que há em nosso coração.

O ofensor não fez a parte dele? O ideal seria que tivesse feito. Mas, ainda assim, o perdoemos, sem que ele mereça. Desse modo, estaremos vivendo plenamente a graça que Deus derramou sobre nossa vida.

Que tipos de erros devo perdoar e quantas vezes?

Então Pedro aproximou-se de Jesus e perguntou: “Senhor, quantas vezes deverei perdoar a meu irmão quando ele pecar contra mim? Até sete vezes?” Jesus respondeu: “Eu lhe digo: Não até sete, mas até setenta vezes sete”.

MATEUS 18.21-22

Isso não tem perdão!

Essa frase é uma das mais recorrentes quando alguém é profundamente ferido por outra pessoa. A ofensa parece ser tão grave; o erro, tão cabeludo, que aparentemente não há como perdoar. Mas há.

Biblicamente falando, só existe um pecado que não tem perdão: a blasfêmia contra o Espírito Santo (Mt 12.32). Fora esse, *tudo* tem perdão — basta a pessoa ofendida querer perdoar. Portanto, todo tipo de erro que alguém cometer contra você é passível

de perdão — basta que você tome a iniciativa de perdoar. E *tudo* significa *tudo*: adultério, mentira, negligência, preguiça, abandono, desleixo, agressões, ausência, palavras ofensivas... Se houver a disposição de perdoar, toda e qualquer erosão provocada no relacionamento pode ser revertida, com o aprendizado do passado sendo aplicado como lição para o futuro.

Portanto, o céu é o limite: você pode perdoar toda e qualquer “categoria” de erro.

E, por falar em limites, será que há uma quantidade de erros toleráveis ou chega algum momento em que a paciência acaba e temos a autorização de não mais perdoar? Veja o que diz a Bíblia: “Então Pedro aproximou-se de Jesus e perguntou: ‘Senhor, quantas vezes deverei perdoar a meu irmão quando ele pecar contra mim? Até sete vezes?’ Jesus respondeu: ‘Eu lhe digo: Não até sete, mas até setenta vezes sete’” (Mt 18.21-22). Na época de Cristo, essa afirmação seria como dizer,

em nossos dias, “Estou morto de fome”, “O céu desabou hoje”, “Estou louco para sair de férias” — mas o sujeito não estava morto, o céu continuava no mesmo lugar de sempre e a sanidade não chegou de fato a ser afetada pela vontade de descansar do trabalho. O que acontece é que expressões como essas usam certos termos e imagens que não podem ser levados ao pé da letra, mas que expressam outras realidades. Na cultura judaica da época de Jesus acontecia a mesma coisa.

Quando alguém dizia que era preciso perdoar “setenta vezes sete”, não estava dizendo que você precisa pegar um caderninho e, a cada ofensa cometida por certo indivíduo, riscar um. Depois, dois. Depois, três. E assim por diante, até chegar a 490 vezes. Na 491^a... ufa, finalmente posso não perdoar mais. Não, não é isso.

Naquela sociedade, “setenta vezes sete” poderia ser considerado sinônimo de *infinito*. “Se o seu irmão pecar, repreenda-o e, se ele se arrepender,

perdoe-lhe. Se pecar contra você sete vezes no dia, e sete vezes voltar a você e disser: ‘Estou arrependido’, perdoe-lhe” (Lc 17.3-4).

O que Jesus está dizendo é: *não importa quantas vezes o outro erre, estenda-lhe perdão*. Essas palavras traduzem a vontade de Cristo e o padrão de comportamento que ele espera de nós. Afinal, não é exatamente isso que Deus faz conosco, pessoas que erram diariamente, e muito?

Perdão depende de saber, e não de sentir

Eu *sei* que o meu Redentor vive, e que no fim se levantará sobre a terra.

JÓ 19.25

Jó sentia muitas coisas quando disse essa frase. Dor. Solidão. Desamparo. Tristeza. Sofrimento. Ele *sentia* o que nenhum de nós deseja sentir. Mas ele *sabia* de algo que deixava todas essas coisas em segundo plano: Deus vive! Ele não me abandonou!

Vivemos numa época em que o *sentir* é supervalorizado. Imagine que você está doente. Uma infecção tomou conta de seu corpo, provocando febre e aquele mal-estar característico. Você, então, se dirige ao hospital, e o médico receita um remédio, garantindo que ele resolverá seu problema. Quando você toma a primeira dose do medicamento, parece que nada acontece.

Difícilmente alguém já se sente totalmente recuperado de uma infecção após a primeira colherada do antibiótico. O remédio já está em seu organismo e as bactérias já começaram a ser atacadas, mas você continua a não *sentir* nenhum resultado. Se você é como eu, porém, a partir desse momento já passa a ter certa tranquilidade no coração, porque *sabe*, racionalmente, que o processo necessário para ter a saúde totalmente restabelecida já está em andamento.

Do mesmo modo, quando pecamos, nos arrependemos e pedimos perdão a Deus, muitos ficam infelizes por “não sentir” esse perdão. E é nisso que estão errando. O perdão não tem nada a ver com *sentir*, tem a ver com *saber*. O mesmo ocorre com quem precisa perdoar: o perdão que ele tem de estender a quem o ofendeu não depende de ele sentir vontade de perdoar, mas de saber que deve perdoar.

Eu leio as promessas bíblicas. Descubro como se processa o perdão. Mediante a ação do Espírito, arrependo-me e confesso meu pecado ou, se fui a parte ofendida, estendo perdão a quem me fez mal. Pronto, está feito. Não vou sentir um calor ou um arrepio que denuncia o perdão. Ele, racionalmente, já foi concedido.

Há pessoas enlutadas consigo mesmas que, embora tenham sido perdoadas por Deus, não se sentem perdoadas. Acordam todos os dias de manhã sem coragem de se encarar no espelho. Não se olham nos olhos. Estão verdadeiramente arrependidas, foram de fato perdoadas pelo Redentor, mas elas mesmas ainda não se perdoaram nem reconheceram o perdão divino. E carregam o jugo do pecado por anos, ainda que já tenham alcançado graça aos olhos do Pai. Então não atrele o perdão a *sentir* alguma coisa. Basta *saber*.

Tampouco você, que foi ofendido por alguém, precisa esperar sentir algo para perdoá-lo, mas deve

fazê-lo porque é o que vai gerar paz, liberdade, leveza e... porque é a coisa certa a fazer. Não fique esperando sentir vontade de perdoar. Simplesmente tome a iniciativa de perdoar. O resto virá depois — e você ficará surpreso com as maravilhas que o perdão é capaz de proporcionar.

Perdoar é esquecer?

Quem é comparável a ti, ó Deus, que perdoas o pecado e esqueces a transgressão do remanescente da sua herança? Tu, que não permaneces irado para sempre, mas tens prazer em mostrar amor. De novo terás compaixão de nós; pisarás as nossas maldades e atirarás todos os nossos pecados nas profundezas do mar.

MIQUEIAS 7.18-19

Não. Perdoar não é sofrer amnésia. Perdoar é lembrar-se do erro que foi cometido contra você no passado sem que essa lembrança envenene sua alma no presente. Por exemplo, se você perdoou sua esposa por tê-lo ofendido, evidentemente as cicatrizes ficarão. A dolorida lembrança desse fato não será simplesmente apagada da sua memória. Mas você não deve ficar trazendo essa situação à baila, jamais deve jogar na cara dela o que houve e precisa lidar com os futuros atritos sem revisitar o dano que já foi consertado graças ao perdão.

Perdoar é dizer *vamos em frente!*, sem ficar com uma âncora presa ao passado.

Quando Deus diz ao seu povo “Eu lhes perdoarei a maldade e não me lembrarei mais dos seus pecados” (Hb 8.12), é óbvio que o onipotente e onisciente Deus não deletou de sua memória aqueles pecados. Na verdade, ele decide não agir mais como se um dia os erros tenham existido. Pois o perdão tem esse poder. O que aparece no documento de cobrança é: *Dívida zero*. Não há espaço para se voltar ao que havia antes.

É fácil perceber que um cônjuge não perdoou de fato o outro quando ele fica trazendo à tona o problema que diz ter perdoado. “Em 1977 você olhou para aquela mulher!”, ou “Cinco décadas atrás você se esqueceu de nosso aniversário de casamento!”. A partir do momento em que o perdão é concedido, o erro cometido morre, torna-se um cadáver. E não há como uma pessoa levantar da sepultura um morto que já apodreceu e se

decompôs. Desenterrar ossos velhos não faz nenhum sentido. “Onde esses pecados foram perdoados, não há mais necessidade de sacrifício por eles” (Hb 10.18), diz o Senhor.

É comum a pessoa que perdoa vir depois a se questionar se de fato perdoou. Uma senhora certa vez me procurou após uma preleção sobre o tema, em Brasília, para dizer que tinha decidido racionalmente perdoar o marido abusivo, falecido anos antes, mas temia não ter realmente perdoado porque a lembrança do sofrimento provocado por anos de abuso permanecia. Eu lhe perguntei:

— Alguma vez na vida a senhora já queimou o dedo?

— Sim — respondeu, sem entender direito.

Eu disse, então:

— Hoje, a senhora se lembra da dor que sentiu naquele momento. A lembrança daquela dor é sofrida, pois a remete ao que sentiu naquela hora.

Mas deixe-me perguntar: seu dedo continua doendo neste exato momento?

— Não — respondeu.

— Com o perdão é a mesma coisa. A senhora sempre vai se lembrar da dor que sentiu. O importante é que, no presente, essa dor não doa mais.

A senhora começou a chorar. Pois, naquele momento, entendeu que perdoar não é sofrer amnésia; é não deixar o veneno continuar fazendo efeito.

O perdão não deve incentivar o erro

O que o homem semear, isso também colherá. Quem semeia para a sua carne, da carne colherá destruição; mas quem semeia para o Espírito, do Espírito colherá a vida eterna. E não nos cansemos de fazer o bem, pois no tempo próprio colheremos, se não desanimarmos. Portanto, enquanto temos oportunidade, façamos o bem a todos.

GÁLATAS 6.7-10

Os brasileiros assistiram, chocados, a um episódio de racismo, ocorrido em 2014, em jogo de futebol entre Grêmio e Santos. Muitos torcedores gremistas começaram a xingar o goleiro negro Aranha, do Santos, de “macaco”. As câmeras de televisão flagraram a torcedora Patrícia Silva, de 23 anos, entre os que xingavam. A repercussão foi grande. Em sua primeira entrevista após o ocorrido, em meio a muitas lágrimas, pediu perdão pela sua atitude.

— Perdão de coração, eu não sou racista. Peço desculpas ao Grêmio, à nação tricolor, eu não queria prejudicar o Grêmio. Desculpas, perdão, perdão, perdão mesmo — disse, aos prantos, transparecendo sinceridade. No dia seguinte, o goleiro Aranha veio a público dizer que perdoava Patrícia, mas que esperava que ela fosse julgada e pagasse pelas atitudes que teve.

— Estou desculpando ela, mas, infelizmente, por um erro que cometeu, vai ter de pagar. [Perdoar] não quer dizer que eu não quero que a justiça seja feita. Ela errou; tem as consequências. — De fato, foi o que aconteceu. Patrícia foi condenada a uma punição válida por dez meses, com supervisão de dois anos.

Esse episódio mostra com muita clareza que ser perdoado não anula as consequências do erro. Patrícia foi perdoada por quem ofendeu, sua dívida foi cancelada, mas suas ações tiveram desdobramentos. Do mesmo modo, se uma pessoa

mata outra, pode vir a ser perdoada, mas a vítima não ressuscitará. Se alguém espanca outra e a fere, pode ser perdoada, mas as marcas e cicatrizes deixadas no espancamento não vão desaparecer. Se alguém engravida por causa de sexo irresponsável, pode se arrepender, mas a criança gerada não vai desaparecer. E assim por diante.

Essa realidade é muito importante. Nunca devemos errar nos escorando no fato de que seremos perdoados. A Bíblia questiona: “Que diremos então? Continuaremos pecando para que a graça aumente? De maneira nenhuma! Nós, os que morremos para o pecado, como podemos continuar vivendo nele? [...] E então? Vamos pecar porque não estamos debaixo da Lei, mas debaixo da graça? De maneira nenhuma!”

(Rm 6.1-2,15). Se você adultera, seu cônjuge e seus filhos tomam conhecimento e você se arrepende, por exemplo, poderá ser perdoado pela família, mas aquilo deixará marcas em todos. Muita atenção: o

melhor caminho nunca é consertar o dano, mas, sim, evitar o atrito.

O perdão está à nossa disposição, mas jamais deve ser usado como muleta que nos apoie no erro. Erros sempre têm consequências. O perdão reverte o estrago, mas não anula seus desdobramentos. Lute para não errar. Arrependa-se das suas más práticas antes que o dano se torne traumático. Mude. Conserte hoje o que precisa ser mudado, pois prevenir é — sempre — melhor que remediar.

Perdão também produz saúde mental, emocional e física

Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores.

MATEUS 6.12

Os efeitos do perdão têm sido estudados cientificamente por diferentes centros de pesquisa ao redor do mundo.

O psicólogo americano Frederic Luskin criou o Projeto Perdão, da Universidade Stanford (EUA), dedicado a estudar aspectos variados da prática do perdão do ponto de vista científico. Ele afirma: pesquisas provam que perdoar reduz a raiva, a depressão e o estresse e produz sentimentos sólidos de esperança, paz, compaixão e autoconfiança.¹ Já o Instituto Internacional do Perdão, criado pelo dr. Robert Enright e um grupo de colegas, nasceu de

pesquisas realizadas na Universidade de Wisconsin-Madison (EUA).

“O perdão é a coisa certa a fazer física, espiritual e socialmente”, defende a instituição.²

As pesquisas lideradas por Enright apontam que perdoar gera uma melhor qualidade de vida, um corpo mais saudável e uma atitude mais positiva. Os estudos científicos desenvolvidos pelo Instituto mostraram esses e outros benefícios terapêuticos do perdão. Ele aponta alguns aspectos interessantes, comprovados cientificamente, acerca do perdão:

- O perdão é uma escolha.
- Perdoar não é abrir as portas para que o erro continue, pois perdoar não significa necessariamente reconciliar.
- Ninguém desenvolve amnésia moral por causa do perdão. Todos tendem a se lembrar dos eventos dolorosos significativos da vida. Em situações de injustiça considerável, lembramos a injustiça, como forma de evitar que ela aconteça

novamente. O perdão não é uma droga para apagar a memória.

- Em alguns casos, o perdão ocorre após um processo que leva tempo. Um dos primeiros sinais de que o perdão está acontecendo é a decisão do ofendido de perdoar. Se a pessoa se compromete a evitar o ressentimento e a não vingar-se do ofensor, está perdando e deve dar-se crédito por isso. Se você começa a ver o ofensor não como um canalha, mas como um ser humano passível de cometer erros, então pode ter a confiança de que o perdão está ocorrendo. Ao longo do tempo, à medida que os pensamentos e os sentimentos negativos diminuem, você pode se surpreender tendo pensamentos positivos e sentimentos benéficos em relação a quem o ofendeu. Esse é mais um passo positivo no processo de perdão. Não há teste mais profundo para comprovar o perdão que agir com bondade, generosidade e amor moral para com o ofensor.
- Perdoar é gratificante. Mas é um esforço árduo.

1 Disponível em: <<http://learningtoforgive.com>>. Acesso em: 22 de set. de 2016.

2 Disponível em: <<http://internationalforgiveness.com/why-forgive.htm>>. Acesso em: 22 de set. de 2016.

Perdão leva à paz

Se alguém não cuida de seus parentes, e especialmente dos de sua própria família, negou a fé e é pior que um descrente.

1TIMÓTEO 5.8

Depois de mais de 25 anos estudando a virtude moral do perdão com base em pesquisas controladas e com métodos científicos, o dr. Robert Enright, do Instituto Internacional do Perdão, está convencido de que “o perdão é a peça que faltava no quebra-cabeça da paz”. Mais de uma dúzia de estudos científicos realizados por seu laboratório, na Universidade de Wisconsin-Madison (EUA), demonstraram que a pessoa que perdoa se torna menos irritadiça, deprimida e ansiosa e mais esperançosa sobre o futuro. Em outras palavras, quem perdoa se torna mais pacífico e, com isso, a probabilidade de que venha a conviver em paz com os outros aumenta consideravelmente.

Essa informação é extremamente importante se aplicada ao casamento e vem somar à nossa proposta de que o perdão é a cura para as crises conjugais e o caminho para reverter as erosões causadas pelos pequenos e grandes atritos diários entre marido e mulher. Afinal, se perdoar torna a pessoa mais pacífica, casais que exercem costumeiramente o perdão têm maior probabilidade de viver em um ambiente de paz, sem brigas ou crises.

Os estudos do dr. Enright comprovam o que a Bíblia ensina há milênios. Maridos e mulheres que perdoam os erros um do outro trazem com isso a paz para dentro do lar. E, se não cuidar dos parentes representa negar a fé, agir em favor da família é, diametralmente oposto, a afirmação da fé. Portanto, quando um cônjuge perdoa o outro, está ajudando a solidificar a família na relação com Deus e contribuindo para a construção de um núcleo familiar mais pacífico — e, portanto, mais amoroso e gracioso.

O pesquisador recomenda que os casais estabeleçam um tempo semanal em família para ter uma conversa tranquila sobre o perdão. É importante refletir e passar adiante o conhecimento, em especial que perdoar não é o mesmo que esquecer e que o perdão caminha de mãos dadas com a justiça.

Dr. Enright também estimula que o casal — caso seja membro de alguma igreja ou algum ministério religioso — procure levar à sua liderança eclesiástica sugestões para manter acesa a chama do perdão. “A comunidade religiosa pode preservar o conhecimento dos aspectos valiosos do perdão por muitas gerações”, diz. Assim, os líderes da igreja poderiam ser encorajados a pregar com mais frequência sobre perdão e arrependimento; a escrever mais mensagens sobre o tema no boletim e no *website* da igreja; e a realizar pequenos retiros, palestras e congressos (pelo menos uma vez ao ano) para se ensinar essa prática, que pode salvar

casamentos em crise e contribuir para o bem da comunidade.

Perdoar é um esforço árduo

Muitos dos seus discípulos disseram: “Dura é essa palavra. Quem pode suportá-la?” Sabendo em seu íntimo que os seus discípulos estavam se queixando do que ouviram, Jesus lhes disse: [...] “É por isso que eu lhes disse que ninguém pode vir a mim, a não ser que isto lhe seja dado pelo Pai”. Daquela hora em diante, muitos dos seus discípulos voltaram atrás e deixaram de segui-lo.

JOÃO 6.60-61,65-66

Jesus nunca enganou ninguém. Ele deixou claro desde o princípio que seguir o evangelho é duro. Obedecer a Deus exige de nós abnegação, renúncia e firmeza ante uma sociedade que, em grande parte, não acredita na ética cristã. Muitos dos primeiros discípulos de Cristo o abandonaram quando se deram conta de que fazer aquilo que ele ensinava era difícil. Conosco não é muito diferente: se algo exige que sigamos pelo caminho mais árduo,

frequentemente optamos por mudar de rumo e nos embrenhamos pelas veredas da facilidade.

Quando meu livro *Perdão total* foi lançado, recebi um convite do programa de televisão *Sem censura* para ser entrevistado pela jornalista Leda Nagle sobre o tema do livro. Em determinado momento da entrevista, Leda me perguntou:

— Zágari, às vezes perdoar é difícil, não é?

Pensei um pouco e respondi:

— Na verdade, não, Leda.

Com uma cara intrigada, ela redarguiu:

— Não?!

E eu:

— Não. Perdoar não é difícil “às vezes”. Perdoar é difícil *sempre*.

Você nunca precisará perdoar alguém que depositou um milhão de dólares na sua conta bancária, que lhe deu uma Ferrari de presente, que lhe fez um cafuné ou salvou seu filho de um acidente. As pessoas que precisamos perdoar

invariavelmente são aquelas que nos fizeram algum mal, que nos roubaram, difamaram, molestaram, machucaram, traíram, magoaram, ofenderam, prejudicaram, desdenharam, abandonaram, perseguiram... Perdoar é amar quem não é amável.

Essa percepção é importante para evitarmos o erro de achar que, para perdoar alguém, devemos esperar “tornar-se fácil” perdoá-lo. Caso contrário, *nunca* perdoaremos pessoa alguma. Perdoar é um exercício de amor, domínio próprio e esforço. *Esforço*, percebe? Da mesma forma que cancelar a dívida de alguém que lhe deve muito dinheiro é um gesto de grandeza... perdoar também é.

Não é fácil perdoar um marido que chega em casa bêbado e agressivo. Ou uma esposa infiel. Um marido distante e frio. Uma esposa briguenta. Um marido egoísta. Uma esposa preguiçosa. Em suma: um cônjuge imperfeito. Mas, se desejamos que o casamento em crise, ou qualquer outro tipo de relacionamento, seja restaurado, é o que precisa ser

feito. Para refazer um relacionamento carcomido por desgastes, feridas e ofensas, é preciso exercer o perdão, que é fruto da graça, que, por sua vez, nasce do amor. E qual é a relação entre o amor e o perdão? O apóstolo Pedro responde: “... o amor perdoa muitíssimos pecados” (1Pe 4.8).

Nossa fraqueza abre espaço para a força de Deus

Sabemos que já passamos da morte para a vida porque amamos nossos irmãos. Quem não ama permanece na morte. Quem odeia seu irmão é assassino, e vocês sabem que nenhum assassino tem a vida eterna em si mesmo. Nisto conhecemos o que é o amor: Jesus Cristo deu a sua vida por nós, e devemos dar a nossa vida por nossos irmãos.

1JOÃO 3.14-16

Ao final de uma preleção que fiz, em Recife, sobre a urgência de perdoar, fui abordado por uma senhora. Ela me relatou, em lágrimas, a terrível tragédia: seu filho havia sido assassinado a tiros pelo melhor amigo. Aquilo a estava devorando por dentro e ela tinha uma enorme dificuldade de perdoar o assassino. Acredite, perdão não é um conceito abstrato: tem nome, sobrenome, rosto,

culpados, vítimas... e uma dor extremamente concreta.

Sei que é difícil perdoar quem nos causou feridas profundas. Em momento algum fingiremos que isso é fácil. Em momento algum nos esqueceremos da humanidade da pessoa e de sua sensibilidade à dor na alma. E Deus também não se esquece disso. Mas, por outro lado, é impossível ignorar tudo o que sabemos sobre o que o Senhor pensa da falta de perdão. Sendo assim, como se posicionar diante da oposição entre o que *precisa* ser feito e o que se *consegue* fazer? A resposta está, justamente, em Deus.

A Bíblia nos ensina que quando somos fracos é que somos fortes. Mas por quê? Porque, quando nos vemos incapazes de algo por nossas próprias forças, desistimos de agir segundo nossos caminhos e entregamos a situação, em dependência, à força do Senhor. Soltamos o leme do barco e deixamos o vento do Espírito determinar a direção.

Na prática, isso significa, primeiro, que quem não consegue perdoar precisa meditar profundamente no que a Bíblia diz a esse respeito. Deixe as verdades sagradas invadirem seu coração e se instalarem lá dentro. Assim que estiver encharcado da Palavra de Deus, é hora de entregar-se a ele em oração. É na oração que colocamos para fora tudo o que dói e desabafamos com o Senhor. O peso sai do peito. E a força vem, fazendo brotar o perdão.

Não perdoar faz de nós assassinos. Reter perdão denuncia que existe ódio no coração. O apóstolo João diz que quem afirma estar na luz mas odeia seu irmão continua nas trevas, não sabe para onde vai, porque as trevas o cegaram. Então ele derrama o bálsamo sobre seus leitores: “Filhinhos, eu lhes escrevo porque os seus pecados foram perdoados, graças ao nome de Jesus” (1Jo 2.12).

A questão se resume ao seguinte: “Se alguém afirmar: ‘Eu amo a Deus’, mas odiar seu irmão, é

mentiroso, pois quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê” (1Jo 4.20). Assim, se o amor é o alicerce do evangelho de Cristo e o caminho da reconciliação, temos de amar sinceramente uns aos outros, “porque o amor perdoa muitíssimos pecados” (1Pe 4.8).

Precisamos viver esse amor perdoador, buscar Deus em oração e assumir nossa fraqueza, permitindo que ele manifeste sua força em nós. Esse é o caminho da paz e do perdão.

Posso não perdoar?

Pois se perdoarem as ofensas uns dos outros, o Pai celestial também lhes perdoará. Mas se não perdoarem uns aos outros, o Pai celestial não lhes perdoará as ofensas.

MATEUS 6.14-15

Assisti a um documentário que mostra a história de uma jovem estuprada e assassinada pelo próprio cunhado. Uma terrível tragédia. Ao final do programa, a mãe dela, compreensivelmente devastada e arrasada emocionalmente, disse em seu depoimento que jamais perdoará o criminoso. “Eu odeio esse homem, não posso nem olhar para ele”, desabafou. Fiquei triste, muito triste. Pois aquela senhora, vítima de tão terrível tragédia, não percebeu que a falta de perdão a fazia vítima de mais uma tragédia: a do ódio. O assassino andou em trevas e cometeu um pecado tão brutal. E aquela pobre mãe acabou sendo arrastada para as trevas ao cultivar o ódio no coração.

Perdoar ou odiar? Temos diante de nós os dois caminhos. Aquela mãe fez sua escolha. Você e eu também temos de fazer a nossa. É duro demais pensar em perdoar quem nos causou males tão grandes. Mas que alternativa temos? Se não o fazemos, nos distanciamos do Crucificado e nos tornamos como os crucificadores. Como filhos da Luz, devemos andar nela, orar por quem nos fez mal, abençoar quem nos amaldiçoa, nadar na contramão de nossos próprios sentimentos. Em um coração bondoso só há espaço para poucos tipos de ódio: o ódio ao pecado. O ódio à iniquidade. E o ódio ao ódio.

Se alguém errou contra você, há uma escolha a ser feita: perdoar ou não perdoar. O caminho bíblico é o do perdão. É difícil, sim, mas é o mais excelente. O primeiro mártir da história do cristianismo, Estêvão, foi apedrejado até a morte por defender sua fé em Cristo. Observe a última frase que ele disse antes de morrer: “Enquanto

apedrejavam Estêvão, este orava: ‘Senhor Jesus, recebe o meu espírito’. Então caiu de joelhos e bradou: ‘Senhor, não os consideres culpados deste pecado’. E, tendo dito isso, adormeceu” (At 7.59-60). O homem que foi vítima do ódio tinha, humanamente falando, tudo para odiar quem o matou. Mas, com seu último suspiro, o que ele estendeu a seus executores não foram palavras agressivas, xingamentos, acusações ou blasfêmias: foi perdão.

Esse é o caminho. Estêvão imitou Cristo, e nós devemos imitá-lo. Pois não perdoar gera uma série de consequências terríveis. Falta de perdão provoca destruição, feridas que nunca cicatrizam e uma consequência espiritual séria: quem não perdoa os erros do próximo não é perdoado por Deus dos seus erros, como Jesus disse em pelo menos duas ocasiões: “Não julguem, e vocês não serão julgados. Não condenem, e não serão condenados. Perdoem, e serão perdoados” (Lc 6.37). E ainda: “E quando

estiverem orando, se tiverem alguma coisa contra alguém, perdoem-no, para que também o Pai celestial lhes perdoe os seus pecados. *Mas se vocês não perdoarem, também o seu Pai que está nos céus não perdoará os seus pecados*” (Mc 11.25-26).

Após o perdão

SENHOR, restaura-nos, assim como enches o leito dos ribeiros no deserto.

SALMOS 126.4

Minha esposa se formou na faculdade de Arquitetura. Tive a oportunidade de visitar o local que serviu como inspiração para seu trabalho final de curso: a Casa do Estudante Universitário, no Rio de Janeiro. O prédio é uma construção belíssima, que acabou deteriorado e abandonado. Para realizar seu projeto, Alessandra visitou o local, que estava interditado, e pude acompanhá-la em sua visita. Parecia que um tornado passara por ali. Recentemente, as luxuosas instalações do passado voltaram a funcionar, submetidas a um processo chamado *restauração*.

Essa é justamente a última etapa do perdão de Deus: a restauração. É como pegar uma casa em

ruínas e restaurá-la para que fique como nova. Tudo se faz novo: a parte elétrica, que não funcionava, volta a funcionar. A parte hidráulica, que parou de transportar água, passa a transportar. As janelas, destruídas, voltam a abrir e fechar. Mediante a restauração, tudo o que por um tempo ficou inutilizado volta a ter a mesma utilidade de antes.

A restauração é o que permite dar continuidade à vida.

Jesus contou uma história que ficou conhecida como a parábola do filho pródigo. O mais novo dos dois filhos de um homem reivindica sua herança, gasta tudo na farra e começa a passar necessidade. Resultado: vai trabalhar como tratador de porcos, desejando comer o alimento dos animais. Diante disso, decide pedir ao pai para aceitá-lo de volta como empregado. Qual não é sua surpresa quando o pai, cheio de compaixão, o recebe com abraços, beijos, a melhor roupa, um anel em seu dedo e

calçados para os pés. Mais ainda, manda preparar uma festa com um bezerro gordo. Suas palavras são comoventes: “Este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi achado” (Lc 15.24).

A grande beleza por trás dessa história não está no comportamento do filho, mas no do pai. “Cheio de compaixão” (Lc 15.20), ele ignora totalmente a desobediência do filho. Simplesmente o acolhe, em uma clara demonstração de graça e do mais puro e divino amor. Sim, Deus perdoa. Sim, há consequências. Mas o mais importante é o que acontece depois: a restauração. É hora de fortalecer-se e ir adiante, usando o aprendizado em favor dos relacionamentos, sem permitir que a lembrança do pecado deixe a vida estagnada ou mesmo a prejudique no futuro.

Deus pode transformar um terrível erro em algo maravilhoso. Nunca se esqueça de que foi da união do rei Davi com Bate-Seba, a mulher com quem ele adulterou e cujo marido mandou matar, que nasceu

Salomão. E, como relata Mateus na genealogia de Jesus, foi por essa linhagem que nasceu José, pai adotivo do Salvador do mundo (Mt 1.1-17). Sim, Deus transformou o pecado de um homem na semente do que seria a maior bênção da história da humanidade: a encarnação da Palavra, a raiz de Davi. Pois onde aumentou o pecado, transbordou a graça (Rm 5.20).

É possível. É desejável. Perdoe. E a restauração virá.

Resumo

Quando uma pessoa comete qualquer tipo de ofensa contra outra, é como se ela contraísse uma dívida com o ofendido. Perdoar é cancelar essa dívida. É estabelecer que seu devedor não lhe deve mais absolutamente nada.

Só é possível perdoar com base no amor: quem ama perdoa; já o egoísta retém o perdão. Perdoar não tem relação direta com os méritos do ofensor: Jesus nos ensinou, na cruz, que devemos estender perdão com base no amor, motivados pela misericórdia, enraizados na graça. Não é porque o cônjuge fez por merecer que o perdoamos, mas pela graça que Deus depositou em nosso coração.

Assim como Deus nos perdoa sem que mereçamos, devemos fazer o mesmo com quem nos fez mal. Não devemos condicionar nosso perdão ao fato de o ofensor fazer algo que o torne digno de ser

perdoado, pois, ao agir assim, nos distanciamos do amor e do exemplo de Deus, que perdoa por graça, e não por merecimento.

Todo tipo de ofensa que um cônjuge pratica contra o outro pode ser perdoada, basta quem foi ofendido querer perdoar. E não importa quantas vezes o outro erre, sempre podemos perdoar.

Perdoar é agir. E agir em favor de quem estamos perdoando, orando a Deus por sua vida, fazendo-lhe o bem, abrindo mão da vingança. Não devemos associar o ato de perdoar a sentir algo. Não é porque sentimos vontade de perdoar ou porque nossos sentimentos por quem nos ofendeu mudaram que perdoamos, mas o fazemos porque é o certo. Perdoar não é esquecer a ofensa sofrida; antes, é não deixar o veneno do ressentimento continuar fazendo efeito e corroendo nossa alma.

O perdão jamais deve ser usado como muleta que nos apoie no erro, até porque ele reverte o estrago, mas não anula os desdobramentos do erro.

Pelo contrário, deve ocorrer porque só traz benefícios, até mesmo melhorias na saúde mental, emocional e física. Perdoar é difícil, por isso não devemos esperar “tornar-se fácil” perdoar; caso contrário, nunca perdoaremos o cônjuge, nem pessoa alguma — lembrando que, se não perdoarmos, também Deus não perdoará os nossos pecados.

E, uma vez que o perdão é concedido, vem a restauração e a paz. Daí em diante, importa usar positivamente o aprendizado gerado pelo processo de pecado, perdão e restauração, sem permitir que a lembrança da ofensa prejudique sua felicidade.

Perguntas para reflexão

1. O que significa, na prática, perdoar?
2. Qual é a relação entre o amor e o perdão?
3. Que ações você pode praticar com relação ao cônjuge para exteriorizar e fortalecer o seu perdão?
4. Você só deve perdoar se o cônjuge fizer por merecer o seu perdão? Por quê?
5. Que tipos de erros você deve perdoar e quantas vezes?
6. Explique o papel do sentimento e o do entendimento racional no processo de perdão.
7. Perdoar é esquecer? Explique com um exemplo pessoal.

8. Perdoar é uma atitude difícil. Como podemos perdoar, diante dessa realidade?

9. Quais são as consequências de não perdoarmos quem nos fez mal?

10. Depois que perdoamos ou somos perdoados, como devemos agir?

2

Perdoar e se arrependar no casamento

Essencial para manter o
casamento é a capacidade
de perdoar e de se
arrependar.

TIMOTHY KELLER

O casamento talvez seja a instituição humana em que mais haja a necessidade de perdoar os erros do outro e se arrepender dos próprios erros. Afinal, o matrimônio é formado por dois seres humanos completamente diferentes, de origens diversas, que tiveram educações distintas, cuja forma de pensar é extremamente individual e que, da noite para o dia, se veem morando juntos, compartilhando a rotina, traçando projetos de vida conjuntos, necessitando olhar para o outro com o mesmo amor que têm por si mesmos.

Estar casado é dividir a cama, o banheiro, a conta bancária, os bens, o dinheiro, os projetos, os sonhos, o tempo... tudo. O casamento proporciona proximidade entre dois indivíduos totalmente diferentes como nenhuma outra forma de agrupamento humano. E, onde há proximidade, há atrito. Embora ninguém queira isso, é praticamente impossível viver anos ao lado de alguém sem que haja discordâncias, disputas, divergências, embates e

rusgas. A grande questão é: o que se pode fazer para evitar que os atritos levem à destruição do casamento, seja prevenindo que ocorram, mediante o arrependimento, seja consertando os estragos feitos, mediante o perdão?

Agora que você já adquiriu conceitos essenciais sobre o perdão, é hora de os aplicarmos ao casamento. Neste capítulo, veremos como o perdão e o arrependimento são fundamentais para um matrimônio feliz e longo, por meio de uma postura humilde, mais preocupada em reconhecer os próprios erros do que em se justificar ou em acusar o cônjuge. Se isso for seguido por marido e mulher, ao mesmo tempo, é grande a probabilidade de alcançar a paz na vida a dois.

Perdão: o caminho da restauração

Um abismo chama outro abismo, [...] todas as tuas ondas e vagas passaram sobre mim.

SALMOS 42.7, RA

Você certamente já viu rochas e outras formações geológicas que foram totalmente escavadas pelo vento ou pela água do mar, dos rios ou da chuva. São paredões no litoral, formações rochosas no interior ou cânions gigantescos que, dia após dia, século após século, foram sendo escavados e modificados pelo processo de erosão, isto é, o desgaste da superfície terrestre que ocorre como consequência do atrito. É o caso do Parque Estadual de Vila Velha, no Paraná, com suas esculturas gigantescas formadas pelo atrito do vento, e do Grand Canyon, nos Estados Unidos, moldado pela

erosão causada pelo atrito das pedras com as águas do rio Colorado.

Seja como for, é fato que, onde houver *contato* entre duas superfícies, haverá *atrito*; e onde houver atrito, haverá *erosão*. A erosão faz rochas duríssimas se modificarem a ponto de desmoronar.

A vida a dois conta com um processo bem parecido. Nenhum casamento acaba do dia para a noite. Na maioria dos casos, a destruição de um relacionamento conjugal é resultado de um lento processo de erosão. Dada a proximidade e a intimidade, marido e mulher começam a, eventualmente, entrar em atrito. São atritos promovidos por discordâncias, ofensas, agressões, comparações, traições, desrespeito, palavras duras e diversos outros elementos que começam a modificar o formato inicial do relacionamento. O marido e a mulher fustigam um ao outro com posturas que, lentamente, minam os aspectos racionais e sentimentais e tornam o amor que levou aquele

homem e aquela mulher a se unirem uma lembrança distante. Cessam as atitudes amorosas. Interfere-se no sentimento. Questiona-se por que continuar juntos.

Se esse processo não for interrompido pelo arrependimento e a mudança na prática dos erros, o atrito tende a se tornar frequente e intenso. E, assim, aos poucos, o casamento vai erodindo. Caso não seja feito algo a respeito, o resultado é certo: a relação desmoronará e o matrimônio será destruído.

Pode ser que o seu casamento já esteja em estado adiantado de erosão, em razão de um longo período de atritos sem arrependimento e sem perdão. Ações que ofendem, omissões que magoam, palavras que prejudicam... diferentes elementos vão, pouco a pouco, debilitando e arrebatando o matrimônio, tal como a água, o vento e o gelo fazem com a rocha.

Na natureza, não existe como reverter esse processo: uma rocha ou uma montanha erodida está

perdida ou será transformada em algo diferente para sempre. Mas, no caso de um casamento, essa realidade não se aplica: é possível, sim, reverter um processo de erosão em um relacionamento e restaurar seu formato inicial.

O fenômeno que provoca essa reversão seguida de reconstrução é justamente a capacidade de *se arrepender* e, principalmente, de *perdoar*.

Todo mundo erra no casamento

Não entendo o que faço. Pois não faço o que desejo, mas o que odeio. [...] Porque tenho o desejo de fazer o que é bom, mas não consigo realizá-lo. Pois o que faço não é o bem que desejo, mas o mal que não quero fazer, esse eu continuo fazendo.

ROMANOS 7.15,18-19

Deixe-me contar-lhe um segredo: todo mundo erra. E mais: todo mundo erra no casamento. Pronto, agora você pode respirar aliviado, pois acabou de descobrir que não é um ET, mas um entre 7 bilhões de pessoas normais ao redor do planeta que cometem erros. A grande questão não é se você erra ou não, mas o que fazer diante da compreensão de que erra.

É absolutamente impossível viver ao lado de uma pessoa por anos sem pisar na bola muitas vezes. Todo mundo erra; apenas cometemos erros diferentes uns dos outros. É uma certeza: em algum

momento, você vai decepcionar seu cônjuge, magoá-lo, irritá-lo, fazer coisas de que ele não gosta, tentar passar por cima, ignorar, reagir mal, negligenciar. Isso não é desejável, mas é líquido e certo. E por uma única razão: você é humano. E humanos erram.

O que não quer dizer que deva se conformar com isso!

“Tenho o desejo de fazer o que é bom, mas não consigo realizá-lo.” Quem disse essa frase foi ninguém menos que o apóstolo Paulo. E ele foi um homem que passou por uma extraordinária experiência de conversão ao cristianismo, abraçou vigorosamente a ética das virtudes cristãs e viveu episódios maravilhosos e incríveis com Deus (ele relata na Bíblia, por exemplo, que “foi arrebatado ao paraíso e ouviu coisas indizíveis”, 2Co 12.4). Ainda assim, mesmo tendo visto frente a frente a grandeza do mundo espiritual, ele errava. Tinha atitudes reprováveis. Como isso é possível?

Simples: Paulo era humano, como você e eu.

Então não fique para baixo porque já cometeu muitos erros no seu casamento; isso apenas prova que você é um ser humano, portador de uma natureza falível.

Neste ponto, você poderia se irritar comigo, pois, afinal, este livro promete oferecer respostas sobre como evitar problemas conjugais, e não ficar jogando na sua cara que você comete erros. Calma. Se isso passou pela sua cabeça, fique tranquilo. Reconhecer que você erra é justamente o primeiro e indispensável grande passo para não errar mais, pois é da percepção do seu erro, quando você se torna capaz de dizer “sim, eu confesso: errei”, que as portas se escancaram para que tudo melhore.

Repare o que Paulo escreveu aos cristãos da cidade grega de Corinto: “Agora, porém, me alegro, não porque vocês foram entristecidos, mas porque a tristeza os levou ao arrependimento” (2Co 7.9). Interessante: ele diz estar alegre porque a

tristeza, que é algo ruim, conduziu aquelas pessoas ao arrependimento. Por quê? Porque, se a percepção dos seus erros levam você a se arrepender, não há motivo para lamentar. Arrependimento é exatamente o que Deus quer que brote em seu coração depois que você comete um erro — quanto mais se for um erro na relação conjugal.

Por quê? Porque o arrependimento é a grande arma para não voltar a errar.

Arrependimento

A tristeza segundo Deus não produz remorso, mas sim um arrependimento que leva à salvação, e a tristeza segundo o mundo produz morte. Vejam o que esta tristeza segundo Deus produziu em vocês: que dedicação, que desculpas, que indignação, que temor, que saudade, que preocupação, que desejo de ver a justiça feita!

2CORÍNTIOS 7.10-11

Qual é a principal diferença entre Judas Iscariotes e o apóstolo Pedro? Ambos traíram Jesus: Judas ao vendê-lo por trinta moedas e Pedro ao negá-lo três vezes. Mas a forma como lidaram com isso foi diferente. O primeiro reagiu com *remorso* e acabou se enforcando. O segundo reagiu com *arrependimento* e acabou tornando-se um dos grandes apóstolos de Cristo. O que os diferenciava?

Remorso é uma disposição interna de discordar de um erro ou comportamento errado que a própria pessoa tenha cometido ou adotado por algum tempo. É o abatimento de alma, a tristeza

decorrente da dolorosa percepção de ter feito algo ruim. Mas só esse sentimento não configura o arrependimento bíblico. Para que a pessoa que errou de fato demonstre estar arrependida, precisa mudar de atitude. Dar uma nova direção à sua vida. Começar a fazer o contrário do que fazia. Em síntese, é preciso passar por um processo de *transformação*.

Arrepende-se é reconhecer o erro, confessá-lo a Deus e dispor-se de coração a abandoná-lo. Apenas a tristeza pelo erro cometido sem uma mudança real não é arrependimento. Não demonstra uma verdadeira percepção do mal cometido nem uma vontade real de mudar de trajetória. Quem se arrependeu de fato pelos padrões cristãos necessariamente firmará o sincero compromisso de deixar de fazer o que fazia. É retroceder até o ponto onde caiu e continuar a caminhada a partir dali. Quem cometia determinado erro, que não o cometa mais (Jo 8.11). Dizer-se arrependido mas

não ter disposição para abandonar o erro não demonstra arrependimento em Cristo.

Por exemplo, suponha que dois homens assaltem um banco. O primeiro, arrependido, confessa, pede perdão e aceita a punição. O segundo, pego pela polícia, sente remorso no coração mas diz que, se uma nova chance aparecer, roubará novamente. Arrependimento é uma tristeza celestial que produz vida. Remorso é uma tristeza do mundo que produz morte.

Assim, enquanto o remorso é apenas a *percepção* do erro cometido, o verdadeiro arrependimento é a soma de uma *percepção* com uma *atitude*: é admitir os erros, numa tomada de consciência que, por sua vez, nos leva a fazer a nossa parte em atitudes práticas para não mais cometê-los. Arrependimento real dá frutos, como disse o próprio Jesus: “Deem fruto que mostre o arrependimento!” (Mt 3.8).

Quando você comete um erro e se dá conta de que de fato errou, se você apenas sentir remorso,

isso não proporcionará proveito algum. Mas, se você se arrepender sinceramente, de todo o coração, isso trará mudança de comportamento, com a ajuda de um elemento importantíssimo que se segue ao arrependimento: o aprendizado.

Aprender no casamento para não mais errar

Purifica-me com hissopo, e ficarei puro; lava-me, e mais branco do que a neve serei. Faze-me ouvir de novo júbilo e alegria, e os ossos que esmagaste exultarão. Esconde o rosto dos meus pecados e apaga todas as minhas iniquidades. Cria em mim um coração puro, ó Deus, e renova dentro de mim um espírito estável. Não me expulses da tua presença, nem tires de mim o teu Santo Espírito. Devolve-me a alegria da tua salvação e sustenta-me com um espírito pronto a obedecer. Então ensinarei os teus caminhos aos transgressores, para que os pecadores se voltem para ti.

SALMOS 51.7-13

O rei Davi é o autor do salmo 51. Ele o escreveu imerso em profunda tristeza, após adulterar com Bate-Seba e provocar a morte do marido dela, o soldado Urias. Suas palavras revelam uma alma que se considera indigna, mas sabe que pode ser perdoada e restaurada.

É fácil perceber o estado de espírito do rei de Israel: arrasado, desolado, abatido, para baixo, sem a

alegria da salvação. Mas também esperançoso. Davi conhecia o Senhor e sabia a extensão de sua misericórdia.

A questão era o que fazer a partir desse ponto. O salmo mostra que Davi enxergava a estrada à frente: “Então ensinarei os teus caminhos aos transgressores, para que os pecadores se voltem para ti” (v. 13). Ele aprendeu a lição. E agora era hora de fazer algo com ela. O rei pecador decide se tornar nosso “professor”. Ele agora era capaz de dizer aos outros: “Não faça isso; eu fiz, e veja o que aconteceu. Não vale a pena. Mas, se você pecou, faça como eu: arrependa-se e torne-se você também alguém que ensina boas lições aos outros”. Ainda hoje, três mil anos depois de o homem segundo o coração de Deus ter pecado de modo tão horripilante, tiramos de sua experiência lições que ajudam multidões em seus dramas pessoais.

E é interessante perceber um aspecto da história de Davi. Se você continua lendo na Bíblia o relato

de sua vida, vai perceber que ele nunca mais cometerá o mesmo erro. Não há mais nenhuma sugestão de que o rei tenha voltado a adular. Pelo contrário, ele tenta remediar o estrago que provocou e toma Bate-Seba como sua esposa.

Se há algum benefício no erro é que, se você de fato percebe que o que fez foi algo ruim e prejudicial e se arrepende, junto com o arrependimento vem o aprendizado. E uma pessoa verdadeiramente arrependida fará de tudo para não errar de novo.

Assim, se você está interessado de todo o coração em evitar e prevenir problemas conjugais, o que tem de fazer é ficar atento aos momentos em que cometer qualquer tipo de erro. Uma vez que reconheça que errou, deve levantar a bandeira vermelha e pôr aquilo que fez debaixo do microscópio da autocrítica.

Pergunte-se: Por que fiz isso? O que ganhei com o que fiz? Eu sabia que estava errado? Se sabia, por

que levei adiante? Que fatores me enfraqueceram a ponto de errar em algo que eu sabia que era errado? E assim por diante.

O importante é que o arrependimento escancare aos seus olhos que você errou, que circunstâncias proporcionaram esse erro e quais são as características desse erro. Porque, ao fazer esse diagnóstico, ficará claro para você que o inimigo não é o seu cônjuge: é o seu erro. E, então, é hora de dizer:

Eu errei, estou arrependido. Perdoe-me.

Humildade diante do cônjuge

Quando vem o orgulho, chega a desgraça, mas a sabedoria está com os humildes.

PROVÉRBIOS 11.2

O arrependimento só se faz presente no coração das pessoas que têm humildade suficiente para reconhecer seus erros.

“A humildade antecede a honra” (Pv 15.33; 18.12), diz a Bíblia ao cônjuge que é cabeça-dura, que não cede nunca, que jamais está errado, que só enxerga as falhas do outro. Se você é assim, deixe-me lembrá-lo de que a única pessoa que passou pela terra sem nunca ter errado foi Jesus.

Você erra. Você não está sempre certo. E, se não compreender que “Melhor é ter espírito humilde entre os oprimidos do que partilhar despojos com os orgulhosos” (Pv 16.19), não aprenderá com os

erros, não demonstrará arrependimento e, assim, perpetuará os problemas na sua vida conjugal, em vez de preveni-los. Com essa postura inflexível, estará deixando de desfrutar os benefícios dos humildes: “A recompensa da humildade e do temor do SENHOR são a riqueza, a honra e a vida” (Pv 22.4).

Será que você mais aponta o dedo para o outro do que olha para as próprias falhas? Isso é falta de humildade. “O orgulho do homem o humilha, mas o de espírito humilde obtém honra” (Pv 29.23). A proposta aqui é *você* se analisar, e não ficar olhando os erros do outro — e ele certamente os tem. Mas deixe de lado por um momento o que seu cônjuge faz de errado e concentre-se nos *seus* erros, pois só assim conseguirá começar a construir algo que edificará o casamento. Lembre-se: “Embora esteja nas alturas, o SENHOR olha para os humildes, e de longe reconhece os arrogantes” (Sl 138.6).

Um dos grandes empecilhos para evitar futuros problemas no casamento é a falta de arrependimento, que vem sempre intimamente associada à falta de humildade de reconhecer as próprias falhas. É um problema dos cônjuges que erram, não aprendem com o erro e, por arrogância e falta de arrependimento genuíno, seguem cometendo os mesmos erros. Sabe aonde isso vai levá-lo? À crise conjugal.

Deixar de reconhecer seus erros é um erro. Abrace esta proposta: “Sejam completamente humildes e dóceis, e sejam pacientes, suportando uns aos outros com amor” (Ef 4.2), pois “Deus se opõe aos orgulhosos, mas concede graça aos humildes” (Tg 4.6).

Se você olhar para si e seu cônjuge olhar para ele, cada um fazendo sua parte na identificação humilde das próprias falhas, a chance é que os pontos de tensão e as situações que levam às brigas e à crise cairão dramaticamente. “Quanto ao mais, tenham

todos o mesmo modo de pensar, sejam compassivos, amem-se fraternalmente, sejam misericordiosos e humildes” (1Pe 3.8). Se você e seu cônjuge tiverem o mesmo modo humilde de pensar e, em amor, viverem o arrependimento que leva à mudança, seu casamento conhecerá a paz e a harmonia.

Arrogância: um câncer no casamento

O orgulho vem antes da destruição; o espírito altivo, antes da queda.

PROVÉRBIOS 16.18

A arrogância é uma doença maligna e silenciosa. Um dos efeitos dessa moléstia é que, em geral, o arrogante se acha a pessoa mais humilde do mundo — ele não se vê como verdadeiramente é. Com frequência, aponta os erros do outro mas não consegue perceber como a sua essência está contaminada; se consegue, tem a arrogância de dizer que não é arrogante.

Arrogância é sinônimo de orgulho, altivez, soberba, prepotência. Mostre-me um arrogante e lhe mostrarei um indivíduo sem Deus. Sobre esse pecado a Bíblia diz: “Tu não és um Deus que tenha prazer na injustiça; contigo o mal não pode habitar.

Os arrogantes não são aceitos na tua presença” (Sl 5.4-5). O apóstolo Paulo fala sobre o perfil dos homens nos últimos tempos: “Saiba disto: nos últimos dias sobrevirão tempos terríveis. Os homens serão egoístas, avarentos, presunçosos, *arrogantes...*” (2Tm 3.1-2).

Não há arrogantes admiráveis. A arrogância foi o pecado que fez aquele que ficava ao lado do Senhor no céu tornar-se Satanás. Não bastava ele ser querubim guardião, permanecer no monte santo de Deus, andar entre as pedras fulgurantes. É interessante observar o caminho de corrupção que ele percorre, de anjo a espírito maligno. No início, “Você era inculpável em seus caminhos desde o dia em que foi criado”, só que, aos poucos, nele “se achou maldade”. O que me entristece é que, se o destino dos homens arrogantes for o mesmo do querubim arrogante, o que eles ouvirão ao final de sua vida é: “Por isso eu o lancei, humilhado, para longe do monte de Deus, e o expulsei, ó querubim

guardião, do meio das pedras fulgurantes. Seu coração tornou-se orgulhoso por causa da sua beleza, e você corrompeu a sua sabedoria por causa do seu esplendor. Por isso eu o atirei à terra; fiz de você um espetáculo para os reis” (Ez 28.16-17).

É uma certeza quase matemática, não tem como dar errado. A Bíblia registra: “A arrogância dos homens será abatida, e o seu orgulho será humilhado” (Is 2.17). Diante desse quadro, o que lhe parece mais sábio: buscar a humildade que leva as pessoas a ser bem vistas por Deus ou viver em arrogância, que só traz destruição?

A arrogância pode ser um monumental impedimento para evitar problemas conjugais, pois o arrogante jamais se considera errado. Nunca corrige suas falhas. Portanto, não há arrependimento. E onde não há arrependimento, os erros prevalecem, os problemas continuam os mesmos e... nada muda!

Olhe para si. Se você enxerga arrogância nas suas atitudes, a mudança de postura é urgente. Urgente! E, caso você vista a capa do “eu sou assim mesmo, os outros que me aceitem como sou”... preocupe-se. Pois o bem-estar do seu casamento depende de você lançar longe essa capa e revestir-se da boa capa da humildade.

Preocupe-se em se examinar, e não em acusar

Enquanto eu mantinha escondidos os meus pecados, o meu corpo definhava de tanto gemer. [...] Então reconheci diante de ti o meu pecado e não encobri as minhas culpas. Eu disse: Confessarei as minhas transgressões ao SENHOR, e tu perdoaste a culpa do meu pecado.

SALMOS 32.3,5

Existe uma razão para o arrependimento ser a melhor ferramenta para a prevenção de erros. O que acontece é que o arrependimento verdadeiro e sincero entende que o *eu* é o problema. E passa a lidar com os erros por essa perspectiva, consertando o que o *eu* pode consertar, porque ninguém consegue mudar o outro.

Já conversei em diversas ocasiões com casais que estavam atravessando crises conjugais. O que me impressionou em praticamente todas as vezes é que,

quando eu pedia a cada um que explicasse quais eram os problemas que tinham originado a situação de conflitos, a reação era praticamente idêntica. Cada cônjuge despejava uma avalanche de acusações contra o outro. Presenciei festivais de erros colocados sobre a mesa, mas o que me chamou a atenção é que todos eram postos na conta do outro. “Ele fez isso, ele fez aquilo, ele fez aquilo outro...” ou “Ela vive agindo desse modo, ela não para de fazer aquilo, ela cisma em fazer aquilo outro...”.

Sempre que vejo isso acontecer, me entristeço, pois algo que aprendi é que dificilmente uma pessoa que não se arrependeu dos próprios erros conseguirá resolver a crise conjugal. Minha experiência mostra que, para que haja restauração e resolução dos pontos de conflito, é preciso um *mea culpa*, o verdadeiro reconhecimento da responsabilidade individual.

Os casais que conseguem atravessar os vales sombrios do casamento e chegar aos pastos

verdejantes geralmente são aqueles em que há uma admissão de culpa de ambos os cônjuges. Quando você escuta do marido afirmações como “De fato, reconheço que errei nisto e naquilo e sei que preciso consertar esses aspectos” e, junto a isso, ouve da esposa frases como “Eu sei que estou errada, é difícil para mim mudar esse comportamento, mas quero melhorar nisto e naquilo”, aí você percebe que há esperança de que a crise chegue ao fim.

Quer evitar e prevenir problemas conjugais? Observe o que o *eu* faz de errado. Ponha sob os holofotes as falhas e as fraquezas do *eu*, e não do *ele*. Analise detidamente o que o *eu* causa de problemas de maneira repetida, e não os defeitos da *ela*. Se você conseguir chegar ao ponto de responsabilizar, assumir e reconhecer tudo aquilo que o *eu* comete de erros e, em seguida, arrepender-se verdadeiramente e buscar transformar tudo o que necessita de mudança... pode ter certeza de que

estará no caminho para evitar futuros problemas conjugais.

Justificativa ou desculpa esfarrapada?

Ouvindo o homem e sua mulher os passos do SENHOR Deus que andava pelo jardim quando soprava a brisa do dia, esconderam-se da presença do SENHOR Deus entre as árvores do jardim. Mas o SENHOR Deus chamou o homem, perguntando: “Onde está você?” E ele respondeu: “Ouvi teus passos no jardim e fiquei com medo, porque estava nu; por isso me escondi”. E Deus perguntou: “Quem lhe disse que você estava nu? Você comeu do fruto da árvore da qual lhe proibi comer?” Disse o homem: “Foi a mulher que me deste por companheira que me deu do fruto da árvore, e eu comi”. O SENHOR Deus perguntou então à mulher: “Que foi que você fez?” Respondeu a mulher: “A serpente me enganou, e eu comi”.

GÊNESIS 3.8-13

Esse relato de Gênesis mostra a primeira crise conjugal da história da humanidade. Adão e Eva viviam tranquilamente no jardim do Éden, até o dia em que a serpente conseguiu induzir o casal a comer do único fruto que Deus tinha proibido. Pronto, o estrago estava feito. O pecado tinha

entrado no gênero humano, dando início à grande tragédia de homens e mulheres pelos milênios seguintes.

Um aspecto interessante nessa história é que, quando Deus denuncia o erro de Adão, na mesma hora ele, em vez de reconhecer sua culpa e demonstrar arrependimento, se defende jogando a responsabilidade no colo da esposa: “Foi a mulher que...”. Em seguida, Deus vira-se para Eva e lhe dá a oportunidade de assumir o erro: “Que foi que você fez?”. Em vez de demonstrar arrependimento e assumir a culpa do *eu*, Eva, por sua vez, joga a responsabilidade na conta da serpente. “A serpente me enganou, e...”.

Parece que nada mudou do Éden até os nossos dias. Continuamos ainda hoje usando a mesma estratégia que Adão e Eva usaram no passado: em vez de nos arrependermos e reconhecermos a culpa do *eu*, procurando não repetir o erro, acusamos o outro. É quando surgem as *justificativas*.

Assim, se eu não me arrependo de ser um marido seco e pouco carinhoso, culpo a esposa de ser carente demais. Ou, se não me arrependo de ficar jogando charme para outros homens, culpo o marido de ser ciumento. Caso não me arrependa de ser um tremendo bagunceiro que deixa todo santo dia as coisas espalhadas pela casa, culpo o cônjuge de ser um chato que só vive reclamando. Se não me arrependo de ser agressivo na forma de tratar a esposa, a culpo de se isolar demais. Ou, se não me arrependo de ser uma tremenda gastadeira, que torra o dinheiro da família sem avisar o marido, o culpo de ser pão-duro. E assim por diante.

O fato é que um dos maiores inimigos do arrependimento genuíno, que leva à prevenção de novos erros, é a *justificativa*. Pois ela sempre será uma saída de emergência que dará ao cônjuge desculpas para continuar incorrendo sempre nos mesmos erros. Apontar o dedo para o outro é o caminho mais fácil para permanecer errando e errando e

errando, rumo a uma crise conjugal cada vez mais severa.

A solução para evitar futuros erros é *cada um* se arrepender daquilo que fez de errado — sem justificativas! —, consertando os *seus* problemas, sem ficar focando os do outro. Só assim, assumindo a responsabilidade e tomando cuidado para não repetir os mesmos erros, você será capaz de evitar que crises venham a ocorrer.

Acabe com as justificativas. Seu casamento agradece.

Divórcio?

“Eu odeio o divórcio”, diz o SENHOR, o Deus de Israel.

MALAQUIAS 2.16

Minha filha tinha acabado de completar 3 anos quando a levamos ao cinema para assistir a um filme infantil. Porém, sem que esperássemos, antes do início passou um curta-metragem em que um vilão corria atrás de outros personagens, gritando e esbravejando. Imediatamente, minha filha começou a ficar nervosa, tensa e, com os olhos marejados, pediu para ir embora. Eu insisti que ficasse, pois o curta já acabaria e o filme que tínhamos ido ver começaria, mas ela não suportou o incômodo. Minha vontade era que ela suportasse o incômodo até que passasse e, depois, desfrutasse do desenho. Mas não deu: foi demais para ela e, por isso, acabei cedendo e a levamos do cinema. Compreendi que seu incômodo era maior do que ela podia aguentar.

Do mesmo modo, o Deus compassivo compreende nossas dificuldades. Acredito que foi por isso que ele permitiu, em poucas circunstâncias, o divórcio. O plano original do Senhor é que todo casamento dure até que a morte separe o casal. No entanto, por compaixão, Deus permite, em circunstâncias bem específicas, que se “saia do cinema”.

Sei que o assunto é controverso. Sei que há muitas teorias. Opto por ser estrito à Bíblia, sem me arriscar a especulações. No Novo Testamento, só há duas possibilidades explícitas para a separação. Em Mateus 5.31-32, Jesus estabelece como única situação passível de divórcio a “imoralidade sexual” de um dos cônjuges. Ele reforça isso em Mateus 19.3-9. Em 1Coríntios 7.15, Paulo abre espaço para o que parece ser mais uma possibilidade: quando um descrente decide, unilateralmente, separar-se do cônjuge cristão. Fora dessas duas situações, não há base bíblica explícita para o divórcio. Todas as

possibilidades além dessas são interpretações e deduções pessoais, e cada caso tem de ser analisado com responsabilidade, à luz das Escrituras, de preferência sob a orientação de um sacerdote.

Muitos maridos e esposas traídos gostariam de abraçar a vontade do Senhor, mas, infelizmente, foram tão machucados pelo cônjuge que até gostariam de perdoar e prosseguir com a vida a dois, mas não conseguem. Choram com os dentes trincados, incapazes de seguir vivendo com quem os magoou. Aqui, temos de separar o que Deus quer daquilo que ele permite. Deus não quer que ninguém se separe do marido ou da esposa. No entanto, ele compreende certas situações e cede por amor. “Como um pai tem compaixão de seus filhos, assim o SENHOR tem compaixão dos que o temem; pois ele sabe do que somos formados; lembra-se de que somos pó” (Sl 103.13-14).

O que Deus odeia? O divórcio. O que Deus ama? O perdão. Há base bíblica para separação em caso de imoralidade sexual ou abandono por parte de um dos cônjuges? Sim. Qual é a vontade de Deus para casamentos em que houve imoralidade sexual ou abandono? Tudo na Bíblia me leva a crer que é o perdão, a reconciliação e a restauração, pois esse é o padrão de Deus: levar o pecador da ruína à restauração. É possível? Sim, é. O caminho? Arrependimento e *perdão total*.

Uma percepção fundamental para conseguir perdoar

Se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós. [...] Se afirmarmos que não temos cometido pecado, fazemos de Deus um mentiroso, e a sua palavra não está em nós.

1JOÃO 1.8,10

Sabe aquela vez em que você passou a tarde inteira, depois de almoçar, com uma enorme casca de feijão nos dentes e só descobriu quando chegou em casa? Que embaraçoso. E pensar que uma simples atitude poderia ter evitado aquilo: examinar a si mesmo. Quando você não olha atentamente para si, a possibilidade de passar por situações como essa é grande.

A justiça contida no padrão divino de perdão reside no fato de que não existe razão para uma

pessoa pecadora condenar outra pessoa pecadora. Se existe uma casca de feijão do tamanho de um campo de futebol em seu dente, o que lhe dá o direito de ficar falando da alface no dente de seu colega de trabalho? Não importa se o pecado do outro foi inveja, vaidade, adultério ou cobiça, a verdade é que ninguém tem superioridade para condenar quem quer que seja. Afinal, “não há ninguém que faça o bem, não há nem um sequer” (Rm 3.12).

Temos de reconhecer que carregamos casca de feijão nos dentes o dia todo, todo dia. O melhor dos homens precisa do perdão de Deus. Jesus deixou isso claro quando levaram até ele certa mulher que havia sido flagrada em adultério. Pela lei, a pena para essa atitude era clara: apedrejamento até a morte. A mulher tremia, caída no chão, apenas aguardando a primeira pancada. Em vez disso, o que bate com impacto avassalador em seu coração é uma frase simples: “Se algum de vocês estiver sem

pecado, seja o primeiro a atirar pedra nela” (Jo 8.7). Jesus se põe de pé e pergunta a ela se ninguém a havia condenado. “Ninguém, Senhor”, é a resposta. Então, ele dá o veredito: “Eu também não a condeno. Agora vá e abandone sua vida de pecado” (Jo 8.11). E é isso que ele diz todos os dias a respeito de cada um de nós e a cada um de nós a respeito do nosso próximo.

Você tem dificuldade de perdoar seu cônjuge? Então perceba que você também não pode atirar a primeira pedra. Pode ser que você nunca tenha cometido o mesmo erro com que ele o feriu, mas, certamente, cometeu muitos outros. A leitura da Bíblia e a intimidade com o Espírito Santo denunciam essa realidade. Será que você nunca mentiu? Ou prejudicou alguém? Feriu sentimentos? Cobiçou? Desrespeitou? Ofendeu? Machucou? Se você nunca fez nada disso a seu cônjuge, ótimo. Mas, se fez, lembre-se de que estamos todos no mesmo barco. Afinal, todos erramos. De repente,

você até concorda que todos temos nossos erros, mas resiste a perdoar por crer que a ofensa feita contra você foi grave demais.

Sobre esse aspecto, Tiago diz que quem obedece a toda a Lei, mas tropeça em apenas um ponto, torna-se culpado de quebrá-la inteiramente (Tg 2.8-10). Isso nos iguala absurdamente. Todos erramos! Jesus disse: “Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam” (Mt 7.12). *Em tudo*. Você quer ser perdoado? Então faça o que o Senhor mandou: perdoe.

Ponha em prática

Depois disso, [Jesus] derramou água numa bacia e começou a lavar os pés dos seus discípulos [...]. Quando terminou de lavar-lhes os pés, Jesus [...] lhes perguntou: “Vocês entendem o que lhes fiz? [...] vocês também devem lavar os pés uns dos outros. Eu lhes dei o exemplo, para que vocês façam como lhes fiz. [...] Agora que vocês sabem estas coisas, felizes serão se as praticarem”.

JOÃO 13.5,12,14-15,17

Perdão é mais, muito mais que uma palavra: é o remédio para a cura de feridas conjugais que sangram há anos e o caminho para a restauração de relacionamentos erodidos e em ruínas. Mas, se não for posto em prática, será apenas isto: uma palavra. Morta. Se você fechar este livro, com toda a bagagem de conhecimentos que adquiriu nele, mas não puser em prática o perdão em sua vida a dois, de nada terá adiantado investir seu tempo nesta leitura. O perdão foi feito para ser praticado.

Se o seu cônjuge o feriu, não espere mais: *perdoe*. Não adie. Pode ser que ele tenha cometido erros

horríveis ao longo dos anos ou, talvez, apenas um grande erro que marcou profundamente a sua vida. Se foi o caso, a maneira bíblica de restabelecer o relacionamento de vocês e sarar o seu interior é o perdão. *Perdoe!*

Sei que muitas coisas podem estar passando pela sua cabeça: dúvidas, questionamentos, lembranças ruins, a dor de lágrimas derramadas, mágoas, tristezas. Eu sei que dói. Mas Jesus também sofreu demais e, ainda assim, perdoou quem o machucou. E nos deixou o exemplo, mostrando que perdoar não é se rebaixar. Faça a sua parte: cancele a dívida, tire esse veneno de sua alma. Perdoar é um gesto de grandeza, é majestoso, é elevado. E é divino.

Mas, se foi você quem feriu seu marido ou sua esposa, saia do imobilismo e peça perdão. *Já! Não espere mais!* Mostre seu arrependimento, confesse sua insatisfação com o que fez ou vem fazendo. Coragem! Pode ser que seja algo muito difícil de fazer, mas acredite: é a cura! Se você errou, quer

estancar o sangue das feridas da alma e pôr de pé o relacionamento cambaleante, tenha a maravilhosa postura de dizer: “Eu errei. Estou arrependido. Perdoe-me”. E mude o que precisa ser mudado; pois apenas falar, sem agir, é só lançar palavras ao vento.

Deus ensinou o caminho para a restauração do seu casamento. Agora cabe a você fazer a coisa certa. Lance no lixo o orgulho e a vergonha, esses espinhos cravados que não deixam a ferida cicatrizar. Em seguida, parta em busca da cura. Já vi muitos casamentos serem restaurados pelo poder do perdão total, por isso sei que é possível, que é verdade. Perdão não é placebo, é um remédio eficaz. Perdão não é conversa fiada, é conversa divina. Perdão não é uma palavra morta, é o idioma vivo falado por aquele que “é a Palavra” (Jo 1.1), que é “Aquele que Vive” (Ap 1.18) e que escreve todos os dias a história da sua vida.

Perdoe-me.

Eu te perdoo.

Não deixe que o sol se ponha hoje sem que saiam dos seus lábios essas palavras revolucionárias. Lave os pés de seu cônjuge, perdoando ou pedindo perdão, e você desfrutará das maravilhas que só o perdão total é capaz de produzir.

A vida continua!

Elias teve medo e fugiu para salvar a vida. Em Berseba de Judá ele deixou o seu servo e entrou no deserto, caminhando um dia. Chegou a um pé de giesta, sentou-se debaixo dele e orou, pedindo a morte: “Já tive o bastante, SENHOR. Tira a minha vida; não sou melhor do que os meus antepassados”. Depois se deitou debaixo da árvore e dormiu. De repente um anjo tocou nele e disse: “Levante-se e coma”. Elias olhou ao redor e ali, junto à sua cabeça, havia um pão assado sobre brasas quentes e um jarro de água. Ele comeu, bebeu e deitou-se de novo. O anjo do SENHOR voltou, tocou nele e disse: “Levante-se e coma, pois a sua viagem será muito longa”.

1REIS 19.3-7

Suponha que por décadas você teve uma dívida que nunca conseguiu pagar e, por isso, o seu nome está sujo na praça. Toda vez que tenta fazer um financiamento, pedir um empréstimo ou prestar um concurso público, por exemplo, alguém acessa o sistema do computador e pronto: nada feito. Lá vem a sua dívida à tona: “Lamento, não será possível, aqui diz *Dívida pendente*. Enquanto não

pagar a dívida, não podemos atendê-lo”. Isso o impossibilitou por muito tempo de ir adiante; sua dívida simplesmente mantém você aprisionado e emperra o seu avanço.

Até o dia em que, por um motivo qualquer, aquela dívida é cancelada.

Tudo muda! Que sensação indescritível! Agora você é livre para fazer o que quiser! Como parece até mentira, você corre para uma agência do governo e pede para o funcionário acessar o seu nome no computador.

— O que consta aí? — você pergunta.

— Nada — responde o funcionário.

— Nada?

— Isso.

— Não aparece “dívida cancelada”, “teve uma dívida grande por décadas”, algo assim?

— Negativo. Tudo normal. Tudo zerado. Nada consta. Nenhum registro. Tudo limpo e em perfeitas condições.

— Então posso seguir adiante, comprar uma casa ou um carro, fazer empréstimos, o que quiser?! De verdade?!

— Positivo. Vá em frente. O céu é o limite. A vida continua!

O perdão faz isso. Seus erros o acorrentam. Geram atrito. Provocam erosão. Aprisionam você a uma dívida com seu cônjuge que tem um poder destrutivo. Mas, se você foi perdoado, acabou. Tudo normal. Tudo zerado. Nada consta. Nenhum registro. Tudo limpo e em perfeitas condições. Pode seguir adiante. A vida continua!

O mesmo vale se o erro é do seu cônjuge. Ao perdôá-lo, o sistema deleta tudo o que ele lhe devia e não há nenhuma razão para você cobrar algo. É um novo começo. E um novo começo *diário*. Dia a dia. Passo a passo.

É hora de seguir em frente. Não olhem para trás. Não permitam que os erros comandem o relacionamento de vocês;

o amor e o perdão é que devem fazer isso. Se a estrada da sua vida conjugal for pavimentada sobre a lembrança dos erros, ela será esburacada, cheia de calombos e, um dia, quebrará a suspensão do seu carro. Mas asfalte a estrada do seu casamento sobre o amor e o perdão e você percorrerá milhares de quilômetros pela frente de forma suave e tranquila. E a jornada da sua vida será marcada por algo chamado *paz*.

Resumo

A Bíblia aponta caminhos para evitar problemas conjugais e também para restaurar casamentos em crise. Todos erramos na vida a dois. Dizer o contrário seria viver num mundo de fantasia. Porém, podemos nos arrepender do erro e aprender com ele, para não mais repeti-lo. Assim, o arrependimento sincero e contrito é o meio mais eficaz de evitar a repetição de antigos erros cometidos contra seu cônjuge.

Para isso, você deve despir-se de toda arrogância e vestir-se de humildade, para admitir que você erra, é parte do problema e de nada adianta ficar acusando seu cônjuge dos erros dele se não se arrepender dos seus. Com isso, cessam as justificativas que perpetuam o erro e nasce uma postura de contrição e reconhecimento das próprias falhas.

Muitos casamentos entram em crise porque são abalados por erros que se repetem e se acumulam ao longo do tempo. Esses problemas provocam atrito entre você e seu cônjuge e, se esse atrito não for evitado por meio do arrependimento, vai provocar erosão. E a erosão vai fazer, mais dia, menos dia, o seu relacionamento desmoronar. Se você percebe que a crise já se instalou e a erosão se encontra em estado adiantado, existe um meio de reverter esse processo e fazer seu casamento tornar-se sólido e feliz: o perdão.

Perdoar é cancelar uma dívida, conceder um indulto a alguém que lhe deve muito. Essa atitude de amor deve ser tomada mediante a graça, a despeito de merecimento, quantas vezes forem necessárias. Se tiver dificuldade de perdoar, aproxime-se de Deus e olhe para as próprias falhas, lembre-se de quantas vezes errou com seu cônjuge ao longo de todo o período em que estiveram juntos e perceba que você também necessitou

muitas vezes ser perdoado. Mas, uma vez que o perdão é estendido ao outro, a dívida é cancelada, toda ofensa é deletada e em seu lugar passa a reinar a paz.

Não devemos esperar. Se o erro foi seu, peça perdão. Se o erro foi do seu cônjuge, perdoe. Lave os pés do outro, assim como Jesus humildemente lavou os pés de homens pecadores, cheios de falhas, mestres em errar. E, uma vez que você siga o exemplo do Senhor, vá adiante, desfrutando em seu casamento de todos os benefícios que produzem o *perdão total*.

Perguntas para reflexão

1. Como o arrependimento sincero pode evitar a repetição de erros no seu casamento?
2. Você se vê como uma pessoa humilde ou arrogante no trato com seu cônjuge?
3. Você tem duas opções: assumir uma postura constante de acusação contra seu cônjuge ou fazer a sua parte ao reconhecer os problemas que você causa. Qual dessas duas posturas traz benefícios reais para seu casamento? Por quê?
4. Você costuma dar justificativas para os seus erros em vez de se arrepender genuinamente deles e parar de praticá-los? Identifique as situações em que isso mais ocorre e aponte o que pretende fazer de modo prático para sanar o problema.

5. Você percebe algum processo de erosão em andamento no seu casamento? O que pretende fazer para reverter esse quadro?

6. Em que circunstâncias Deus permite o divórcio?

7. Mesmo que Deus permita o divórcio em algumas circunstâncias, será que ele é a primeira opção? Qual é o caminho para evitar o divórcio em um casamento em crise?

8. Quais as consequências de escolher não perdoar os erros do cônjuge?

9. Quais os resultados práticos de perdoar o cônjuge? Você consegue enxergar isso no seu casamento?

10. Você percebeu que necessita perdoar seu cônjuge por erros que ele comete ou cometeu ou

que você precisa se arrepender e ser perdoado por falhas suas? Se percebeu, o que está esperando?

Os principais erros que você pode cometer no casamento

Talvez eu não tenha tratado
você tão bem como
deveria.

Talvez eu não tenha amado
você com tanta frequência
quanto deveria. Eu deveria
ter dito e feito pequenas
coisas para você, mas

simplesmente não tirei
tempo para elas.
Você esteve sempre em
meus pensamentos. Você
esteve sempre em meus
pensamentos.

ELVIS PRESLEY, NA CANÇÃO “ALWAYS ON MY
MIND”.

O cantor gravou a música poucos dias depois de seu divórcio da
esposa, Priscilla

Até aqui vimos propostas que podem beneficiar essencialmente pessoas casadas que estejam enfrentando crises no casamento. A partir de agora, veremos conceitos cuja assimilação beneficia os casados, mas também os solteiros que desejam se preparar para o casamento. Trataremos dos três principais tipos de erros que marido e esposa podem cometer na vida a dois e que, se persistirem por muito tempo, provocam desgastes profundos na relação. Se não forem corrigidos a tempo, o resultado pode ser a ruína matrimonial.

Você é casado e percebe que comete os tipos de erros mencionados a seguir? Então, este capítulo serve como um sinal vermelho. Pare, e pare já. Em seguida, analise se pratica costumeiramente as categorias de erros listados. Se identificar que alguns deles fazem parte da sua rotina, empenhe-se por mudar. Transforme-se! Esforce-se para isso! A transformação começa na conscientização e segue pela aplicação prática, em forma de atitudes do dia a

dia. De nada adianta ficar insistindo com seu cônjuge que ele mude se você perceber que está contribuindo para a erosão do seu casamento e não fizer nada a respeito.

A sua transformação está em suas mãos. Faça a sua parte.

Você é solteiro e percebe que os erros mencionados a seguir são práticas correntes, hoje, em sua vida? Então, este capítulo serve como um sinal amarelo, de atenção. Você tem a vantagem de poder corrigir suas falhas antes mesmo de subir ao altar. Se os seus conceitos estiverem equivocados, precisam ser reformulados. Se a sua forma de enxergar os papéis de marido e mulher estiver distorcida, necessita de ajustes. Se a sua maneira de agir não for acertada antes do casamento, você entrará na vida a dois carregando hábitos potencialmente destrutivos. A hora é agora: mude o que tem de ser mudado antes de pôr a aliança no

dedo. Quem mais tem a ganhar com isso são você e sua futura família.

Uma tragédia, muitas causas

Meu filho, guarde consigo a sensatez e o equilíbrio, nunca os perca de vista; trarão vida a você [...]. Então você seguirá seu caminho em segurança [...]. Não terá medo da calamidade repentina nem da ruína que atinge os ímpios, pois o SENHOR será a sua segurança e o impedirá de cair em armadilha.

PROVÉRBIOS 3.21-23,25-26

A região serrana do estado do Rio de Janeiro viveu, em 2011, o que foi considerado o pior desastre natural da história do Brasil e um dos dez piores deslizamentos da história do mundo pela Organização das Nações Unidas (ONU). A tragédia afetou as cidades de Nova Friburgo e Teresópolis e a região de Petrópolis, e resultou no total de novecentas mortes e quatrocentas pessoas desaparecidas, além de milhares de desabrigados. Foi um horror.

O curioso é que o fenômeno não teve uma causa única, mas foi a infeliz soma de uma série de fatores. As fortes chuvas foram o principal: uma tempestade torrencial desabou em uma única área, e o excesso de água causou enchentes na nascente dos rios. Somou-se a isso o fato de o sistema de drenagem das cidades atingidas ser ultrapassado, e o enorme volume de água simplesmente não conseguiu escoar como deveria.

Entra aí outro fator: as condições geológicas específicas da região fazem com que o solo das encostas seja formado por uma fina camada de terra e vegetação depositada sobre a rocha, como um tapete posto sobre um móvel. Com o excesso de águas não escoadas, essa camada se descolou da rocha e desceu, numa monumental avalanche. Outro componente letal: como as montanhas da área têm grande inclinação, esses enormes volumes de terra e vegetação desceram a uma velocidade de até 150 quilômetros por hora. Devastador.

E, como se não bastasse essa infeliz conjunção de características naturais, entra na equação ainda o fator humano: políticas públicas levaram o governo a ser omissivo durante décadas com relação a loteamentos em áreas de risco. Com isso, as toneladas de materiais que desceram das encostas provocaram a destruição de dezenas de imóveis. E mais: a ocupação irregular do solo provocou um desmatamento severo nas encostas.

Uma tragédia, muitas causas. Destruição provocada pelo somatório de diferentes pequenos problemas. Em geral, crises no casamento ocorrem por um fenômeno semelhante: é pela soma de pequenos erros e de diversos desentendimentos do dia a dia que matrimônios felizes acabam ruindo e seguindo ladeira abaixo. Converse com pessoas que atravessaram divórcios e você constatará que, na esmagadora maioria das vezes, um relacionamento não acaba pela queda de uma bomba atômica, mas

pela explosão de uma série de pequeninas bombas, posicionadas em locais estratégicos.

Por isso, devemos ficar sempre atentos a tudo o que gera atritos entre o casal, para não deixar os erros se acumularem a tal ponto que, na primeira tempestade, a casa venha abaixo. Fique atento, vigilante. Não deixe os problemas se empilharem. Não menospreze as pequenas coisas. “Quando vocês ficarem irados, não pequem’. Apaziguem a sua ira antes que o sol se ponha” (Ef 4.26).

As três principais maneiras de errar no casamento

Depois Eliseu voltou a Gilgal. Nesse tempo a fome assolava a região. Quando os discípulos dos profetas estavam reunidos com ele, ordenou ao seu servo: “Ponha o caldeirão no fogo e faça um ensopado para estes homens”. Um deles foi ao campo apanhar legumes e encontrou uma trepadeira. Apanhou alguns de seus frutos e encheu deles o seu manto. Quando voltou, cortou-os em pedaços e colocou-os no caldeirão do ensopado, embora ninguém soubesse o que era. O ensopado foi servido aos homens, mas, logo que o provaram, gritaram: “Homem de Deus, há morte na panela!” E não puderam mais tomá-lo.

2REIS 4.38-40

Nenhum casamento enfrenta um tipo só de problema. E isso por uma razão bem humana: não existe o cônjuge que é maravilhoso em tudo, “menos em uma única coisa”. Todos temos qualidades variadas e também defeitos bem diversos. E, como toda relação entre duas pessoas é

equivalente a um grande caldeirão dentro do qual vão parar as qualidades e os defeitos de ambos, todo casamento acaba sendo uma grande sopa quente, formada pela soma de diferentes ingredientes, alguns dos quais muito amargos ou tóxicos. A questão principal é: como o casal lidará com essa sopa para não se queimar ou não acabar envenenado?

Se marido e mulher souberem tomar, de maneira cuidadosa, esse caldo pelando de quente, ninguém queimará a língua. É preciso saber a hora de beber pelas bordas, de soprar a colher ou de jogar pedacinhos de pão dentro. Caso se administre bem os ingredientes, se cozinhe a mistura pelo tempo certo e se espere a temperatura correta para saborear a refeição, tomar essa sopa será uma experiência extremamente prazerosa. Mas, se um dos cozinheiros errar na mão... o resultado será indigesto.

Imagine agora que o seu defeito ou o do seu cônjuge seja como uma erva amarga. Na dose certa

e junto com ingredientes adequados, ela será inofensiva e poderá dar até um sabor especial ao todo do caldo. Mas, se você acrescentar uma erva amarga, depois um legume amargo, uma carne amarga, montes de ingredientes amargos... a sopa ficará intragável. Talvez, até, fará você passar muito mal. É o que ocorre com os problemas matrimoniais.

Um problema hoje. Uma desavença amanhã. Uma discordância de opiniões depois de amanhã. Nunca dar o braço a torcer. Ser o dono da verdade. Não ceder. Não se esforçar para melhorar. Desrespeito. Ofensas. Frieza. E assim por diante. Cada um desses itens é um ingrediente amargo que vai sendo jogado dentro do caldeirão. O resultado é uma mistura impossível de ser ingerida, pois acaba adoecendo quem a toma. E o grande perigo é que se torne venenosa.

Analisando as Escrituras e dezenas de episódios de casais em crise que chegaram até mim,

identifiquei essencialmente três tipos de problemas que todo casamento enfrenta. São problemas que agem como ervas amargas e, portanto, precisam ser conhecidos, identificados e sanados, para que você e seu cônjuge não se envenenem com eles. Eu os enquadro em três categorias diferentes, de acordo com as suas características: *ações*, *omissões* e *inversões*.

Vamos tratar ao longo das próximas páginas desses três tipos de erros, começando pelas *ações*.

Ações erradas

Converta-se cada um de seu mau procedimento e corrija a sua conduta e as suas ações.

JEREMIAS 18.11

É importante que você esteja sempre alerta para as atitudes que toma na sua vida conjugal. Pequenas ou grandes ações ferinas realmente... *ferem*. Machucam. Deixam marcas e cicatrizes. Por vezes, infeccionam. Não importa o tipo: ações danosas são ações danosas. Uma pequena ação prejudicial empilhada sobre montes de outras ações prejudiciais acaba formando uma montanha perigosa e potencialmente mortal para qualquer relacionamento.

Muitas vezes, praticamos ações que sabemos que vão ferir o cônjuge. Por exemplo, dizer palavras ofensivas, agredir fisicamente, adulterar e outras ações similares. Contra essas, é preciso exercitar o

autocontrole e o domínio próprio. Há, porém, ações que praticamos de maneira quase automática, isto é, sem a percepção clara do estrago que elas provocam em nosso casamento — muitas vezes, porque nos parecem insignificantes.

Conheci um casal cuja esposa, toda vez que tomava banho, deixava o tampo do vaso sanitário molhado. Depois, quando saía para o trabalho, abandonava montes de sapatos espalhados pelo quarto. Ela não tomava essas atitudes propositadamente para chatear o marido, mas o fato é que chateava. Ele conversou com ela algumas vezes sobre isso, e a esposa se comprometeu a não fazer mais o que o incomodava. Mas, na pressa de sair de manhã para o trabalho ou mesmo por puro esquecimento, continuou praticando essas mesmas pequenas ações. Resultado: ele começou a achar que a mulher não valorizava as atitudes simples que ele pedia para mudar, e aquelas bobagenzinhas do dia a dia acabaram sendo interpretadas como

egoísmo, desrespeito e desinteresse pelo bem-estar do outro. Em pouco tempo, o casal estava brigando muito por causa dessas ações automáticas. Entenda: tudo o que incomoda o cônjuge deve ser alvo de sua total atenção. *Tudo*. Mesmo que pareça pequeno ou pouco importante aos seus olhos.

Não menospreze os erros cometidos na vida a dois só porque eles não são frutos de ações conscientes ou porque parecem insignificantes. *Erros são erros. Problemas são problemas*. E devem ser combatidos, trabalhados e eliminados. O salmista escreveu: “Defende-me, SENHOR [...]. Toma os escudos, o grande e o pequeno; levanta-te e vem socorrer-me” (Sl 35.1-2). Repare: o grande e o pequeno. Todos os meios de defesa são importantes. Tudo o que pode nos ajudar a preservar o casamento deve ser levado em conta. Não despreze o que parece desprezível. Lembre-se de que bactérias microscópicas são capazes de tirar a vida de um ser humano.

Identifique as ações erradas que interferem na sua saúde conjugal e parta para o combate. Quanto mais cedo você as eliminar de sua vida, menos problemas terá no casamento. Como eliminá-las? *Arrependendo-se*. E mudando.

Arrependa-se de suas ações erradas e tudo começará a melhorar.

Ações erradas: o que você *fala*

Se alguém não tropeça no falar, tal homem é perfeito, sendo também capaz de dominar todo o seu corpo.

TIAGO 3.2

A primeira maneira pela qual você pode errar por ações no casamento é na má escolha das palavras. Se você diz aquilo que fere, magoa e não edifica, está provocando rachaduras enormes em uma represa que, mais dia, menos dia, vai desmoronar e provocar devastação. A sabedoria bíblica nos instrui: “Use linguagem sadia, contra a qual nada se possa dizer” (Tt 2.8).

“Você está cada dia mais gorda, não vai dar um jeito nisso, não?”, diz o marido sem noção. Ou “Você ficou horrorosa nessa roupa!”. Sem saber, esse homem está apunhalando o afeto que a esposa sente por ele. E isso pelo fato de estar tomando a

atitude voluntária e consciente de dizer a ela pequenas coisas que ferem profundamente os seus sentimentos. Sim, pode até ser verdade que a mulher esteja engordando e que não tenha ficado bem em determinado vestido, mas existem maneiras melhores, amáveis e educadas de dizer isso. A escolha de palavras duras e insensíveis causa muitos machucados em um casamento. Palavras ferem, e muito. Elas não machucam a carne, mas, sim, algo bem mais sério: a alma. E, na alma, feridas demoram muito mais a cicatrizar.

Errar por falar o que não deveria ser dito não é, porém, exclusividade dos homens. Muitas mulheres pegam pesado quando tomam a atitude de ferir conscientemente o marido. “‘Tadinho’, cheio de dodói! Seja homem!”, diz a esposa insensata ao marido com dores. “Você está fedendo, não vai tomar banho, não?” “Eu não sou sua escrava, se está com fome, levanta daí e vai fazer seu prato; se vira, preguiçoso.” *Palavras.* Muitas, desnecessárias.

Muitas, destemperadas. “O seu falar seja sempre agradável e temperado com sal, para que saibam como responder a cada um” (Cl 4.6), escreveu com sabedoria o apóstolo Paulo.

A Bíblia faz recomendações bem específicas sobre como devemos falar com as outras pessoas: “Sejam todos prontos para ouvir, tardios para falar e tardios para irar-se” (Tg 1.19). E lança um alerta: “a língua é um fogo; é um mundo de iniquidade. Colocada entre os membros do nosso corpo, contamina a pessoa por inteiro, incendeia todo o curso de sua vida, sendo ela mesma incendiada pelo inferno” (Tg 3.6).

Você precisa estar sempre atento ao que diz e a como diz. É importantíssimo que marido e mulher valorizem um ao outro e troquem com frequência elogios e incentivos, em vez de ofensas, críticas ácidas e acusações. “Se alguém se considera religioso, mas não refreia a sua língua, engana-se a si mesmo. Sua religião não tem valor algum!” (Tg

1.26). Refrear a língua significa ter muita vontade de dizer algo, mas conseguir manter-se calado ou, pelo menos, dizer aquilo de maneira amável e edificante.

Cuidado com o que diz. Cuidado com a forma como diz. Cuide de seu casamento. Como você tem falado com seu cônjuge?

Ações erradas: o que você *faz*

Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens, sabendo que receberão do Senhor a recompensa da herança. [...] Quem cometer injustiça receberá de volta injustiça, e não haverá exceção para ninguém.

COLOSSENSES 3.23-25

Mentiras. Traições. Agressões. Egoísmo.
Desrespeito. Arrogância. Prepotência. Desdém.
Muitas são as maneiras pelas quais um cônjuge pode
errar em uma ação. Quando você *faz* algo que
machuca o cônjuge, está intencionalmente
provocando problemas e sabotando o
relacionamento conjugal.

Lembro-me de que, quando eu era criança, certo dia estava em casa e ouvi um estrondo vindo do banheiro: o enorme armário que ficava chumbado à parede tinha se desprendido e desabado no chão. Meus pais descobriram que cupins tinham, dia após

dia, ano após ano, aberto caminho por dentro da parede, um milímetro por vez. Isso acabou corroendo o concreto ao redor das buchas que mantinham o armário preso. Resultado: depois de um longo processo de desgaste, tudo veio abaixo.

O mesmo ocorre quando os cônjuges cometem erro após erro no casamento. Atitude após atitude, ofensa após ofensa, gesto egoísta após gesto egoísta... tudo isso vai, pouco a pouco, corroendo as estruturas que mantêm o casamento em pé. Não pense que existem atitudes erradas que, por alguma razão, não contribuem para crises matrimoniais. Entenda: *tudo* o que magoa, chateia, incomoda, ofende, irrita ou machuca contribui para que, pouco a pouco, o mal se instale. *Tudo*. Não despreze o poder destruidor das atitudes erradas.

Se o seu marido não gosta de calcinhas penduradas no *box* do banheiro, o que custa estendê-las na área de serviço? Se arrotar à mesa, além de não ser apropriado, deixa a sua esposa

chateada, o que o impede de pedir licença e ir ao banheiro ou, se não houver mesmo tempo, abafar com a mão? Se o seu marido fica doido quando você gasta uma fortuna no *shopping* sem avisá-lo, seria tão incômodo assim conversar com ele antes de ir às compras? Se a sua esposa fica muito chateada quando você deixa as roupas sujas espalhadas pela casa, seria tanto esforço assim guardá-las?

Entenda o que a calcinha, o arrote, os gastos e as roupas dizem nas entrelinhas: que você não está nem aí para o seu cônjuge. Que seu amor, respeito e preocupação para com ele não são minimamente significativos a ponto de você ser capaz de carregar uma calcinha até outro cômodo ou pegar duas ou três peças de roupa e levar até o cesto de roupa suja. Se essa é a mensagem que o desdém pelas *pequenas* coisas transmite, imagine desdém pelas *grandes*.

Bater em um cônjuge, por exemplo, é uma ação que deixará hematomas na alma dele por toda a vida — além de ser caso de polícia. Portar-se como o

dono da verdade nas discussões só faz de você um arrogante aos olhos do cônjuge. Gritar, berrar e socar a mesa só assemelha você a um homem das cavernas. Nada disso resolve nada, nada disso traz benefício algum. Só gera o afastamento entre marido e mulher.

Cuidado com suas ações, as pequenas e as grandes. Cuide de seu casamento.

Ações erradas: o cônjuge briguento

Melhor é viver num canto sob o telhado do que repartir a casa com uma mulher briguenta.

PROVÉRBIOS 21.9

Brigas constantes são um dos problemas que mais desgastam um casamento. Nenhum relacionamento sobrevive se for construído num campo de batalha, seja de atitudes, seja de palavras. Caso você perceba que sua casa tem sido mais uma arena de luta que um lar, é hora de reconhecer com sinceridade até que ponto você é responsável por isso. Responda sem rodeios: você é briguento? Isto é, alguém que tende a se envolver em brigas com certa impulsividade e frequência, que tem prazer em comprar briga? Se consegue perceber e admitir que suas atitudes estão levando você e seu cônjuge a brigar constantemente, está na hora de repensar

seriamente seu comportamento. Pois ninguém aguenta quem vive provocando brigas.

A pessoa briguenta afasta os outros. Ela destrói seu casamento, leva os filhos à ira e sabota a harmonia do lar. Dificilmente ela cede e nunca admite estar errada. A culpa de tudo é sempre do outro — que, por isso, “precisa ouvir umas boas verdades”. Desculpar-se? Jamais, pois acredita que pedir perdão é diminuir-se em vez de engrandecer-se. Em suma, a pessoa briguenta faz você querer estar em qualquer lugar do mundo, menos perto dela.

“Melhor é viver no deserto do que com uma mulher briguenta e amargurada” (Pv 21.19). Essa afirmação parece semelhante à anterior, elevada ao quadrado. O deserto é o último lugar do mundo em que você quer morar. No entanto, a Bíblia diz que é melhor morar nesse local insuportável do que com uma pessoa briguenta e amargurada. É... a coisa é grave.

Mas não para por aí. A sabedoria bíblica afirma: “A esposa briguenta é como o gotejar constante num dia chuvoso” (Pv 27.15). Em outras palavras: conviver com uma pessoa assim é uma tortura. A pessoa briguenta age, portanto, de modo errado, indigno e vergonhoso. Muitas vezes vemos cônjuges definharem depois de conviver por anos com pessoas do tipo. Perdem o viço, a alegria e, muitas vezes, a saúde. É fácil entender a razão: “A mulher exemplar é a coroa do seu marido, mas a de comportamento vergonhoso é como câncer em seus ossos” (Pv 12.4).

Pense sobre a sua vida. Será que seu cônjuge tem preferido ficar em qualquer outro lugar que não seja ao seu lado? Se for o caso, talvez suas atitudes e seu temperamento precisem ser reavaliados, o que é algo excelente: “É uma honra dar fim a contendas, mas todos os insensatos envolvem-se nelas” (Pv 20.3).

Ah, sim: caso você esteja pensando que as passagens bíblicas que listei aqui só se aplicam às mulheres, é melhor saber que, se você é um homem briguento, não está em melhor situação. O princípio é o mesmo; logo, tudo o que leu aqui se aplica a você também.

Você se enxergou na descrição do cônjuge briguento? Então arrependa-se. Mude. Já! A hora é esta!

Ações erradas: o cônjuge exemplar

Uma esposa exemplar; feliz quem a encontrar! É muito mais valiosa que os rubis. Seu marido tem plena confiança nela e nunca lhe falta coisa alguma. Ela só lhe faz o bem, e nunca o mal, todos os dias da sua vida.

PROVÉRBIOS 31.10-12

Que diferença! Se por um lado a Bíblia mostra quão problemático é para o casamento quando um cônjuge tem comportamento briguento, por outro mostra o perfil de quem tem ações exemplares. Novamente o texto bíblico põe a esposa nos holofotes, mas o princípio é válido para ambos os cônjuges. Nessa passagem de Provérbios, a sabedoria bíblica exalta o comportamento do cônjuge exemplar.

Guarde isto na sua mente para nunca mais se esquecer: “Ela só lhe faz o bem, e nunca o mal, todos os dias da sua vida”. Essa é a postura oposta

do briguento; em vez de ser alguém que causa divisões e mal-estar no lar, aqui temos alguém que só faz o bem para a pessoa com quem casou. E um detalhe importante: *todos os dias*. Não se trata de atitudes isoladas, mas de um estilo de vida. Quem vive para fazer o bem ao cônjuge, dia após dia, como uma prática rotineira, dificilmente vai provocar situações de conflito e choque.

O texto bíblico prossegue ao fazer o retrato falado dessa pessoa que tem tudo para viver um casamento feliz: “Reveste-se de força e dignidade; sorri diante do futuro. Fala com sabedoria e ensina com amor. Cuida dos negócios de sua casa e não dá lugar à preguiça. Seus filhos se levantam e a elogiam; seu marido também a elogia, dizendo: ‘Muitas mulheres são exemplares, mas você a todas supera’” (Pv 31.25-29).

Dignidade fala sobre honra, nobreza, valores morais; características que dão a um cônjuge solidez em suas ações e virtude em sua essência. É algo a ser

almejado e perseguido.

O texto também mostra que o cônjuge exemplar age com sabedoria e amor. Logo, ele é sábio ao tomar atitudes que evitarão deflagrar brigas e criar um ambiente de guerra e faz isso por amor ao companheiro e ao casamento.

Dignidade. Sabedoria. Amor. O resultado? Elogios da parte do cônjuge. Todos os outros perdem o valor, e cria-se um vínculo de admiração. Você torna-se alguém insuperável aos olhos de seu marido ou de sua esposa.

Vamos além: “... e não dá lugar à preguiça”. O cônjuge exemplar também é esforçado. Ser um marido ou uma esposa exemplar vai exigir de você empenho. Ninguém é exemplar de nascença: o cônjuge torna-se exemplar ao construir uma postura de dignidade, sabedoria e amor que é fruto de muito domínio próprio, mansidão e pacificação.

Você tem uma escolha. Será que prefere ser alguém briguento, que vive em um ambiente

conflituoso, desagradável e caótico, ou um cônjuge exemplar, digno de elogios, que sempre age em prol do outro e se torna incomparável aos olhos da pessoa que escolheu para viver ao seu lado até que a morte os separe? Se percebeu que não tem seguido o melhor caminho, *aja*. E já. Não espere pelo “daqui a pouco”. A hora de agir em favor do seu casamento é agora.

Omissões

Quem sabe que deve fazer o bem e não o faz, comete pecado.

TIAGO 4.17

Existe alguma diferença entre alguém empurrar você pela janela ou uma pessoa vê-lo prestes a cair e não estender a mão para segurá-lo? No primeiro caso, a pessoa errou por *causar* a queda. No segundo, o erro foi por *não evitar* a queda. Em essência, o resultado do que o primeiro *fez* e o do que o segundo *não fez* foi o mesmo: você se esborrachou lá embaixo. Logo, a omissão que produz um mal é tão errada quanto a ação que produz o mesmo mal.

Depois das ações, as omissões são outra forma grave de errar no casamento. Elas se apresentam quando o cônjuge *não faz* algo que poderia ou deveria fazer pelo bem do outro e do relacionamento. Pois o problema muitas vezes não é a pessoa estar fazendo algo errado, mas deixar de

fazer algo certo. Grande quantidade desses problemas está no campo das diferenças entre homens e mulheres. Por exemplo: em geral, mulheres gostam de carinho, romantismo, conquista. Dificilmente você encontrará uma esposa que não se derrete quando o marido chega em casa com flores e um presente. Isso faz parte da natureza feminina.

No entanto... parece que, para muitos homens, basta pôr dinheiro dentro de casa, ser sexualmente viril e sair para uma volta uma vez por mês e está tudo ótimo. Mas as esposas esperam mais que isso. Muito mais: elas querem que o marido as proteja, as conquiste, as venere... e que demonstre isso. Se você quer errar por omissão com uma esposa, basta tratá-la como alguém que não é especial. A Bíblia mostra com bastante perfeição a conquista que a mulher espera de seu marido: “Ah, se ele me beijasse, se a sua boca me cobrisse de beijos... Sim, as suas carícias são mais agradáveis que o vinho. A

fragrância dos seus perfumes é suave; o seu nome é como perfume derramado” (Ct 1.2-3). É o amor-atitude que demonstra o amor-sentimento.

Por outro lado, homens, em geral, apreciam coisas que muitas mulheres parecem não compreender como são importantes para eles. Maridos gostam de ser elogiados em sua masculinidade, de ser apreciados como vitoriosos em suas conquistas pessoais e profissionais, de ser respeitados como o cabeça da família, de ser cuidados com atitudes bem simples — como um prato de jantar preparado com amor ou um café da manhã bem bonito. Mas muitas esposas se omitem em tomar atitudes tão simples como essas.

Claro que o que mencionei é uma gota no oceano, mas exemplifica bem as diferenças de homem e mulher em suas expectativas. Comece a pensar naquilo que seu cônjuge aprecia e quer, mas que você não lhe tem dado. Se estiver disposto a revigorar seu casamento sanando as omissões,

identifique as atitudes que sabe que ele deseja de você, mas que você não tem praticado.

Se tem errado, *arrependa-se*. Mude. E muita coisa começará a mudar para melhor, pode ter certeza.

Omissões na área sexual

O marido deve cumprir os seus deveres conjugais para com a sua mulher, e da mesma forma a mulher para com o seu marido. A mulher não tem autoridade sobre o seu próprio corpo, mas sim o marido. Da mesma forma, o marido não tem autoridade sobre o seu próprio corpo, mas sim a mulher. Não se recusem um ao outro, exceto por mútuo consentimento e durante certo tempo, para se dedicarem à oração. Depois, unam-se de novo, para que Satanás não os tente por não terem domínio próprio.

1CORÍNTIOS 7.3-5

O erotismo e a sensualidade são componentes fortíssimos da nossa humanidade. Lamentavelmente, muitos erros na vida conjugal estão ligados justamente a omissões na vida íntima. E muitos divórcios são resultado de erosões na vida sexual, que acaba sendo insatisfatória por omissão do cônjuge. Não é à toa que carências, incompatibilidades, desarmonias, deslizes e negligências na área sexual são motivos frequentes

de destruição de muitos lares. Por isso, precisamos dar atenção especial ao assunto.

O sexo, para as mulheres, vai muito além do contato físico. Elas precisam de carinhos, carícias, emoções, conquista, belas palavras, preliminares e, só então, tem início o ato sexual propriamente dito. Já os homens são muito mais práticos, visuais e genitais. Em geral, eles são capazes de se satisfazer em poucos minutos; elas precisam de mais tempo. Eles se satisfazem com o ato; elas, com toda uma experiência. O que isso quer dizer? Que, em geral, o sexo é algo muito diferente para homens e mulheres. E, se um não se dedicar a satisfazer o outro, pode ter certeza de que haverá problemas à vista.

Não existe uma regra absoluta que possa ser aplicada para a felicidade na área sexual de todas as pessoas do planeta. Cada indivíduo tem características próprias, histórias de vida singulares, desejos e vontades bem específicos. Uns gostam que

se façam cócegas no cotovelo, outros preferem no queixo; uns gostam de silêncio, outros de barulho; uns só se empolgam se houver perfume no ar, outros espirram se houver perfume. Cada um é do seu jeito no que se refere a sexo. Mas, em geral, quando os homens erram por omissão nessa área é porque deixam de se devotar ao prazer da esposa, que começa no emocional e só depois segue para o físico, pede tempo e dedicação, preliminares e carícias no corpo e na alma. Já os maridos geralmente têm menos necessidade de prelúdios.

Como conciliar as diferenças entre o que é mais empolgante sexualmente para cada cônjuge? *Diálogo.* A melhor ferramenta para tornar o sexo uma experiência deliciosa para ambos é a *comunicação*. Não abra mão disso, não se omita: tome a iniciativa de dizer para o outro do que você gosta, conte o que ele fez certo e explique, com amor e respeito, o que poderia ser feito diferente. Escute o que ele tem a dizer.

A boa e velha conversa ainda é o caminho para a felicidade sexual. E, depois que descobrir as preferências de seu amado, não erre por omissão: aja proativamente no sentido de oferecer aquilo que alegria seu cônjuge. Não abra mão de fazer seu amor sexualmente feliz. Se não tem feito, arrependa-se quanto antes e mude de atitude. Se ambos se dedicarem com alegria a satisfazer um ao outro, a sua vida íntima será um sucesso.

Inversões

O marido deve cumprir os seus deveres conjugais para com a sua mulher, e da mesma forma a mulher para com o seu marido.

1CORÍNTIOS 7.3

Eu coleciono antiguidades. Tenho um gramofone, espadas na parede, telefones com mais de cem anos, esse tipo de coisa. Algo que me fascina, em especial, são as engrenagens de relógios antigos. É incrível a perfeição com que aquilo funciona. Uma pecinha tem o número certo de dentes, que, ao rodar, faz girar outra pecinha, que, por sua vez, movimentava uma alavanca e, por fim, o ponteiro se move. Perfeito. Uma mecânica onde tudo se encaixa, tudo funciona, sem um milímetro de erro. Agora, experimente remover somente um pequenino parafuso dessa complexa engrenagem. O resultado é que todo o relógio deixa de funcionar. A ordem que Deus estabeleceu para as coisas também é assim,

pois cada pecinha tem uma função predeterminada, um propósito específico que precisa ser cumprido para que o todo funcione em harmonia.

Creio que em absolutamente todas as determinações bíblicas a engrenagem funciona maravilhosamente bem. Inclusive no casamento. A Bíblia é extremamente clara quanto ao funcionamento dessa magnífica máquina. Cada peça tem seu papel e sua posição, e todas são essenciais para o funcionamento do conjunto. Mas, para que o tique-taque flua sem nenhum problema, cada um tem de fazer a sua parte, cumprir a sua função. Não adianta a roda dentada querer balançar ou o pêndulo desejar rodar: se isso acontecer, os ponteiros param e a máquina pifa.

Depois das *ações* e das *omissões*, o terceiro tipo de erro que acontece no casamento é aquilo que chamo de *inversões*. Os dicionários definem “inverter” como “virar-se em sentido oposto ao que é natural; pôr-se às avessas”. Assim, no contexto de

um casamento, o erro por inversão ocorre quando um dos cônjuges ou os dois seguem numa direção que não seria originalmente a proposta de Deus para o seu papel como esposo ou como esposa.

Portanto, um erro por inversão ocorre quando a mulher ou o marido deixa de desempenhar seu papel como Deus o criou para desempenhar e assume uma função que caberia ao cônjuge (portanto, *inversões* incluem tanto *ações* como *omissões*). E, se há um abandono das funções que o Criador atribuiu a cada um desde a criação da humanidade, problemas certamente acontecerão.

Em nossos dias, muitos problemas matrimoniais surgem porque homens deixam de agir como Deus os criou para agir ou porque mulheres tentam abraçar funções que inicialmente o Senhor não atribuiu a elas. Invertem seus papéis. “O SENHOR faz tudo com um propósito” (Pv 16.4), por isso é evidente que, se marido ou esposa saem de seus papéis e assumem atribuições erradas, será como um

pino que quer ser roldana ou um parafuso que deixa de agir como um parafuso. Resultado: toda a máquina apresenta defeito. E, no contexto do casamento, isso significa crise matrimonial.

Inversões: iguais, mas diferentes

Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

GÊNESIS 1.27

Deus criou o homem para ser, ao mesmo tempo, um ser humano e um homem, e a mulher para ser, ao mesmo tempo, um ser humano e uma mulher. O que isso significa? Que marido e esposa têm muitas semelhanças como seres humanos, mas muitas diferenças como homem e mulher. Ambos são extremamente iguais e extremamente diferentes, como frutas com cascas completamente distintas, mas miolos e caroços iguaizinhos.

Explico: ambos os gêneros foram criados à imagem e semelhança de Deus. Por isso, somos exatamente iguais em aspectos como composição (espírito, alma e corpo), dignidade, valor e honra.

Após a queda, porém, também compartilhamos igualmente uma natureza pecaminosa e a necessidade de um salvador. Na eternidade, a essência de homens e mulheres será idêntica, e as coisas que temos de diferente cessarão (Mt 22.30). Portanto, a essência de marido e mulher, na condição de seres humanos, é exatamente igual, sem distinção.

No entanto, durante o período em que estamos nesta terra, enquanto vivemos o que chamamos de “vida”, somos inequivocamente diferentes, e muito. Isso é ridiculamente fácil de perceber: homens têm cromossomos XY, mulheres têm cromossomos XX; homens têm barba, mulheres menstruam; homens têm mais testosterona, mulheres têm mais estrogênio; homens fecundam, mulheres são fecundadas; mulheres engravidam e amamentam, homens só podem lamentar e chorar por não poder carregar um bebê no ventre. Portanto, é óbvio que somos diferentes — por dentro e por fora.

Essa diferença se reflete nas funções de cada um. E, aqui, é preciso enfatizar um aspecto: *função* pressupõe não superioridade e inferioridade, mas *diferença de atribuições*. Pense, por exemplo, em um time de futebol. Todos os onze jogadores são igualmente importantes, nenhum é superior ao outro, mas cada um tem suas características específicas. Se um goleiro pega a bola com a mão dentro da área, tudo bem; já se um zagueiro faz a mesma coisa, é pênalti. Se um atacante ficar no gol e o goleiro sair para o ataque, o lateral esquerdo for para a direita e o meio-campo ficar na defesa, é provável que o time inteiro sofra por essa bagunça nos papéis e, provavelmente, perca o jogo de goleada.

O mesmo se dá em toda e qualquer estrutura e instituição que tenha mais de uma pessoa: na escola, o professor ensina e o aluno aprende; no governo, o presidente tem seu papel e os deputados, outro diferente; em um parto, o obstetra tira a criança da

mãe e o pediatra cuida do bebê só depois que ele nasceu. E assim por diante.

Papéis bem claros são fundamentais para o bom funcionamento de qualquer equipe. No casamento é a mesma coisa. E quais são os papéis de marido e mulher segundo a Bíblia? É o que veremos a seguir.

Inversões: o papel da esposa

Uma esposa exemplar; feliz quem a encontrar! [...] Seus filhos se levantam e a elogiam; seu marido também a elogia, dizendo: “Muitas mulheres são exemplares, mas você a todas supera”.

PROVÉRBIOS 31.10,28-29

A maioria dos problemas que tive em meu casamento ocorreu quando minha esposa ou eu deixamos de agir de acordo com nosso papel bíblico. No que se refere ao perfil da esposa ideal aos olhos de Deus, já no ato da criação o Senhor disse: “Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda” (Gn 2.18). Portanto, a mulher deve atuar como parceira, amiga e aliada do marido, fazendo-lhe o bem e jamais o mal (Pv 31.10-11) e sempre o respeitando: “a mulher trate o marido com todo o respeito” (Ef 5.33; cf. Pv 31.23). Evidentemente,

essas são apenas algumas das características da esposa exemplar. Há outras, como fidelidade, companheirismo, amparo e cuidado. Se você, esposa, quer ter um casamento feliz, precisa agir conforme Deus deseja, e não como o radicalismo feminista ou os filmes de Hollywood defendem. Quer saber como ser a esposa ideal e virtuosa? Recorra à Bíblia.

Um dos pontos mais controversos nas Escrituras sobre o papel da esposa é a questão da submissão dela ao marido. E é controverso porque, em geral, as pessoas não o compreendem corretamente. Por isso, preciso dedicar tempo ao assunto. Primeiro devemos entender o que representa submissão e, em seguida, ver como se aplica ao casamento.

Em nossos dias, o conceito bíblico de *submissão* soa para muitos como algo depreciativo. Esse pensamento levou nossa geração a acreditar que se sujeitar aos outros é algo que inferioriza, humilhante. Se isso fosse verdade, o que você diria a

respeito de Jesus, que “esvaziou-se a si mesmo”, tornou-se “servo” e “humilhou-se a si mesmo” (Fp 2.7-8)? Ele é inferior por ter sido submisso? Não houve na história da humanidade alguém mais submisso do que Jesus. Ele, sendo Deus, foi submisso aos pais terrenos (Lc 2.51), ao Pai celestial (Jo 4.34; Hb 5.7-9) e às autoridades humanas (Mt 27.12-14; Mc 12.13-17). Jesus foi submisso a muitos, e isso não o fez inferior em nada e a ninguém.

E por que Jesus foi tão submisso? Porque, ao contrário do que nossa sociedade defende, a Bíblia mostra que se submeter em amor é algo virtuoso e desejável aos olhos de Deus: “A obediência é melhor do que o sacrifício, e a submissão é melhor do que a gordura de carneiros” (1Sm 15.22); “Portanto, é necessário que sejamos submissos às autoridades, não apenas por causa da possibilidade de uma punição, mas também por questão de consciência” (Rm 13.5).

Não, alguém ser submisso a outro não é algo que o diminua. É sublime. Pois a pessoa submissa a outra mostra com isso que, antes de tudo, é submissa a Deus. Está escrito: “A mulher sábia edifica a sua casa, mas com as próprias mãos a insensata derruba a sua” (Pv 14.1). E o que há de mais sábio do que obedecer à vontade de Deus?

Inversões: compreendendo a submissão

Mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, como convém a quem está no Senhor.

COLOSSENSES 3.18

Assim como Jesus em tudo foi submisso, como parte de um projeto de Deus para a redenção da humanidade, a sujeição da mulher ao marido faz parte do projeto de Deus para o casamento. E em nada a diminui, assim como Jesus ter sido submisso em nada o depreciou. Essa realidade incomoda muitas mulheres, por algumas razões: 1) não lhes ensinaram a sublimidade da submissão; 2) não lhes ensinaram de forma correta o que significa ser submissa; 3) esse é um conceito duramente combatido pela sociedade, que não enxerga autoridade na Bíblia. Por isso, gostaria de explicar o

que significa a submissão da mulher, princípio presente em diversas passagens bíblicas (1Co 11.3; Ef 5.22-24; Tt 2.3-5; 1Pe 3.1-2).

Se a submissão da esposa ao marido é um fato bíblico e do Novo Testamento, a questão não é se a mulher deve ser submissa ou não à luz da Bíblia, mas compreender *o que exatamente significa ser submissa*.

Submissão não é escravidão. Ser submissa não é ser um robô que acata ordens sem questionar. Pensar isso seria um absurdo. Afinal, não faria sentido nenhum alguém que deve formar uma parceria anular-se, calar-se e só abaixar a cabeça. Isso não ajuda em nada! Submissão tem a ver com os *papéis* de cada pessoa dentro de uma estrutura organizada — no caso, o matrimônio. Assim como em um time de futebol, no casamento *todos são igualmente importantes*, mas cada um tem um papel específico. Entenda: *submissão não tem a ver com*

importância ou valor, mas sim com o papel que você desempenha.

A submissão entra na questão da responsabilidade de arbitrar. Qualquer jogador tem liberdade de decidir para que lado chutar a bola que chegou aos seus pés. Mas cabe apenas ao capitão tomar certas decisões. O mesmo ocorre com o técnico. Ou o árbitro. Se não houver poder de decisão e de arbitragem, o jogo vira um caos. *Árbitros solucionam impasses.* No futebol, se um time diz que foi falta e outro diz que não foi, cabe ao árbitro decidir.

Na família não é diferente. Marido e esposa são igualmente importantes, valiosos e dignos. Nenhum é inferior ao outro. Ambos têm vontade própria e poder de decisão, quando “a bola está no seu pé”. Mas Deus, que tem o supremo poder de decisão, determinou, em sua soberania, delegar ao marido o difícil e nada invejável papel de árbitro do lar. Isso significa que, num impasse no âmbito da família, é ele quem deve tomar a frente e decidir. A esposa

exemplar tem o dever de expor sua visão e argumentar com amor (com amor! A esposa briguenta quer mandar ou nem mesmo dialoga; sai batendo a porta e se recusando a ouvir o que não quer).

É indispensável que a mulher diga tudo o que se passa em seu coração quando ocorrer um impasse, que tenha total liberdade de expor suas opiniões e percepções e que seja respeitada no que pensa.

Inversões: o papel do marido — parte 1

Aquele servo que conhece a vontade de seu senhor e não prepara o que ele deseja, nem o realiza, receberá muitos açoites. [...] A quem muito foi dado, muito será exigido; e a quem muito foi confiado, muito mais será pedido.

LUCAS 12.47-48

É muito divertido palestrar para casais sobre os papéis de marido e mulher. Quando você fala sobre a submissão feminina, os homens começam logo a dar sorrisinhos, fazer piadinhas, cutucar a esposa e coisas do gênero. Quer saber por que eu me divirto? Porque, além de demonstrar que não entendem o real significado de submissão, mal sabem eles o que os espera. Se ser submisso soa como algo muito difícil, as atribuições do marido para com a esposa são muito, mas muito mais duras. É uma enorme responsabilidade ser o esposo de alguém.

Quando a Bíblia estabelece que cabe ao marido arbitrar, isso soa como um grande privilégio e poder? Não se esqueça de uma coisa: o marido terá de prestar contas a Deus de cada decisão tomada, do mesmo modo que a mulher terá de prestar contas se decidir se amotinar contra a arbitragem dele. Quando você pensa nisso, fica claro que o peso da responsabilidade sobre o marido é gigantesco.

Marido, uma vez que Deus o encarregou de arbitrar nas questões do lar, é de *você* que cada arbitragem será cobrada, e não da sua esposa. Ai de você se tomar decisões com base no egoísmo, no machismo, no que não é o melhor para a sua companheira e para a sua família! Pois a sua decisão tem obrigatoriamente de ser tomada com justiça, amor, honra e dignidade. E aqui está o ponto-chave. As decisões do marido devem levar em conta os interesses da esposa, o que é melhor para ela. Deve preferi-la em honra. Deve amá-la mais do que

a si. Deve arbitrar pensando sempre: “Minha decisão é o melhor para minha esposa?”.

É mandamento bíblico: “Maridos, ame cada um a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela” (Ef 5.25). Para entender o que significa essa ordem divina, temos de perceber como, exatamente, Cristo amou a Igreja. Jesus estava em sua glória celestial e não tinha absolutamente nenhuma obrigação ou necessidade de mover uma palha em nosso favor. Mas, por tanto amar, ele abriu mão dessa glória (Fp 2.6-7). Por amor, Cristo *priorizou* quem ele amava: porque ele amou a Igreja, pôs o que seria bom para ela acima do que seria bom para si. Sendo Deus soberano, Jesus pôs em primeiro lugar os interesses da humanidade pecadora ao encarnar como homem e subir à cruz.

E é isso que os maridos têm de fazer pela esposa: priorizá-la. Abrir mão de si em favor dela. Esse foi o exemplo de Cristo e deve ser seguido pelo marido

— o que não é nada fácil. Quando exponho essa realidade em minhas palestras, os maridos logo apagam o sorrisinho maroto do rosto. Só que Jesus disse: “Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mt 16.24). O papel principal do marido é este: negar a si mesmo e priorizar o bem da esposa.

Inversões: o papel do marido — parte 2

Do mesmo modo vocês, maridos, sejam sábios no convívio com suas mulheres e tratem-nas com honra, como parte mais frágil e co-herdeiras do dom da graça da vida, de forma que não sejam interrompidas as suas orações.

1PEDRO 3.7

Se você acredita que ter de priorizar o bem da esposa acima do próprio bem já é uma responsabilidade gigantesca, prepare-se, pois ainda não viu nada. O papel do marido traz ainda outras responsabilidades de — muito — peso.

Maridos têm de tratar a mulher com *honra*. A palavra grega em que foi escrito originalmente 1Pedro 3.7 e que foi traduzida por “honra” significa “valor”, “o mais alto grau de estima”, “dignidade”, “consideração”. Em outras palavras, é obrigação do esposo tratar a pessoa com quem se casou como alguém muito importante, grandioso e nobre; que

ocupa um posto elevadíssimo; que precisa ser alvo de carinho, apreço, afeição e afeto; que deve ser admirado e respeitado. Isso é tão sério que, se o marido não tratar sua esposa desse modo, suas orações serão interrompidas. A coisa é grave.

E tem mais: “O marido deve cumprir os seus deveres conjugais para com a sua mulher, e da mesma forma a mulher para com o seu marido” (1Co 7.3). O contexto em que o apóstolo Paulo escreveu esse preceito deixa claro: aqui, o assunto é sexo. Como vimos ao falarmos sobre os erros por omissões, compete ao marido satisfazer sexualmente a esposa. Isso é um mandamento, e não uma opção. É atribuição do esposo, está em seu *job description*. Logo, se você quer se casar, rapaz, lembre-se de que entre seus papéis está se dedicar à satisfação sexual de sua futura esposa — e, claro, ela à sua.

Voltando à passagem de Efésios, lemos: “Quem ama sua mulher, ama a si mesmo. Além do mais, ninguém jamais odiou o seu próprio corpo, antes o

alimenta e dele cuida, como também Cristo faz com a igreja” (Ef 5.28-29). Cabe ao homem zelar pelo bem-estar material dela. Isso de modo algum significa que ela não possa, por exemplo, trabalhar. Pelo contrário: quando Provérbios lista as características da mulher exemplar, mostra que a dedicação ao trabalho é uma de suas virtudes. “Escolhe a lã e o linho e com prazer trabalha com as mãos. Como os navios mercantes, ela traz de longe as suas provisões. [...] Entrega-se com vontade ao seu trabalho” (Pv 31.13-14,17).

Por fim, a Bíblia destaca ainda outra função do homem casado: “Maridos, ame cada um a sua mulher e não a trate com amargura” (Cl 3.19). “Amargura” é a propriedade ou característica de quem é severo, áspero, intransigente, azedo. Não convém ao homem ser assim. No trato pessoal, ele deve ser perdoador, tolerante, gentil, flexível, suave, doce. Você é desse jeito?

E aí, marido? Será que está deixando de agir em algum aspecto como Deus espera que você aja com sua esposa?

Faça a sua parte

Cada um de nós prestará contas de si mesmo a Deus.

ROMANOS 14.12

Um dos argumentos mais frequentes que pessoas casadas usam para se justificar quando são apontados os seus erros — por *ações*, *omissões* ou *inversões* — é atrelar a necessidade individual de fazer o certo ao acerto do cônjuge. Só que, como bem dizia minha mãe, um erro não justifica o outro. Cada um tem de fazer a sua parte, independentemente de o outro estar errando.

Essa “terceirização da culpa” pode soar justa, mas não é, pois a proposta do evangelho não é a do “olho por olho, dente por dente”. O fato de seu cônjuge não fazer o que deveria não isenta você de fazer a sua parte. É bastante comum ouvirmos de mulheres revoltadas com o esposo imperfeito algo como “Se meu marido não me ama como Cristo

amou a Igreja, *logo* eu não preciso ser submissa”. A recíproca também acontece, e não é raro escutarmos coisas como “Eu tenho de amar minha mulher mesmo quando ela é insuportável? Não dá. *Se* ela fosse mais amorosa...”.

Percebeu o equívoco? Não existe nenhum “se” nos mandamentos bíblicos que condicione a obediência do cônjuge à obediência do outro. Não existe “Seja respeitosa *se* o seu marido amar você como Cristo amou a Igreja” ou “Ame sua mulher como Cristo amou a Igreja *se* ela for submissa”. Não. As atribuições de um independem do que a outra parte faz. Não é uma relação condicional.

Uma analogia: já ouvi gente dizer que sonega imposto porque seu dinheiro será “roubado pelos corruptos do governo”. Esse raciocínio estabelece que, como a outra parte envolvida pode falhar no cumprimento de seu papel, estou livre para descumprir o meu. Errado. A minha obrigação é pagar os impostos previstos em lei. Se esse dinheiro

será roubado em atividades de corrupção, não sei. Mas nada me dá liberdade de sonegar porque a outra parte falha em suas atribuições. Eu faço a minha parte. Se o governo fará meu dinheiro escoar de forma corrupta, isso é algo a ser acertado entre os corruptos e a justiça — e, claro, o juízo divino. Do mesmo modo, um cônjuge tem de cumprir a sua parte e sair com a consciência limpa e em paz com o Senhor; se o outro cônjuge não cumpre a parte dele, prestará contas ao Todo-poderoso — que, de igual modo, exercerá seu juízo.

Jesus não se entregou à cruz por você porque você merecia ser justificado. Ele não condicionou seu sacrifício a nada; não disse “Só vou morrer pelos pecados da humanidade se cada pessoa fizer por merecer”. Pelo contrário, Cristo sacrificou-se por bilhões de pessoas que não mereciam. Caso o amor de Deus fosse condicional, estaríamos fritos e ficaríamos esperando eternamente e em vão pela

vinda do Salvador, pois jamais faríamos nada que nos tornasse merecedores da salvação.

Jesus fez a sua parte sem que você ou eu tivéssemos feito a nossa — isso é o que se chama *graça*. Sigamos seu exemplo.

O caminho do sucesso

A mentalidade da carne é morte, mas a mentalidade do Espírito é vida e paz.

ROMANOS 8.6

O sociólogo Herbert de Souza costumava dizer: “Se cada um fizer a sua parte, o mundo vai ficar melhor”. Ele acreditava que os esforços de cada pessoa, somados aos das demais, seriam capazes de mudar o planeta. Eu concordo com ele. E, se somos capazes de mudar o mundo a partir da soma de esforços individuais, quanto mais o casamento.

Para ter um matrimônio feliz e bem-sucedido, é preciso que as duas partes do casal façam aquilo que lhes cabe: falem e ajam da forma certa, não se omitam no que precisam fazer. Se cada cônjuge se conscientizar disso, e os dois ao mesmo tempo, as peças da engrenagem funcionarão com perfeição e a

máquina do matrimônio trabalhará sem defeitos, vazamentos, quebras ou rachaduras.

Nascemos num mundo que desmerece o modelo bíblico de família. A sociedade inventou princípios bem diferentes dos que Deus expôs como sendo o seu ideal para a vida conjugal, por isso muitos e muitos problemas começaram a surgir. A pressão por vezes é tanta que acabamos sendo contaminados pela forma de pensar do mundo e passamos a agir fora da vontade divina.

Responda sinceramente: que modelo de casamento você acredita que tem mais chances de dar certo, o criado pelo Deus que não comete erros ou o idealizado por seres humanos, que vivem errando? Temos de começar a pensar biblicamente, com a mente do Senhor. Paulo sabia disso, tanto que escreveu: “Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e

comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.2).

Quer experimentar a vontade de Deus, aquela sem imperfeições ou falhas? Então faça o que é o certo, fuja do modelo de família que o mundo tenta impor e renove a sua mente, adquirindo uma nova maneira de enxergar as coisas — segundo a proposta de Cristo. Você não se arrependerá.

Seu casamento não será bem-sucedido porque Deus fará um raio cair do céu na sua casa e transformará tudo da noite para o dia. Não há nada de milagroso na felicidade conjugal. O que faz um casamento dar certo é marido e mulher tomarem consciência do que devem e do que não devem fazer e se *esforçarem* para pôr em prática o que lhes compete segundo o modelo elaborado pelo Criador.

Herbert de Souza estava certo: se cada um fizer a sua parte, o mundo ficará melhor. E se você e seu cônjuge fizerem sua parte, cada um tomando para si

a responsabilidade de sanar os próprios erros, seu casamento certamente ficará melhor. *Casamentos só são bem-sucedidos e felizes quando existe soma, trabalho em equipe*, isto é, quando cada um faz a sua parte e ambos contribuem, com muita abnegação, muito diálogo e doses imensas de graça — o que pressupõe arrependimento e perdão.

Resumo

Crises conjugais não são fruto de um único problema. Quando um matrimônio entra em colapso, em geral é porque no meio do casal há uma pilha de erros acumulados, normalmente cometidos tanto pelo marido quanto pela mulher, em maior ou menor escala.

Existem três formas diferentes de errar em um casamento: por ações, omissões ou inversões.

As *ações* são algo que o cônjuge *faz* ou *fala* e gera feridas, desarmonia, sofrimento, mágoas. São palavras ofensivas, traições, atitudes desrespeitosas, atos egoístas e coisas similares.

As *omissões* são algo que o cônjuge *deixa de fazer* e, por isso, provoca insatisfações, frustrações e rachaduras na estrutura do casal. É o marido que deixa de tratar a esposa com carinho e romantismo, é a esposa que deixa de tratar o marido com respeito

e honra, é a negligência de ambos em dar o melhor de si pela satisfação sexual do cônjuge.

E as *inversões* (que podem ser ações ou omissões) ocorrem quando um ou os dois fazem — ou pressionam para fazer — algo que seja da competência do outro, ou quando não fazem aquilo que é esperado de suas funções. Portanto, um erro por inversão ocorre quando a mulher ou o marido deixa de desempenhar seu papel conforme Deus o criou para desempenhar e assume uma função que cabe ao cônjuge. É quando a engrenagem pifa.

Existem dois modelos de casamento disponíveis, e cada pessoa tem liberdade de escolher qual prefere seguir na vida matrimonial: o modelo criado pela sociedade ou o criado por Deus. O padrão humano é falho, pois foi inventado por seres humanos que erram; o divino é infalível, pois foi idealizado pelo Deus que é incapaz de errar. Se o cônjuge decide abraçar o padrão criado pelo Todo-poderoso, tudo o que precisa fazer é buscar conhecer o que a Bíblia

tem a dizer para maridos e esposas e, a partir daí, pôr em prática o que o evangelho propõe. Se cada um fizer a sua parte, tendo por princípio o amor e a graça que Jesus ensinou à humanidade, o casamento estará no caminho da felicidade. Não tem como dar errado.

Perguntas para reflexão

1. No contexto do casamento, o que significa errar por ações?

2. Identifique três ações erradas que você pratica frequentemente no seu casamento. Em seguida, indique o que você vai fazer para corrigi-las.

3. Você se identifica mais como um cônjuge briguento ou exemplar? Por quê? O que poderia fazer para melhorar?

4. No contexto do casamento, o que significa errar por omissões?

5. Identifique três erros por omissões que você comete frequentemente no seu casamento. Em seguida, indique o que você vai fazer para corrigi-los.

6. Você tem se dedicado à satisfação sexual do seu cônjuge? Ele está plenamente realizado nessa área? Caso não esteja, o que você vai fazer para mudar essa situação?

7. No contexto do casamento, o que significa errar por inversões?

8. Identifique três erros por inversões que você comete frequentemente no seu casamento. Em seguida, indique o que você vai fazer para corrigi-los.

9. Explique os principais papéis do marido e da esposa no casamento. Você tem exercido suas funções da maneira correta? Em caso negativo, o que está errado e o que pretende fazer para consertar o erro?

10. Com base no que você leu nesta seção, responda: o que faz um casamento dar certo?

Amando do jeito certo

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine. Ainda que eu tenha o dom de profecia e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento, e tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver amor, nada serei. Ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo e entregue o meu corpo para ser

queimado, se não tiver
amor, nada disso me valerá.

PAULO DE TARSO

Existem muitas ideias sobre os motivos que devem levar alguém ao altar. Por um lado, há quem defenda que a motivação maior para o casamento deve ser a paixão ultrarromântica, aquela dos contos de fadas, dos filmes e das novelas. Por outro, há os defensores da razão pura e simples como a base para a escolha de seu futuro cônjuge. As teorias são muitas. No meio de toda essa confusão, muitos ficam perdidos, sem saber, afinal, como decidir com quem se casar e como sustentar essa relação pelas décadas a seguir. Gostaria de propor uma reflexão sobre isso.

Deus é amor, e tudo o que faz tem por base o amor. Quando ele entregou sua Lei para Moisés, ela consistia em 613 normas, cuja essência se encontra nos famosos Dez Mandamentos. Mas, quando Jesus é indagado sobre qual seria o maior de todos esses mandamentos, aquele que sintetizaria a vontade do Criador, ele não titubeou: *ame*: “Ame o Senhor [...]. Ame o seu próximo” (Mt 22.37,39). O amor

deve estar presente em todo tipo de relacionamento: “vivam em amor”, disse o apóstolo Paulo (Ef 5.2). Isso mostra que, do ponto de vista bíblico, tudo deve ser feito por amor: Perdoar? Por amor. Consolar? Por amor. Obedecer? Por amor. Doar? Por amor. Exortar? Por amor. Viver? Por amor. Casar? Adivinha...

A grande questão é entender qual é exatamente o perfil do amor que sustenta o relacionamento conjugal por toda a vida. Amor explosivo? Amor racional? Amor abnegado? Amor sexual? Neste capítulo, desejo propor o que entendo ser o perfil do amor que deve nos levar ao altar. Se você está se preparando para o casamento, espero dar subsídios para que possa se antecipar e já entrar na vida a dois com a motivação correta. E, se você já é casado, espero dar informações que o levem a analisar se tem vivido o amor em sua potencialidade máxima para que, se for necessário, aperfeiçoe sua forma de

viver o amor pleno, que torna a vida a dois melhor e mais feliz.

Razão, sentimento e atitude: os três pilares do amor

Amados, amemos uns aos outros, pois o amor procede de Deus. Aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor. Foi assim que Deus manifestou o seu amor entre nós: enviou o seu Filho Unigênito ao mundo, para que pudéssemos viver por meio dele.

1JOÃO 4.7-9

Muito já se disse e se escreveu sobre o amor. Músicos cantaram sobre ele, poetas o exaltaram em seus escritos, filósofos o tentaram descrever. De William Shakespeare a Carlos Drummond de Andrade, de Paulo de Tarso a Fernando Pessoa, de Platão a Renato Russo... parece que todo mundo tem algo a dizer ou a compartilhar sobre esse fenômeno extraordinário chamado *amor*.

A verdade é que é impossível falar de amor sem relacioná-lo à identidade do Criador do universo,

pois Deus é amor.

Do mesmo modo que tentar definir Deus com exatidão é uma tarefa impossível, é utopia tentar definir o amor em sua plenitude. Esse conceito é excessivamente amplo e complexo e carrega em si características bastante diversificadas. Para os antigos gregos, o amor poderia se manifestar como *ágape*, o amor divino; *philia*, o amor em forma de amizade; *storge*, o amor familiar; e *eros*, o amor sexual. Para os contos de fadas, amor é viver feliz para sempre com uma pessoa sem defeitos; para o cinema e a televisão, é um vulcão de sensualidade que invariavelmente encontra seu clímax entre lençóis; para certas culturas do mundo, é um contrato entre famílias; para uns, é fogo que arde e não se vê; para outros, é a alegria em meio ao caos; para outros tantos, ainda, é algo a ser vivido como se não houvesse amanhã.

Não é meu objetivo tentar definir o amor, pois isso fugiria dos propósitos deste livro. E,

sinceramente, seria impossível. Qualquer resposta seria limitada e incompleta. Mas preciso dedicar algum tempo e reflexão à questão, pois o fenômeno do amor está inerentemente ligado ao casamento. O grande problema de abraçar qualquer definição é que uma deixa de fora as outras. E o amor não é algo que tenha uma face só. Assim como o Deus que é amor é um e três ao mesmo tempo — Pai, Filho e Espírito Santo —, o amor é uma unidade que apresenta várias facetas. Diante disso, seria possível encontrar um denominador comum que nos ajude a compreender como se deve viver o amor de forma plena na vida a dois? Creio que sim.

Se você analisar com atenção, verá que o amor que reflete a natureza de Deus e que é capaz de manter um casal unido e feliz tem, necessariamente, de se apoiar em três colunas. Imagine um edifício que se sustenta sobre três pilares. Caso um dos três seja dinamitado, o que acontece? O prédio desmorona. Assim é o amor: sustentado por três

colunas. Se alguém remove uma das três, tudo vem ao chão. E que colunas são essas?

Razão, sentimento e atitude.

Amor é razão

Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês. Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

ROMANOS 12.1-2

É muito comum ouvir jovens dizerem coisas como “estou esperando meu príncipe” ou “minha princesa um dia vai chegar”. Quem diz frases como essas está remetendo, mesmo que inconscientemente, às histórias de contos de fadas, em que princesas lindas, cheirosas e elegantes aguardam por príncipes montados em cavalos brancos, com topetes bem arrumados, charme de George Clooney e rosto de Brad Pitt. Assim, idealizam eles, um dia a espera terminará, esse ser irretocável chegará e os dois “serão felizes para

sempre”, vivendo num castelo florido, cercados por passarinhos cantores e coelhinhos saltitantes.

Esse tipo de pensamento tem um problema: em geral, o príncipe e a princesa das historinhas que mais se aproximam da realidade são Shrek e Fiona. Na vida real, maridos soltam gases, arrotam, roncam, resmungam, ficam barrigudos e calvos; já esposas engordam, por vezes agem como ostras, gritam com os filhos, acordam com mau hálito e têm crises de TPM.

Muitas e muitas vezes, quando passa a noite de núpcias e a realidade cai na cabeça como uma bigorna, não são poucos os que se desiludem com a vida de casados. Resultado: infelicidade ou divórcio. É aqui que entra a importância da razão como um dos pilares de sustentação do amor em um casamento.

O amor conjugal exige um componente racional extremamente forte. Como perdoar e permanecer casado após descobrir que sua esposa o traiu? Como

ficar ao lado de um marido que se tornou alcoólatra? Como permanecer com aquela pessoa que enfeou demais passados poucos anos da lua de mel? Como se manter com alguém cujo desejo sexual se apagou? Poderíamos fazer uma lista interminável de situações em que o componente racional do amor se faz indispensável.

Fato é que o amor em sua essência exige razão, e isso desde o namoro. Triste é quem procura um futuro cônjuge somente pelo que sente, desconsiderando se é uma relação em jugo desigual, se existe compatibilidade intelectual, se os objetivos de vida são equivalentes, se a forma de encarar as coisas é compatível, se a pessoa tem caráter, se o temperamento dela está dentro do suportável...

Não tem jeito: quem casa sem atentar para todos os aspectos envolvidos na construção de um projeto de vida com a outra pessoa está entrando numa grande furada, pois se escora apenas no que seu coração determina. E, como bem diz a Bíblia, “O

coração é mais enganoso que qualquer outra coisa e sua doença é incurável” (Jr 17.9).

Nesse sentido, o amor é, sem nenhuma dúvida, uma decisão. Isso significa que exige decisões extremamente racionais, seja na escolha do cônjuge, seja na preservação de um casamento que está passando por uma crise. O amor verdadeiro não passa apenas pelo coração; passa também pelos neurônios.

Amor é razão e tudo suporta

O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

1CORÍNTIOS 13.4-7

O ser humano tem a propensão natural de fugir do sofrimento. Não queremos viver com problemas, dores, tristezas, dificuldades, escassez, preocupações. Emocionalmente, somos impulsionados a correr sempre para a saída mais rápida e fácil. O problema com isso é que, no dia a dia, a vida conjugal é cheia de dores de cabeça e situações difíceis e, para muitos, a saída mais fácil muitas vezes não são o esforço, o empenho e o sacrifício pessoal — é o divórcio. A razão, então, serve como uma âncora, que nos manterá firmes quando a tempestade chegar

e jogar nosso sentimental de um lado para o outro sem dó nem piedade.

O amor que a Bíblia apresenta como padrão desejável e sublime está longe de ser o das novelas de TV. O amor bíblico encara a chegada do sofrimento e da dificuldade com consciência dos compromissos assumidos no altar e permanece firme, apesar das tormentas. Ele nos mostra que, em vez de pular do barco, temos de usar a razão para nos mantermos fiéis e leais ao cônjuge, mesmo que tenhamos de sofrer durante o processo.

O amor ideal permite, por exemplo, que José do Egito passe décadas sofrendo como escravo e presidiário em nome de um bem maior. O amor ideal permite que Moisés, o príncipe do Egito, passe quarenta anos no deserto de Midiã e depois mais quarenta no deserto do Sinai para cumprir os planos soberanos de Deus. O amor ideal permite que Jó enfrente profundas dores e perdas para que seja aperfeiçoado e conduzido a mais intimidade com o

Pai que o ama. O amor ideal não é pura poesia; é pé no chão, escorado por realidades muito bem processadas racionalmente. Isto é o amor bíblico ideal: um amor que custa caro e, por isso, precisa de mais do que meros impulsos sentimentais para sobreviver; precisa da fidelidade a conceitos adquiridos racionalmente e mantidos pelo poder intelectual da força de vontade e do domínio próprio.

O amor ideal é sacrificial, pois entrega Cristo à cruz; oferece o Cordeiro de Deus à humilhação, à tortura, à dor e à morte, pois sabe que “os nossos sofrimentos leves e momentâneos estão produzindo para nós uma glória eterna que pesa mais do que todos eles” (2Co 4.17). Afinal, abraçar o amor quando tudo vai bem é fácil. Difícil é manter-se firme nesse amor em meio à perda, à lástima, ao desemprego, à fome, à doença, ao sofrimento.

Felizes os que não se guiam pelas circunstâncias, mas por fé. E, afinal, não é isso que é fé?

Permanecer com perseverança e firmeza no amor de Deus quando tudo ao nosso redor tenta nos fazer acreditar que Deus não nos ama? Com o amor matrimonial, não é diferente.

Amor é razão: casamentos sem sentimento

Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito. Pois aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho...

ROMANOS 8.28-29

Para que serve o casamento? Pode parecer uma pergunta meio sem sentido, mas, biblicamente, há uma resposta interessante e não muito popular. Longe das novelas e dos filmes, o teólogo britânico John Stott disse certa vez: “Deus quer que seu povo se torne semelhante a Cristo. A vontade de Deus para o seu povo é que sejamos conformes à imagem de Cristo”.¹ Tudo em nossa vida teria, assim, o objetivo de fazer que nos tornemos cada vez mais semelhantes ao bom, maravilhoso e incomparável

Jesus — em suas virtudes, seu amor, sua disposição para servir, sua graça. E *tudo*, devemos lembrar, inclui o casamento.

Paulo escreveu: “Portanto, sejam imitadores de Deus, como filhos amados, e vivam em amor” (Ef 5.1-2; cf. 1Co 11.1). O pastor americano Paul Washer reforça esse pensamento: “Como você aprenderá misericórdia, paciência, amabilidade e compaixão se você está casado com alguém que nunca falha com você? [...] Como você aprenderá sobre a graça se é casado com alguém que sempre merece todas as coisas boas? Ouça-me: o propósito principal do casamento é que, por meio dele, você se torne conforme à imagem de Jesus Cristo”.²

Se o casamento serve para nos moldar à imagem de Cristo, qualquer motivação para se casar que seja diferente do genuíno amor é um erro. Pois como seria possível ingressar em uma jornada para tornar-se semelhante ao Cristo que é amor sem ter por motivação primordial esse mesmo amor?

Algum tempo atrás, fiz em meu *blog* uma enquete, em que perguntava: “Qual deve ser a grande motivação de uma pessoa para se casar?”. Para minha surpresa, apenas 81% dos mais de três mil participantes responderam “amor”. Os outros 19% se distribuíram entre respostas como “receio de ficar só”, “pressão social”, “carência afetiva” e “vontade de ter filhos”. O que isso mostra? Que muitas pessoas estão casando pelas razões erradas e, portanto, já sobem ao altar dando um passo torto, o que pode levá-las a um tombo bem dolorido mais à frente.

Se você é solteiro, cuidado. Não se case porque “não quer ficar para titia”, “todas as minhas amigas já se casaram”, “todos estão pressionando” ou algo assim. Fique firme e espere pelo amor verdadeiro e bíblico, leve o tempo que levar.

Se você é casado e percebeu que o amor que o levou ao altar não incluía um sentimento verdadeiro, a decisão racional é um elemento

essencial para continuar casado. Não dá para voltar atrás; portanto, decida permanecer e faça o que for preciso para manter uma vida a dois feliz, respeitosa, devotada e — por que não? — extraordinária e transbordante.

1 Disponível em:

<http://www.monergismo.com/textos/santificacao/paradigma-semelhantes-Cristo_stott.pdf>. Acesso em: 16 de set. de 2015. Ver ainda 2Co 3.18 e 1Jo 3.2.

2 Disponível em:

<<http://www.autoridadecrista.com/2014/03/paul-washercasamento-o-principal.html>>. Acesso em: 16 de set. de 2015.

Amor é razão: um inimigo chamado carência

Acima de tudo, guarde o seu coração, pois dele depende toda a sua vida.

PROVÉRBIOS 4.23

Aqui desejo falar exclusivamente aos solteiros.

Um dos grandes motivos de a razão ser um dos pilares do amor é para evitar que males como a carência afetiva acabem levando as pessoas a embarcar em relacionamentos furados. A carência é uma das grandes epidemias do século 21, alimentada por fatores como a cultura das redes sociais (que nos levam a comparar nossa vida com a dos outros), a correria do dia a dia, a impessoalidade das grandes cidades e tantas outras mazelas dos nossos dias. A verdade é que muitos estão solitários, tristes e infelizes no meio da multidão. Isso os deixa

desesperados por preencher as lacunas da alma com o primeiro pretendente que aparece, pois, se não tiverem a razão em que se agarrar para manter-se no prumo, serão levados pela correnteza, com todas as consequências disso.

A pessoa carente sente-se solitária, incapaz de viver uma vida que tenha sentido se não houver alguém que ocupe esse vazio. Ela não se basta. Precisa de outro. “Não sei viver só”, diz. A falta de um ente amado lhe é tão perturbadora que, na ausência de um amor verdadeiro, acaba convidando para habitar em sua vida afetiva alguém por quem nutre algum tipo de sentimento benigno, seja uma amizade, seja um carinho, seja até mesmo atração física. Mas que não é amor.

A pessoa vê no outro a oportunidade de eliminar sua carência. Então, motivada não pelo amor que “tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”, mas por um vazio de necessidades afetivas, começa um namoro. É até gostoso, no início, pois o outro

faz você se sentir querido e acolhido. Quando o carente se dá conta, está trocando alianças no altar. E, num dia qualquer, a pessoa acorda e descobre que ao seu lado dorme alguém que foi trazido para sua vida para tapar lacunas, mas que se tornou seu cônjuge para o resto da vida. É quando cai a ficha e o carente percebe que o cônjuge é incapaz de suprir a necessidade de amor de que ele tanto precisava.

Se o que buscamos é fugir da carência e da solidão, qualquer coisa ou pessoa que nos ajude a escapar serve. Mas não é isso que nos fará felizes, nem é o que Deus deseja. Casamento é uma coisa muito séria. Aliás, amor é uma coisa muito séria. E muitos o têm vivido como uma grande equação matemática: preciso casar, é o que esperam de mim, não sei viver só, é o que todos fazem, então, pronto, caso com quem, na realidade, não amo.

Está solteiro? A notícia não muito agradável é que pode demorar muito até você encontrar a pessoa com quem viverá o amor pleno. *Esperre!*

Paciência! Não troque o ouro puro do amor verdadeiro pelo latão enferrujado de uma solidão suprida, pela pobreza de uma carência afetiva aparentemente resolvida. Toda pessoa carente tem a possibilidade e o potencial para viver um amor verdadeiro. Não abra mão disso.

Amor é sentimento: amar é exclusivamente uma decisão?

Vocês ouviram o que foi dito: “Ame o seu próximo e odeie o seu inimigo”. Mas eu lhes digo: Amem os seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem, para que vocês venham a ser filhos de seu Pai que está nos céus.

MATEUS 5.43-45

Nos últimos anos, tornou-se comum ouvirmos que “amar é uma decisão”. Isso é verdade, mas entendo que é uma verdade parcial. Sim, amar é uma decisão e uma escolha, mas, especialmente no que se refere ao amor conjugal, não é *apenas* isso. Acreditar o contrário pode gerar muitos problemas.

A expressão máxima do fato de que “amar é uma decisão” está representada no amor pelos inimigos (Mt 5.44). Nesse sentido, sim, amar passa a ter um componente de escolha fortíssimo. No entanto,

creio que amar é *mais* do que uma decisão. Tempos atrás eu me achava solitário nesse pensamento, mas fiquei aliviado ao encontrar suporte para esse pensamento nos escritos, por exemplo, de teólogos como John Piper.³

Jesus foi movido muitas vezes a atos de amor por compaixão (Mt 9.36; 14.14; 15.32; 20.34; Mc 1.41; 6.34; Lc 7.13), e compaixão é, por definição, um “*sentimento* piedoso de simpatia para com a tragédia pessoal de outrem, acompanhado do desejo de minorá-la”. O termo em grego usado na Bíblia para falar da compaixão de Jesus é *splagchnizomai*, que se refere especificamente a um sentimento, algo que se sente.

Na Bíblia, vemos exemplos de amor fraterno com um forte componente emocional, como o relacionamento dos dois grandes amigos Davi e Jônatas: “Sucedeu que, acabando Davi de falar com Saul, a alma de Jônatas se ligou com a de Davi; e Jônatas o amou como à sua própria alma” (1Sm

18.1, RA). Isso soa a você como uma decisão pura e simples? Se você tem um filho, o ama somente porque ele foi formado de células suas? Você foi vendo aquele bebezinho crescer todos os dias, até que, certa manhã, disse: “Bem, a partir de hoje, decido amar essa criança”?

E lembre-se que ninguém ama Jesus porque tomou a decisão de amá-lo. Nós amávamos o mundo, até que, pela graça, contrariando tudo em que criamos ou desejávamos racionalmente até então, o amor de Deus nos alcançou e passamos a amar Jesus. Eu mesmo nunca decidi amá-lo. Estava muito bem, obrigado, amando minha vida de pecados, quando esse amor chegou sem nenhuma atitude minha, pela pura graça unilateral de Deus, ligou-se à minha alma, incendiou-a e pronto: quando me dei conta, estava amando.

Se o amor verdadeiro é uma decisão, mas não exclusivamente uma decisão, por que o verdadeiro amor conjugal seria diferente?

3 Disponível em: <<http://www.desiringgod.org/articles/love-is-more-than-a-choice>>. Acesso em: 16 de set. de 2015. Piper aponta como referências bíblicas para o fato de amor não ser só uma escolha: Is 62.5; Jr 32.41; Os 11.8; Sf 3.17 (o amor de Deus por seu povo); Mt 22.37; Ef 4.31-32; 2Tm 4.8 (nosso amor por Deus); Rm 12.10; 1Co 13.4-7; 2Co 9.7; 1Pe 1.22 (o amor pelo próximo); Mt 5.44 (o amor pelos inimigos; segundo Piper, orar para que nossos inimigos sejam abençoados sem um sincero desejo no coração de que ele seja abençoado configura hipocrisia).

Amor é sentimento: amor conjugal não é só uma decisão

Você fez disparar o meu coração, minha irmã, minha noiva; fez disparar o meu coração com um simples olhar, com uma simples joia dos seus colares.

CÂNTICO DOS CÂNTICOS 4.9

O amor conjugal envolve muitos elementos, de companheirismo a erotismo, e também sentimentos. Isolar o sentimento do amor afetivo com base na ideia de que “o amor é só uma decisão” é perigoso. Por quê? Porque pode conduzir pessoas a se casarem pelos motivos errados. E este é o motivo de eu enfatizar esse ponto: muita gente tem se casado com base, apenas, em decisões racionais e hoje encontra-se infeliz — quando não divorciada.

Existem aqueles que se casam, sim, *exclusivamente* por uma decisão. Conheço gente que escolheu o cônjuge por motivos como “ele tem um ministério que complementa o meu” e “todo mundo na igreja dizia que ele era uma bênção”. Isso tudo é importante; como vimos, o aspecto racional da escolha do cônjuge é indispensável e, sem ele, um casamento está fadado ao fracasso. Mas uma escolha unicamente cerebral, tal qual a decisão de que roupa vou vestir hoje à noite ou que prato vou comer no almoço, não se encaixa na natureza amorosa de Deus. Aliás... por que motivo racional Deus amaria você mesmo? Porque você é bom e sem pecado? Porque você merece o amor dele? O amor de um pai por seus filhos é meramente racional? E o do Pai? A resposta é óbvia. E nosso amor tem de refletir o dele.

Certa vez, resolvi fazer um teste. Selecionei alguns conhecidos que defendem que “o amor conjugal é só uma decisão” e lhes perguntei como

foi sua história de amor com o cônjuge. Invariavelmente, ouvi coisas do tipo “quando a vi meu coração disparou”, “eu não conseguia parar de pensar nele” e “quando ele segurou na minha mão foi como se tivesse tomado um choque”. Repare que todas essas afirmações são irremediavelmente ligadas ao sentimento. Faça esse teste você também com seus amigos.

Logo, vi fortes evidências de que amor conjugal conforme o amor de Deus não ocorre exclusivamente porque se *decidiu* amar o cônjuge. Algo na linha: “Olhei, raciocinei, refleti e tomei a decisão: vou amar fulano e poderemos nos casar”. Não é assim que acontece. O sentimento amoroso pelo cônjuge é uma bênção criada por Deus, e não pelo Maligno. Não é porque a sociedade criou a ideia de que amor é um arroubo ultrarromântico que devemos “nos defender” jogando o pêndulo para o extremo oposto e excluindo totalmente o sentimento do amor conjugal. Pois Deus não exclui

o sentimento de seu amor por nós. Deus não é uma estátua de pedra; tampouco nós.

Se você é solteiro, case-se por motivos racionais, mas não unicamente racionais: viva o amor pleno. E, se você é casado e tem vivido infeliz porque casou por motivos exclusivamente racionais, o divórcio não deve ser uma opção. Persista! Não abra mão de sua família para viver arroubos de emoção que, geralmente, acabam mal. Na sua situação é necessário enfatizar, sim, a razão como sustentação para o casamento. Devote-se ao seu cônjuge com entrega em forma de admiração, companheirismo, atitudes e devoção abnegada e, acredite, você será feliz!

Amor é atitude

De que adianta, meus irmãos, alguém dizer que tem fé, se não tem obras? Acaso a fé pode salvá-lo? Se um irmão ou irmã estiver necessitando de roupas e do alimento de cada dia e um de vocês lhe disser: “Vá em paz, aqueça-se e alimente-se até satisfazer-se”, sem porém lhe dar nada, de que adianta isso? Assim também a fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta.

TIAGO 2.14-17

Imagine que você e eu nos encontramos, eu digo “eu te amo” e lhe dou um tapa na cara. O que você entenderia dessa minha atitude? Concluiria que eu realmente o amo ou que o odeio? Ora, não basta ter um sentimento verdadeiro por uma pessoa e racionalmente ela atender aos requisitos para construir uma vida a dois se você não agir diariamente em favor dela. Pois casamento exige atitudes, isto é, ações práticas que demonstrem o que você sente e pensa sobre o cônjuge e alimentem diariamente a vontade de permanecer juntos. Solteiros, entendam isso e preparem-se para pôr em

prática quando chegar a hora. Casados, se não vivem diariamente devotando-se ao cônjuge em atitudes, arrependam-se desse erro já e comecem a demonstrar seu amor na prática.

Assim, para construir um relacionamento amoroso sólido com alguém, você precisa viver diariamente atento às suas atitudes. Primeiro, para não agir de modo errado e, segundo, para fazer o que tem de ser feito a fim de alimentar sua relação.

Sua rotina tem de ser marcada por constantes manifestações práticas daquilo que você sente e pensa em relação ao cônjuge, sem distinção entre pequenos gestos cotidianos ou grandes atitudes — de atos de sacrifício pessoal a atos simples, como levar um cafezinho para o marido, fazer uma massagem nos pés da esposa, preparar uma surpresa, dar presentes em datas inesperadas e coisas do gênero. O que importa é que você demonstre por meio de ações ao seu cônjuge que pensa nele, se preocupa com ele, gosta de deixá-lo feliz e está

disposto a sair da inércia para fazer algo em favor dele. Isso alimenta um relacionamento.

Se você ama seu cônjuge, precisa demonstrar isso todos os dias. Claro que ele sabe, mas acredite: não basta. Um marido que chega em casa após um dia de trabalho e vai direto se enfiar nos jogos de futebol na televisão ou uma esposa que, em vez de passar a noite com o marido, opta por enfiar-se na Internet e passar horas *on-line* estão demonstrando amor com suas atitudes? Na verdade, estão dando um tapa na cara do cônjuge.

Como vimos no capítulo 1, em geral as pessoas tendem a considerar que o oposto de amor é ódio, mas, na realidade, é *egoísmo*. O amor verdadeiro, divino, bíblico, ideal, é aquele que não é egoísta, mas abre mão de si pelo outro. Que se devota. E, se você começa a viver atitudes individualistas na vida a dois, pode ter absoluta certeza de que o amor começará a sofrer erosão. Cuidado: egoísmo e a falta de atitudes em favor do outro podem levar seu

casamento a desmoronar. Arrependa-se quanto antes e mude o rumo de suas ações.

Amor é atitude: a importância de fazer acontecer

O SENHOR me disse: “Vá, trate novamente com amor sua mulher, apesar de ela ser amada por outro e ser adúltera. Ame-a como o SENHOR ama os israelitas, apesar de eles se voltarem para outros deuses e de amarem os bolos sagrados de uvas-passas”. Por isso eu a comprei por cento e oitenta gramas de prata e um barril e meio de cevada. E eu lhe disse: Você viverá comigo por muitos dias; não será mais prostituta nem pertencerá a nenhum outro homem, e eu viverei com você.

OSEIAS 3.1-3

O profeta Oseias viveu algo peculiar. A Bíblia relata que, por ordem de Deus, ele se casou com uma mulher infiel, chamada Gômer. Depois de ser abandonado por ela, Oseias a resgata e a leva de volta para casa. Observe que, nesse processo, o profeta israelita 1) perdoa a esposa; 2) gasta dinheiro e bens para reavê-la; 3) a resgata daquela vida de pecados; 4) se dispõe a viver novamente com ela,

como se nada tivesse acontecido. E tudo ocorre depois que Deus o manda *tratá-la com amor*. Isso mostra que, quando Deus manda Oseias amar a esposa, o que aquele homem faz não é ficar dando beijinhos nela, mas tomar uma série de atitudes práticas que eram exatamente do que Gômer precisava naquele momento. Esse é um extraordinário exemplo de amor bíblico demonstrado na prática.

Você pode estar se perguntando quais são exatamente as atitudes que precisa demonstrar ao seu cônjuge para pôr em prática o verdadeiro amor. E a resposta é: não faço ideia. Veja, não existe uma fórmula universal sobre o que agrada quem você ama. Somos mais de sete bilhões de pessoas no planeta. Não tem como dar uma resposta “coringa”, que funcione igualmente para todas. Mas tenho uma boa notícia: se eu não faço ideia do que você precisa fazer... você faz.

Ninguém conhece seu cônjuge melhor que você: os gostos, as preferências, os desejos, os apetites, os passatempos, as paixões, os sonhos, as expectativas e tudo o mais que passa no coração dele. E por quê? Porque somos diferentes! O que me toca não necessariamente tocará você. O que eu preciso não é o que você precisa. Por isso, é mediante a descoberta de cada necessidade ou luxo que deixaria seu cônjuge feliz, que o emocionaria e o conquistaria que você deve elaborar planos de demonstração prática do amor, por meio de atitudes variadas.

E, aqui, eu dividiria as atitudes em dois grupos: trivialidades e surpresas. Trivialidades são aquelas coisinhas do dia a dia, da rotina, que estão presentes constantemente na vida do casal, mas que fazem toda a diferença. É ajudar a lavar louça quando ela está cansada, cozinhar o prato preferido dele, abrir mão do seu tipo de filme favorito para assistir ao

romancezinho de que ela gosta, pegar os filhos na escola quando ele está exausto, esse tipo de coisas.

Já as surpresas são aqueles gestos que fazem o queixo cair e entram para a história do casal. Por exemplo, certa vez dei de presente de aniversário à minha esposa um voo de helicóptero sobre o Rio de Janeiro. Já ela organizou uma festa surpresa no dia do meu aniversário. Atitudes como essas serão sempre lembradas.

Cabe a você descobrir o que alegria o coração de seu amado, nas pequenas e nas grandes coisas. A partir daí, ponha em prática. Você verá a diferença que os maiores e os menores gestos fazem.

Amor é atitude: a importância do diálogo

Ouçam, pois tenho coisas importantes para dizer; os meus lábios falarão do que é certo.

PROVÉRBIOS 8.6

Se você quer descobrir quais atitudes vão tocar o seu cônjuge, saiba que o caminho mais fácil e eficiente é o do diálogo. Em dias de redes sociais, *video games*, dezenas de canais de TV por assinatura, Internet, *smartphones*, aplicativos e outras tantas distrações que desviam a atenção do nosso cônjuge, esse é um ponto que precisa ser reforçado.

Temos tantas atividades ao alcance de um toque de dedo que, cada vez mais, os casais estão conversando cada vez menos. Muitos trocam o olho no olho de jantares ao redor da mesa pelos olhos grudados na televisão com pratos no colo, no sofá da sala. Deitam juntos na cama, mas cada um com a

cara enfurnada no seu *smartphone*. Saem menos para passear de mãos dadas e preferem ver um filme na televisão. Fato é que os diálogos estão cada vez mais escassos na rotina dos casais.

O resultado é que marido e mulher conversam menos sobre o que se passa em seu coração e, com frequência, compartilham seus desabafos mais na linha do tempo do Facebook do que com o cônjuge. A questão é que até hoje não se inventou forma melhor de descoberta mútua do que o bom e velho “fala que eu escuto, depois escute o que eu falo”.

Há, ainda, outras duas causas principais da falta de diálogo, mas que fogem das modernidades: a pressuposição da “onisciência” alheia e a ideia da independência no casamento. A pressuposição da “onisciência” alheia leva o cônjuge a ficar esperando que o outro descubra o que ele pensa por si só, como se uma suposta “sintonia metafísica” desse um tom de romantismo à relação. O problema desse

pensamento é que telepatia não existe. Não é assim que se dialoga. Se você quer tomar decisões que envolvam o outro, nunca pressuponha que ele conseguirá ler todas as suas entrelinhas. Chame-o para conversar!

Com relação à ideia de independência no casamento, isso ocorre quando um cônjuge começa a tomar decisões sem conversar antes com o outro. Não é certo tomar decisões que afetam o casal sem decidir em conjunto. Se falamos o que queremos, precisamos ter disposição de ouvir o que não queremos. Se não planejamos juntos as decisões, o resultado são confusão, desentendimento, atritos e ofensas.

O diálogo é uma das atitudes primordiais na vida a dois. A comunicação torna tudo mais humano, transparente e honesto. Se você percebe que não tem dialogado o suficiente com seu cônjuge, arrependa-se e mude. Transforme sua rotina. Abra mão de pequenos entretenimentos e prazeres que o

põem em uma bolha individualista e passe a devotar tempo à comunicação, a fim de expor seus pensamentos e ouvir os de seu cônjuge. Seu casamento agradece.

Amor é atitude: a importância da renúncia

Prefiram dar honra aos outros mais do que a si próprios.

ROMANOS 12.10

Abrir mão de si pelo outro aponta para uma atitude indispensável a um casamento bem-sucedido: a renúncia. Não basta realizar gestos para alegrar o coração de seu amado; é absolutamente impossível entrar num projeto de vida a dois sem ter de abdicar com frequência daquilo que é do seu interesse em favor do outro. Pois abrir mão também é uma atitude. “Humildemente considerem os outros superiores a si mesmos” (Fp 2.3) é uma diretriz que nos leva a preferir o bem do próximo à custa de renúncia de vantagens pessoais. Mas, quando a renúncia ocorre como uma atitude motivada por amor, esse abrir mão torna-se prazeroso e recompensador.

Jesus mostrou que o amor verdadeiro pressupõe renúncia: “Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida, a perderá; mas quem perder a sua vida por minha causa e pelo evangelho, a salvará” (Mc 8.34-35). Sobre o que ele estava falando? Sobre abnegação, que tem a ver com “negação do interior”. Segundo os dicionários, é “renúncia espontânea do interesse, da vontade, da conveniência própria”.

A Bíblia fala sobre a importância da renúncia como expressão do amor a Cristo em diversas ocasiões. Jesus disse: “Da mesma forma, qualquer de vocês que não renunciar a tudo o que possui não pode ser meu discípulo” (Lc 14.33). Já Paulo afirmou: “Porque a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens. Ela nos ensina a renunciar à impiedade e às paixões mundanas e a viver de maneira sensata, justa e piedosa nesta era presente, enquanto aguardamos a bendita esperança:

a gloriosa manifestação de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo” (Tt 2.11-13).

Mas Cristo deixa claro que a renúncia por amor traz recompensas: “Digo-lhes a verdade: Ninguém que tenha deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos, ou campos, por causa de mim e do evangelho, deixará de receber cem vezes mais, já no tempo presente, casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, e com eles perseguição; e, na era futura, a vida eterna” (Mc 10.29-30). O que isso nos mostra é que o exercício da renúncia não é um fardo indesejável aos olhos de Deus, mas uma virtude.

Por outro lado, a Bíblia mostra o caso de um jovem rico que se aproximou do Senhor e lhe indagou sobre como poderia ter a vida eterna. “Jesus respondeu: ‘Se você quer ser perfeito, vá, venda os seus bens e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro nos céus. Depois, venha e siga-me’. Ouvindo isso, o jovem afastou-se triste,

porque tinha muitas riquezas” (Mt 19.21-22).
Aquele rapaz optou por não renunciar.

Percebe como, biblicamente, é impossível amar sem renunciar? Quais têm sido as suas opções? A que tem renunciado por amor ao seu cônjuge? Nada? Então arrependa-se e mude, pois um relacionamento conjugal sem atitudes em forma de renúncia aponta para um desequilíbrio na entrega pelo outro. Como disse Jesus: “Há maior felicidade em dar do que em receber” (At 20.35).

Amor é atitude: uma história de renúncia

Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos.

JOÃO 15.13

Chris e Dana formavam o casal dos sonhos. Lindos, bem-sucedidos profissionalmente, ricos. Tudo seguia às mil maravilhas em seu casamento, quando ocorreu uma fatalidade: o marido sofreu um acidente, que provocou uma grave lesão no pescoço e o deixou tetraplégico. Com isso, aquele homem, antes viril e ativo, passou a viver imobilizado do queixo para baixo, com a ajuda de aparelhos, e tornou-se dependente de Dana para tudo. Depois de passar seis meses em um instituto de reabilitação, Chris voltou para casa, que já havia sido totalmente adaptada pela esposa à nova realidade.

Dana, que trabalhava como atriz de teatro, renunciou totalmente à carreira e criou uma fundação para o estudo da paralisia e o cultivo de células-tronco. Ela tornou-se alvo de admiração por seu trabalho abnegado e sacrificial em favor da fundação, ao mesmo tempo que se dedicava aos muitos cuidados de que Chris necessitava. Foi graças a todo esse amor, demonstrado pela esposa em forma de atitude e renúncia, que ele conseguiu alcançar equilíbrio emocional para seguir adiante. Até que, nove anos após o acidente, Chris sofreu um infarto e veio a falecer.

O que mais chama minha atenção nessa história é que, logo depois de fraturar o pescoço e se dar conta de tudo o que o esperava pela frente, Chris teve uma conversa com Dana e disse-lhe que ela deveria pedir o divórcio. Ao que aquela abnegada e admirável mulher respondeu:

— Você ainda é você. E eu o amo.

Segundo o próprio Chris diria publicamente tempos depois, “Aquilo significou mais para mim do que apenas uma declaração pessoal de fé e compromisso. De certo modo, foi uma afirmação de que o casamento e a família estavam no centro de tudo”.

Esse foi o belo testemunho de um amor que se sustentava em sentimento, razão e atitudes. No caso de Dana, atitudes em forma de renúncia: da carreira, do tempo para si, dos esforços para o próprio bem. Seu amor foi devotado e valorizou mais o outro do que a si mesmo, como o amor deve ser.

Ao dar esse exemplo para o mundo, Dana mostrou que, se o seu marido, o ator Christopher Reeve, tornou-se mundialmente famoso ao interpretar o Super-Homem em uma série de filmes no cinema, na vida real ela é que foi a grande heroína.

Dez meses após a morte do esposo, Dana Reeve recebeu o diagnóstico de câncer no pulmão. Sete

meses mais tarde, ela partia desta vida, deixando como legado um belíssimo exemplo de como o amor demonstrado por meio de atitudes supera todas as dificuldades e mantém um casamento sólido mesmo nas maiores crises.

Resumo

Todos desejamos ser bem-sucedidos no casamento. Por isso, precisamos ter certeza de que estamos nos casando pelo motivo certo: amor. Não um amor qualquer, mas aquele que se inspira no amor de Deus, revelado nas páginas da Bíblia. Esse é um amor infalível se praticado como as Escrituras ensinam, pois não está alicerçado em ideias humanas, mas na sabedoria divina.

Esse amor verdadeiro e ideal se sustenta em três pilares: razão, sentimentos e atitudes.

A razão é o que nos faz entrar num relacionamento e prosseguir nele, escorado em aspectos dessa união que têm lógica e fazem sentido. É como uma âncora, que contém os arroubos dos sentimentos e nos mantém com os pés no chão. A razão torna nosso amor sacrificial, assim como é o amor de Deus por nós. O casamento nos molda à

imagem de Cristo, o que faz manifestar em nós amor, graça e disposição para servir. Saber disso evita que subamos ao altar por motivos equivocados.

No entanto, a supervalorização da razão nos casamentos levou ao surgimento de uma ideia de que o amor é só “uma decisão” ou exclusivamente “uma escolha”. Embora seja uma verdade parcial e fundamental para a manutenção de um casamento em crise, o amor conjugal ideal não é só uma postura racional; é muito mais. Traz em si também o fator sentimental. Despir o relacionamento amoroso desse componente é desumanizá-lo e remover dele sua essência divina. Portanto, o amor também é sentimento.

O terceiro pilar do amor verdadeiro são as atitudes. Um relacionamento a dois em que um participante não demonstre por meio de ações ao seu cônjuge que pensa nele, se preocupa com ele, gosta de deixá-lo feliz e está disposto a sair da

inércia para fazer algo em favor dele, não demonstra amor — mesmo que nutra sentimentos reais. Gestos triviais, grandes surpresas e a renúncia do que é bom para si em favor do que é bom para o outro alimentam e sustentam a vida conjugal. Para descobrir que atitudes são indicadas na escolha das atitudes a ser praticadas com o cônjuge, é essencial buscar o diálogo.

Amor baseado na razão, desfrutado com sentimentos e demonstrado por atitudes: viva esse tipo ideal de amor em seu relacionamento, e seu casamento tem tudo para ser feliz.

Perguntas para reflexão

1. Se o amor é a motivação certa para casar, quais são as motivações erradas?
2. Você busca na Bíblia o entendimento sobre o amor verdadeiro? Existe alguma fonte melhor?
3. Por que não existe amor verdadeiro sem o uso da razão?
4. Que tipos de problemas um amor que tem a razão como um de seus pilares pode evitar no casamento?
5. Em que sentido amar é uma decisão?
6. Amar é só uma decisão? Por quê?

7. O que você tem feito para alimentar os sentimentos no seu casamento?

8. Que atitudes você tem tomado para demonstrar amor ao seu cônjuge?

9. Você tem dialogado o suficiente no seu relacionamento ou percebe que está falhando nesse sentido?

10. O que você renuncia por amor a seu cônjuge?

Palavras finais

A felicidade no casamento é possível!

Atenção a um detalhe: eu disse *felicidade*, e não *perfeição*. Nenhuma pessoa é perfeita, portanto nenhum casamento jamais será perfeito. Haverá altos e baixos, momentos maravilhosos e insuportáveis, agonias e euforias, erros e acertos; isso é uma certeza, e não uma possibilidade. O conceito de felicidade a que me refiro é o bíblico, e não o dos contos de fadas, pois ninguém jamais “será feliz para sempre” no casamento. Isso é impossível.

Mas é possível, sim, viver no matrimônio o verdadeiro contentamento bíblico, aquele que Paulo menciona na Escritura: “... aprendi a adaptar-me a toda e qualquer circunstância. Sei o que é passar necessidade e sei o que é ter fartura. Aprendi o segredo de viver contente em toda e qualquer situação, seja bem alimentado, seja com fome, tendo

muito, ou passando necessidade. Tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4.11-13). Ser feliz é encontrar alegria em meio aos bons e maus momentos, mesmo após cometer erros — desde que você tome as atitudes certas para lidar com eles.

Todo mundo erra. E todo mundo erra no casamento. Eu, você, todos; sem exceção. A grande questão é: sabendo dessa realidade, o que devemos fazer? Abaixar a cabeça e entregar os pontos? *Jamais!* Pois é totalmente possível evitar problemas conjugais ou reconstruir casamentos que entraram em crise; basta que haja arrependimento e perdão.

O arrependimento é a melhor ferramenta de prevenção das crises. Uma vez que o marido ou a esposa erra com o cônjuge — por ações, omissões ou inversões — e é tocado no fundo da alma pela percepção de que fez algo errado, então mudará de rumo. A lembrança do erro que cometeu passa a agir como um poderoso freio para não mais cometê-lo. E, com isso e com a indispensável força

que só Deus pode dar, você se torna capaz de exercer o domínio próprio e refrear-se. Ao dar um passo em direção ao erro, você se recorda das falhas do passado e, fortalecido pelo verdadeiro arrependimento, tem forças para fazer a coisa certa.

Já o perdão é a ferramenta indispensável para a restauração de um relacionamento em ruínas. Se você e seu cônjuge chegaram ao ponto em que muitos erros se acumularam e geraram frequentes atritos, a erosão pode ter abalado totalmente as estruturas da sua vida conjugal. Mas, ao reconhecer seus erros, arrepender-se deles, pedir perdão ao cônjuge e perdoá-lo dos que ele cometeu, você põe em ação o poderoso mecanismo relacional, emocional, racional e espiritual que age por meio do perdão. Os erros são apagados. A dívida é cancelada. E, se houver uma disposição firme da parte de marido e mulher, juntos e com a ajuda de Deus vocês conseguirão restaurar e reconstruir o que estava em ruínas. Tudo se faz novo!

Assim, mediante o exercício do arrependimento e do perdão, o verdadeiro amor se manifesta plenamente. O sentimento que parecia ter desaparecido torna-se novamente vigoroso e viçoso, a razão passa a controlar suas decisões e a evitar novos destemperos, e as atitudes diárias em favor do cônjuge geram vida — a verdadeira *vida* conjugal.

Não desista. *Não desista!* Se tudo parece caminhar para um fim triste e doloroso, lembre-se de que a restauração é possível, pois “para Deus todas as coisas são possíveis” (Mt 19.26) e “nada é impossível para Deus” (Lc 1.37). Acredite, Deus quer que o seu casamento seja bem-sucedido, pois o divórcio não é a opção dele: “‘Eu odeio o divórcio’, diz o SENHOR, o Deus de Israel” (Ml 2.16). Jesus afirmou:

Vocês não leram que, no princípio, o Criador “os fez homem e mulher” e disse: “Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne”? Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, ninguém separe.

Deus não quer novas crises no seu casamento! Deus quer restaurar o seu relacionamento! Por isso, ele chama você e seu cônjuge ao arrependimento, para que não voltem a cometer os mesmos erros e, assim, evitem atritos e erosões; e os chama também para perdoar e se perdoar e, assim, reverter o processo de erosão e crises.

O casamento é uma jornada extraordinária! É uma viagem a lugares incríveis — uns mais desérticos, outros mais paradisíacos —, a ser feita a bordo desse trem chamado *amor*. Desfrute ao máximo tudo o que há para se viver no decorrer dessa aventura, extraia lições das suas experiências e as aplique nos momentos em que for necessário. Se você se esforçar e fizer a sua parte, tenho certeza de que conseguirá substituir uma série de erros por uma série de alegrias. E, ao experimentar, dia após dia, uma sucessão de momentos felizes ao lado do amor da sua vida, você terá uma vida conjugal

plena, abundante, transbordante e cheia do que de
melhor o casamento tem a oferecer.

Perdão total no casamento: além da teoria

Conheci Luciano e Adriana por volta de 1996. Éramos todos membros do grupo de jovens da mesma igreja, e logo desenvolvi um carinho grande por ambos. Tínhamos muito em comum e, como recém-convertidos à tradição cristã protestante, vivíamos momentos similares em nossa trajetória de vida. Mal sabia eu que, anos depois, aquele simpático e sorridente casal enfrentaria uma terrível trajetória de erros, pecados e desencontros, que levaria seu casamento à beira do precipício.

Depois de namorar e noivar por dois anos, Luciano e Adriana se casaram, tiveram um filho e viveram juntos por catorze anos, até que um caso extraconjugal trouxe a ruína àquela família. Luciano

corajosamente concordou em me relatar a história de como aquele jovem e feliz casal desceu ladeira abaixo até chegar ao abismo matrimonial.

Quando expus a ele a visão dos três pilares que sustentam o amor conjugal verdadeiro, na mesma hora ele se identificou. E teve a clareza de identificar como o abalo em cada uma dessas colunas interferiu em seu matrimônio. “A *razão* nos dá clareza e lucidez para enfrentar os problemas de maneira que conduza você a um *sentimento* sadio e a *atitudes* eficazes. No caso do meu casamento, minha esposa e eu chegamos ao ponto em que perdemos o sentido racional de estarmos juntos. Quando vem a crise, o primeiro passo para cair é perder de vista os aspectos racionais do relacionamento, os propósitos e os motivos”, disse-me. Para esse marido, a razão é importante a fim de manter sólidas as estruturas fundamentais do relacionamento.

No aspecto sentimental, Luciano hoje reconhece que ele e Adriana erraram por deixar de valorizar as

coisas simples. “Nós paramos de dar beijos na boca, de buscar o prazer em simplesmente estar juntos, conversando, a despeito das circunstâncias. Com o tempo, fomos perdendo o prazer dos pequenos contatos, do toque, do olhar”, lamenta. Depois de ter passado por todo o processo de destruição familiar, hoje ele olha para trás e percebe: “Nutrir os sentimentos é um santo remédio para combater as crises conjugais”.

Luciano também percebe com muita clareza como a ausência de atitudes que alimentassem mutuamente o amor do casal contribuiu para que ocorresse a traição e a crise no casamento. “Adriana e eu chegamos ao ponto de cada um pensar somente em si. Não havia renúncia alguma de nenhum lado, e isso contribuiu demais para nosso afastamento”. Hoje, ele enxerga que estar disposto a abrir mão é essencial para a felicidade no casamento.

Mas esse não é o único problema: “A falta de renúncia e diálogo gera um sentimento de

autodefesa, que sempre faz você acreditar que está renunciando mais do que o outro. Isso é uma bomba”, admite.



Luciano reconhece que os erros que ele e sua esposa, Adriana, cometeram ao longo de anos foram conduzindo seu casamento à ruína. “A traição não foi um mal isolado”, contou-me ele, “mas o ápice de um processo de erros que teve início anos antes.” Entre os problemas que me descreveu, consegui identificar facilmente que havia ações, omissões e inversões.

De cara, uma ação problemática: anos antes de o adultério ocorrer, ele vivera um encantamento por outra mulher, que não chegou a se consumar em traição, mas que ultrapassou os limites que uma esposa aceitaria. Esse problema gerou um mal de omissão, muito grave: Adriana nunca chegou a perdoar verdadeiramente o marido por isso, o que plantou a semente de um venenoso desejo de

vingança. “Essa falta de perdão foi um fator preponderante para o que ocorreria anos depois”, afirma ele.

Além disso, os dois tinham uma vida sexual insatisfatória. Ela passou a manifestar desinteresse e perda de libido, o que começou a desconectar os dois na intimidade. Com o tempo, ambos, omissos, se acostumaram e essa situação e se acomodaram ao esfriamento da sexualidade, o que acabou deixando-os vulneráveis nessa área.

Os erros continuaram a se empilhar. Luciano canalizou as atenções para a igreja. Passou a viver uma devoção diária à vida eclesiástica, com uma dedicação tão grande que viria a desviar sua presença e suas atenções do lar.

Outro fator preponderante apontado por Luciano para o desgaste e o afastamento dos dois ocorreu no campo das inversões. Sem conseguir atingir um patamar financeiro satisfatório, eles começaram a brigar por causa de dinheiro e a se

negligenciar como casal. Apesar de, biblicamente, a responsabilidade primária (mas não exclusiva) do sustento do lar ficar a cargo do homem, era Adriana quem sustentava a família, com seu trabalho como autônoma. Já Luciano não contribuía financeiramente na mesma proporção. Isso, ele admite, causou um desequilíbrio enorme e uma inversão nos papéis de cada um, o que gerou ainda mais desgaste no relacionamento e prejuízo na forma como ambos se enxergavam. “Eu abri mão da minha posição como homem e marido”, reconhece. O casal caminhava a passos largos rumo à calamidade matrimonial.

“Sem dúvida, consigo identificar que vivemos problemas nas áreas de ações, omissões e inversões, que pavimentaram o caminho para o abalo de nossa relação e o conseguinte adultério que viria a fazer ruir nosso casamento”, contou-me ele.



O casal se distanciou nos campos da razão, do sentimento e das atitudes, ao mesmo tempo que ambos erravam por ações, omissões e inversões. Não havia arrependimento; logo, não se evitavam novos erros e os antigos se repetiam ininterruptamente. Com a crise estabelecida, o cenário estava montado para o desmoronamento do matrimônio.

E foi o que aconteceu.

Após catorze anos de casamento, Adriana teve um caso extraconjugal. Não desejo entrar nos detalhes do adultério, mas o fato é que logo a infidelidade tornou-se do conhecimento das pessoas do círculo de relacionamentos do casal. Até que Luciano descobriu, em um momento em que, já arrependida, Adriana tinha encerrado o relacionamento com o outro homem. Os primeiros momentos do marido traído foram de perplexidade e ira. Ele chegou a destruir a cama do casal e jogá-la no lixo e passou um período sem dormir nem se

alimentar. Ficaram afastados por alguns dias. O divórcio era inevitável. Mas, então, algo aconteceu.

Perdão.

No primeiro encontro entre marido e mulher, tudo o que Luciano aprendeu ao longo da vida sobre a fé cristã, perdão e restauração veio à memória. E ali, no que tinha tudo para ser o palco de uma batalha, com palavras horríveis e atitudes agressivas, teve início o processo de reconstrução daquele casamento... Pois Luciano decidiu perdoar.

“Foi o arrependimento de Adriana que deu início ao perdão e ao processo de restauração. Arrependimento e perdão caminham juntos e, para que ocorram, deve haver razão, sentimento e atitudes. Ao perdoar minha esposa, os princípios que tinham sido esquecidos por nós dois foram revitalizados”, conta Luciano.

Ele explica que o aspecto racional do amor foi fundamental, pois foi o que o fez enxergar Adriana como um ser humano falível e a compreender a

própria parcela de culpa no processo que culminou com o adultério. “Acusá-la seria fácil, mas eu também fui culpado pelo que aconteceu em minha vida, pois ambos erramos em ações, omissões e inversões ao longo de muitos anos, o que roubou de nós a lucidez. O adultério foi só mais um de uma série de erros da parte de ambos”, disse Luciano.

Após o perdão, que veio acompanhado de muitas lágrimas e conversas ocorridas com calma e em amor, a parte sentimental foi gradualmente se restabelecendo, em um processo de cura que exigiu muita renúncia. “Ninguém perdoa erros do cônjuge sem renunciar. Tive de renunciar ao meu *eu*, ao meu orgulho de ‘macho alfa’, a cargos e benefícios, à minha dignidade social. A verdade é que, para perdoar minha esposa, precisei renunciar a tudo o que antes considerava importante, com exceção dos princípios que aprendi na Bíblia”, explica Luciano.



Quando perguntei o que mudou com todo esse processo, meu amigo afirmou que ele e a esposa conseguem não cometer mais os erros que os levaram à crise, pelo fato de terem vivido um arrependimento sincero. “O perdão nos curou de tudo aquilo, e o arrependimento nos dá segurança de não voltarmos a errar naqueles aspectos, pois perdão e arrependimento funcionam como vacinas preventivas contra o erro”, explica.

O perdão trouxe igualdade ao casal. “O cônjuge que foi vítima do erro jamais pode se sentir moralmente superior ao que errou, pois o perdão nos põe em nosso devido lugar e nos iguala. O perdão é a ponte entre a destruição do passado e a paz do futuro”, disse ele.

Escrevo este livro seis anos depois do ápice da crise, o caso extraconjugal. Pergunto a Luciano como está a relação do casal hoje, tendo passado o tempo e se consolidado o perdão. “Hoje, Adriana e eu somos outras pessoas, melhores, ainda com

defeitos, mas que conseguem se comunicar. Não dormimos mais sobre um problema; se algo ocorre, paramos, conversamos e resolvemos, fazendo uso da razão, vivenciando o sentimento e pondo atitudes em prática. Se cometemos um erro, acertamos logo. O perdão e o arrependimento promoveram nossa reaproximação como parceiros, revitalizaram a relação e nos curaram até na sexualidade e nas pequenas coisas do dia a dia”, explica.

Com o tempo, tudo se acertou. Luciano foi ordenado pastor e hoje prega e dá aconselhamento sobre arrependimento, perdão e casamento. Ele afirma que não sente tristeza, raiva ou qualquer outro sentimento ruim. “Hoje, minha esposa e eu somos livres”, conclui Luciano, com um sorriso.

Termino a conversa com meu amigo com uma certeza: ao final de tudo, a cura daquele casamento foi total. Por quê?

Porque o perdão foi total.

Sobre o autor

Maurício Zágari é escritor, editor, jornalista e teólogo. Recebeu os Prêmios Areté de “Autor Revelação do Ano” e de “Melhor Livro de Ficção/Romance” pelo livro *O enigma da Bíblia de Gutemberg*. É autor também dos livros *A verdadeira vitória do cristão*, *7 enigmas e um tesouro* e *O mistério de Cruz das Almas*. Pela Editora Mundo Cristão, publicou as obras *Perdão total: um livro para quem não se perdoa e para quem não consegue perdoar*, *O fim do sofrimento: um livro para quem busca consolo e esperança nos momentos mais sombrios*, *Confiança inabalável: um livro para quem quer vencer o medo e a ansiedade* e *Na jornada com Cristo: um livro para quem quer entender o sentido da vida e viver uma vida que faça sentido*. Escreve regularmente em seu blog *Apenas* (<http://apenas1.wordpress.com>). Membro da Igreja

Cristã Nova Vida em Copacabana (Rio de Janeiro, RJ), é casado com Alessandra e pai de Laura.

Conheça outra obra de

Maurício Zágari

- Perdão total
- O fim do sofrimento
- Confiança inabalável
- Na jornada com Cristo

Veja mais neste [link](#).

Compartilhe suas impressões de leitura
escrevendo para:

opiniaodo leitor@mundocristao.com.br

Acesse nosso *site*: <www.mundocristao.com.br>



Confiança inabalável

Zágari, Maurício 9788543301327

149 páginas [Compre agora e leia](#)

A ansiedade e o medo rompem nossa tranquilidade com indesejável frequência e sem pedir licença, provocando distúrbios, afetando o ânimo e minando seriamente a confiança sobre os caminhos que devemos seguir. Nesses momentos de desorientação, a sabedoria bíblica tem o poder de nos encher de ânimo, de esperança e da certeza do cumprimento dos planos de Deus em nossa vida.

'''Confiança inabalável' é uma poderosa ferramenta para auxiliar você a vencer a

ansiedade e o medo e a encontrar a paz e a esperança que tanto almeja.

Estou certo de que a leitura deste livro abençoará sua vida e encherá seu coração de esperança, para olhar para Deus e ter nele uma confiança inabalável."

Hernandes Dias Lopes

Pastor e escritor

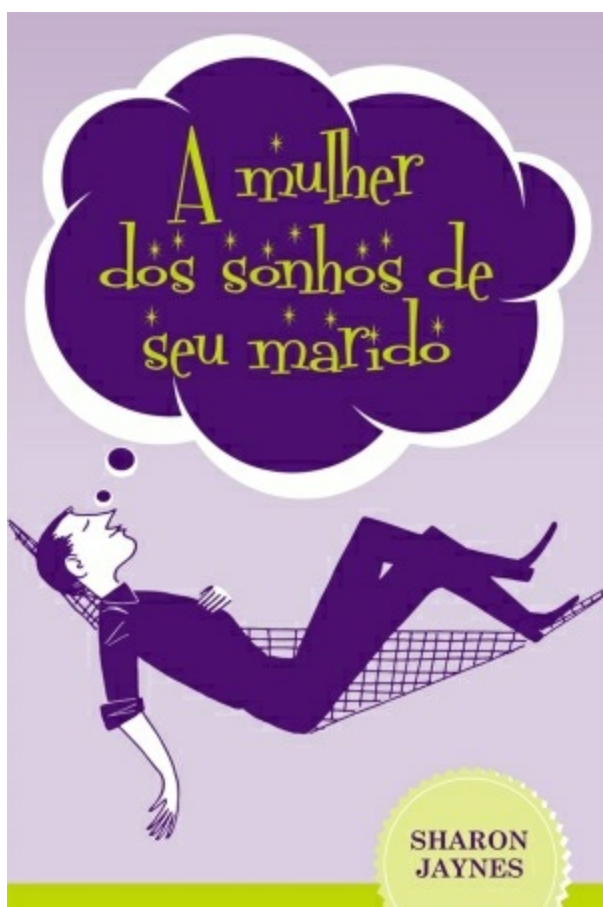
"Maurício Zágari cedo se destacou com obras de ficção cristã. Agora, se move com igual desenvoltura no terreno da teologia prática, oferecendo-nos um ótimo guia para mantermos a confiança em Deus em momentos difíceis e desafiadores. Os capítulos curtos são muito propícios para serem usados como reflexão devocional; os textos bíblicos

critériosamente selecionados e as tocantes orações enriquecem as reflexões. Que Deus use esta obra para sua glória e para transmitir coragem inquebrantável a seu povo."

Franklin Ferreira

Diretor geral e professor do Seminário Martin Bucer,
em São José dos Campos, SP

[Compre agora e leia](#)



A mulher
dos sonhos de
seu marido

SHARON
JAYNES

A mulher dos sonhos de seu marido

Jaynes, Sharon 9788573258097

320 páginas [Compre agora e leia](#)

Assim como as mulheres sonham com seu príncipe encantado, os homens também têm sonhos ao nosso respeito. E com seu marido não é diferente. Provavelmente ele, ao contrário de você, não passou horas da infância e juventude lendo histórias de amor e aprendendo como se tornar esse príncipe. Mas em algum momento ele olhou para você e enxergou a mulher dos seus sonhos. Para ter um casamento feliz, precisamos, em primeiro lugar, ter em mente o final feliz.

É com base nesta ideia que Shanon Jaynes ajuda você a se tornar a mulher dos sonhos de seu marido. A partir de pesquisas e entrevistas com vários homens, ela constatou que existem sete qualidades básicas que eles procuram na mulher ideal, entre elas o respeito pelo marido, encorajamento, amizade e satisfação sexual. Este não é um manual de como funciona o espécime masculino com o qual você decidiu compartilhar a vida, mas uma junção de informações que vai ajudá-la a descobrir o que se passa no fundo do coração do seu marido. Conheça seus desejos, anseios, dificuldades e necessidades, para que cada dia mais você seja a mulher com a qual ele sonhou e continua a sonhar.

[Compre agora e leia](#)

kevin leman

é seu filho,
não um
hamster

Reduza o
estresse na
educação das
crianças



É seu filho, não um hamster

Leman, Kevin 9788573258356

249 páginas [Compre agora e leia](#)

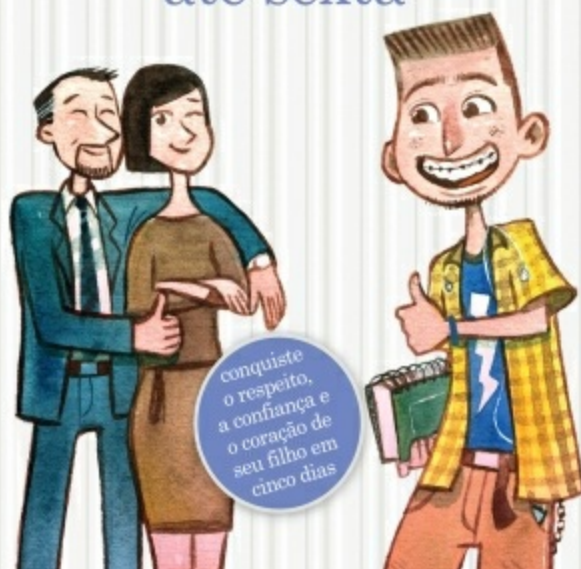
A maior alegria dos pais é ver os filhos bem-sucedidos em seus projetos. Infelizmente, muitos deles acham que seu dever se resume a treiná-los para a roda da vida, esquecendo que a maior herança deixada não é um farto saldo bancário, mas aquela compartilhada no dia a dia. É seu filho, não um hamster nos mostra que, no caminho para uma vida de sucesso, os filhos precisam mais dos pais do que de treinadores. A questão central apresentada por Kevin Leman é levar pais e

mães a entenderem até onde compensa sobrecarregar os filhos com tantas atividades. Embora o assunto seja sério e árduo, Leman trata do tema de forma agradável e levemente divertida. Viva uma experiência libertadora, ao compreender que seus filhos não são hamsters que correm dentro da rodinha em uma gaiola, e sim pessoas que querem e precisam de você.

[Compre agora e leia](#)

kevin leman

transforme seu adolescente até sexta



Transforme seu adolescente até sexta

Leman, Kevin 9788573258271

245 páginas [Compre agora e leia](#)

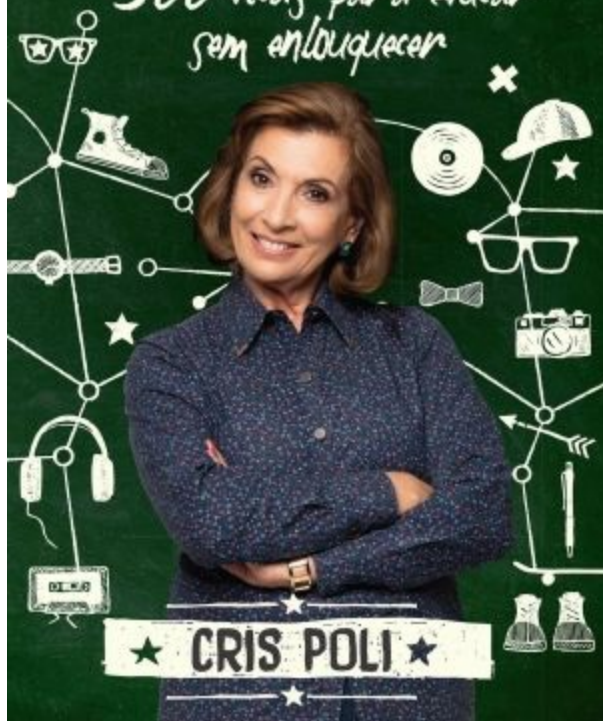
Anos de amor, carinho e atenção. Tempo e esforço dedicados a educar, formar caráter e ensinar boas maneiras. Os filhos pequenos são verdadeiros anjos em nossas vidas. De repente, os anjinhos entram em ebulição de hormônios, e todos os anos de educação e amor parecem ter sido em vão. Mas tudo pode voltar aos bons tempos em apenas uma semana. A adolescência é a fase mais difícil na vida de todo mundo, mas "esse tempo vai desaparecer mais rápido que areia numa

ampulheta, então por que não tirar vantagem dele?" é a proposta do dr. Kevin Leman nesta obra. Viva a adolescência de seus filhos sabendo exatamente como agir e, em uma semana, todos em sua casa estarão lidando sem dor ou estresse com esta fase tão importante da vida.

[Compre agora e leia](#)

S.O.S. DOS PAIS

*500 dicas para educar
sem enlouquecer*



★ CRIS POLI ★

S.O.S dos pais

Poli, Cris 9788543300450

163 páginas [Compre agora e leia](#)

Cris Poli dá uma importante contribuição para que os pais ou responsáveis adquiram ferramentas para a complexa e árdua missão de educar os filhos.

- Augusto Cury

Pais e mães sofrem por não saber como agir em diversas situações que envolvem os filhos. Seja pela inexperiência dos primeiros anos de paternidade, seja pelo estresse da rotina diária, o fato é que episódios aparentemente simples podem se transformar numa grande

dor de cabeça. ""S.O.S. dos pais - 500 dicas para educar sem enlouquecer foi escrito por Cris Poli, para ajudar pais e mães a resolver questões que surgem com a chegada dos filhos ou aquelas situações estressantes do dia a dia da família, como disciplina, relacionamento, educação, saúde, alimentação, sexualidade e tecnologia. Faça dele seu livro de cabeceira e você poderá evitar muitos problemas.

Como todo S.O.S., o objetivo deste livro é oferecer socorro imediato, para que, se necessário, você tenha tempo de buscar, sem angústia e com paz no coração, esclarecimentos mais completos.

As questões abordadas poderão ajudar você a compreender melhor ou a minimizar situações de conflito do dia a dia provocadas por

comportamentos ou hábitos não saudáveis adquiridos por seus filhos. O formato de pergunta e resposta foi escolhido justamente para que você encontrasse rapidamente o socorro de que precisa, no momento exato.

[Compre agora e leia](#)